



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Estudos da Linguagem

CAIQUE FRANCHETTO

**AS REPÚBLICAS ROMÂNTICAS: PRÁTICAS E INSTITUIÇÕES DA
CULTURA LETRADA PAULISTA NO SÉCULO XIX**

CAMPINAS,
2018

CAIQUE FRANCHETTO

**AS REPÚBLICAS ROMÂNTICAS: PRÁTICAS E INSTITUIÇÕES DA
CULTURA LETRADA PAULISTA NO SÉCULO XIX**

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Mestre em Teoria e
História Literária, na área de História e
Historiografia Literária**

Orientador: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

**Este exemplar corresponde à versão
Final de Dissertação apresentada pelo
aluno Caique Franchetto e orientada
pelo Prof. Dr. Francisco Foot Hardman**

**CAMPINAS,
2018**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES, 33003017

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Dionary Crispim de Araújo - CRB 8/7171

F845r Franchetto, Caique R., 1993-
As repúblicas românticas : práticas e instituições da cultura letrada paulista no século XIX / Caique R. Franchetto. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Francisco Foot Hardman.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Literatura - História e crítica - Teoria, etc.. 2. Romantismo. 3. Leitura. 4. São Paulo (SP) - Séc. XIX. I. Hardman, Francisco Foot. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The romantic republics : practices and institutions of the culture lectured of the São Paulo in the 19th century

Palavras-chave em inglês:

Literature - History and criticism - Theory, etc.

Romanticism

Reading

São Paulo (SP) - 19th century

Área de concentração: História e Historiografia Literária

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária

Banca examinadora:

Francisco Foot Hardman [Orientador]

Jefferson Cano

Josianne França Cerasoli

Data de defesa: 18-10-2018

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária



BANCA EXAMINADORA:

Francisco Foot Hardman

Jefferson Cano

Josianne França Cerasoli

**IEL/UNICAMP
2018**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

“ – Aliás, Paris, capital do mundo intelectual, é o teatro de seus sucessos! Ultrapasse prontamente o espaço que dele o separa! Não deixe suas ideias criarem ranço na província, comunique-se prontamente com os grandes homens que representam o século XIX. Aproxime-se da corte e do poder. [...] Os Bourbons apreciam tanto favorecer as letras e as artes! Assim, seja a um tempo religioso e poeta realista. Não somente será bom, mas você fará fortuna. Será por acaso a oposição, o Liberalismo que dá colocações, recompensas, e que faz a fortuna dos escritores?”

(Diálogo entre Mme Louise de Bargeton, amiga, e Lucien)

“ – Todas essas incursões pelos campos do pensamento, nosso monumento construído com nosso sangue torna-se para os editores um mau ou bom negócio. [...] Todo homem superior eleva-se acima das massas, seu sucesso está, pois, em proporção direta com o tempo necessário para apreciar a obra. Nenhum livreiro deseja esperar. O livro de hoje deve ser vendido amanhã.”

(Diálogo entre Lousteau, jornalista, e Lucien)

“ – O senhor é jovem, meu rapaz! O senhor me traz a eterna coleção dos primeiros versos que fazem, ao sair do colégio, todos os jovens de letras, coleção a que se apegam no início mas da qual mais tarde zombam.”

(Diálogo entre Dauriat, editor-livreiro, e Lucien)¹

Honoré de Balzac

¹ Trechos de *Ilusões Perdidas*, de Honoré de Balzac, tradução de Leila de Aguiar Costa, São Paulo: Abril, 2010.

A Laura,
companheira e amada

AGRADECIMENTOS

Muitos são os receios ao se pensar em escrever os agradecimentos. O melhor seria não os escrever, por mera rebeldia, mas, além das exigências acadêmicas, é de bom tom considerar aqueles que permitiram a confecção desse texto bem como o desenvolvimento dessa pesquisa. O verdadeiro receio, penso eu, é esquecer de mencionar alguém por puro esquecimento, ou de nada valer o agradecimento visto que esse trabalho corre o risco de se perder na sombria e empoeirada seção de teses da biblioteca universitária. Esse, sim, é o maior medo de um pesquisador. Visto isso, sinto-me na liberdade de agradecer apenas àqueles que próximos de mim estiveram e/ou que suas ações foram cruciais no meu desenvolvimento nessa etapa de minha vida; de homenagear meus professores, cujas conversas e ideias foram das mais valiosas; e todas as pessoas anônimas, das quais só me recordo de suas profissões. Se de alguém eu vier a me esquecer, não pedirei desculpas, pois não é da natureza humana uma memória tão versátil nem uma inspiração tão profunda no momento da confecção das folhas iniciais do texto de dissertação. No mais, começarei meus agradecimentos por uma ordem cronológica dos acontecimentos, sem qualquer juízo de valor. É apenas uma maneira d'eu me organizar mentalmente.

Quando eu era um jovem “bixo”, achava um verdadeiro absurdo agradecer à família ou a divindades, pois acreditava que eles nem ao menos tinham conhecimento do que era a vida acadêmica e de seus temas. Hoje, creio de suma importância agradecer, pelo menos, às minhas famílias: à primeira, resumida aos meus pais, que como professores e hoje entusiastas da vida acadêmica, apoiaram-me em todas as decisões que tomei quanto à minha vida pessoal, intelectual e acadêmica, dando-me todo o suporte emocional e, claro, financeiro, permitindo-me seguir meus estudos como prioridade;

Agradeço à minha segunda família, resumida à minha companheira e esposa Laura, que viu essas ideias nascerem, crescerem e tentarem andar com suas próprias pernas. Agradeço novamente, para evocar uma espécie de ternura textual, que, por conta dos meus objetivos acadêmicos, decidiu-se mudar de cidade e de vida para vir morar comigo, inicialmente em dificuldades, para hoje construirmos, aos trancos-e-barrancos, nossa vida de casal, plena de companheirismo emocional, social e intelectual, juntos aos nossos gatos. Obrigado, minha amada.

Não poderia, em hipótese alguma, deixar de agradecer à Professora Maria Lúcia Dias Mendes, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), a Malu, que me acolheu como “mãe acadêmica”, iniciou-me na pesquisa e que me influenciou em demorado como professor de literatura. Confiando-me tarefas de extremo valor ao longo de sua tutoria na minha graduação. Merci, Malu.

Aproveito para agradecer a todos os professores da Unifesp que influenciaram diretamente na minha formação como professor e pesquisador, em especial, às professoras da área do Francês, e aos professores de Estudos Literários e de Literatura Brasileira. Bem como todos os funcionários da biblioteca e da secretaria pelo excelente trabalho exercido até hoje.

Agradeço a confiança que o Prof. Francisco Foot Hardman atribuiu a mim, permitindo-me ser orientado por uma fonte da qual pude beber e me inspirar para ser um acadêmico mais crítico e agente social. Agradeço ao Prof. Foot por toda a liberdade dada a mim para conduzir essa pesquisa, orientando-me pontual e pertinentemente em todas as nossas conversas.

Na mesma esteira do agradecimento anterior, aproveito para lembrar das importantes contribuições dos Professores Mário Frungillo, Márcio Seligmann-Silva e Jefferson Cano do IEL, e da contribuição valiosíssima da Professora Josianne Francia Cerasoli, que além de membro da banca de qualificação e de defesa, acolheu-me em suas disciplinas no IFCH-Unicamp.

Deixo aqui registrado meu agradecimento a todos os funcionários da coordenação

e secretaria de Pós-Graduação do IEL, bem como os funcionários de todas as bibliotecas da Unicamp, por sempre estarem dispostos a ajudar. Sem dúvidas, seu ótimo compromisso e trabalho estão presentes no cotidiano da universidade.

Agradeço também aos demais funcionários: bibliotecários, conservadores de acervos e secretários dos Institutos, Bibliotecas e Faculdades da Universidade de São Paulo (USP) que frequentei e onde sempre fui muito bem recebido e atendido com muito generosidade de ambas as partes. Meus agradecimentos e respeitos aos funcionários da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo, e da Biblioteca Municipal Prof. Ernesto Manuel Zink, em Campinas, que também me atenderam em todas as minhas demandas de acervos, catálogos e consultas das mais variadas.

Deixo aqui minha consideração a todas as pessoas: conhecidos que estão eventualmente presentes, pessoas de suma importância que vieram e se foram, antigos e novos amigos que me influenciaram ou influenciei de alguma forma, que souberam me instruir e, também, confortar-me, obrigado a todos vocês. Um agradecimento especial à Carmen, cujos nossos caminhos tiveram a felicidade de se encontrar à coincidência de termos o mesmo orientador, e que com muito carinho nos acolheu, Laura e eu, em meio a esta cidade que nos pareceu tão inóspita no início. Carmen, e sua família, direcionou-nos e acalentou-nos física e emocionalmente nesse momento de mudança. Apesar da atual distância, nutrimos uma valiosa amizade. Gracías, Carmen.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que me contemplou com a bolsa de mestrado, sem a qual parte desses estudos não teriam sido concluídos. Auxílio financeiro este que está sofrendo severos cortes dos atuais governos que acreditam que uma sociedade democrática pode caminhar para frente sem pesquisa e sem universidades de ensino público e de qualidade. É latente, na era contemporânea, o auxílio integral e contínuo de agências de fomento para que continuemos a nos desenvolver na docência e na pesquisa.

Campinas-SP, maio-agosto de 2018

RESUMO

Quando percorremos a história do Brasil no século XIX, alguns tópicos são incontornáveis, como a independência e a consolidação de um projeto nacional de cultura que abarcasse, sobretudo, as artes, a língua e a literatura. Inspirado pelas ideias românticas e liberais, esse discurso circula pelos periódicos e pelas Instituições políticas, educacionais e, inclusive, as de leitura; constituindo o espaço público do debate.

Desse modo, a história social e cultural do livro e da leitura pode auxiliar para rastrear os caminhos da formação literária e histórica do Brasil e do Romantismo, representados pelos estudantes de Direito em São Paulo, os quais fizeram com que toda a cultura literária e acadêmica francesa fosse reelaborada no contexto local. Um exemplo notável é Álvares de Azevedo que, além de poeta, foi um pensador e crítico, cujos textos teóricos estavam inseridos no que eram as revistas acadêmicas da segunda metade do século XIX, compondo uma verdadeira coletânea do que era lido e pensado por esses estudantes entre as aulas na faculdade e depois nas tavernas e sessões das sociedades secretas que se formaram ao redor no centro de São Paulo.

Como apontam os historiadores de São Paulo e os estudos de práticas e instituições de leitura na modernidade, os circuitos dos livros não apenas se centravam na Capital, mas inclusive por toda a Província Paulista, curiosamente no trajeto da principal linha ferroviária desenvolvida para o transporte do café e de outros elementos da modernização urbana da Província. O desenvolvimento de circuitos comerciais e intelectuais, em que livros e estudantes, bem como outros membros da cultura letrada, circularam ocorre paralelamente às suas mudanças sociais e políticas, sobretudo em relação à introdução de ferrovias, do desenvolvimento da cultura cafeeira e adensamento urbano, além do debate acerca da instrução pública e das instituições de leitura e de ensino.

Portanto, o principal objetivo dessa pesquisa é verificar e analisar catálogos e almanaques de instituições de leitura do século XIX na Província de São Paulo para se discutir as três categorias de práticas, intenções e instituições de leitura e da cultura letrada em relação ao projeto de formação cultural de leitores e de seus acervos intelectuais nos espaços públicos de debate no Romantismo paulista.

Por fim, o desenvolvimento econômico e social da São Paulo oitocentista é paralelo ao aclimatação da Faculdade de Direito e de seus acadêmicos. Na maioria, românticos que discutiam obras francesas de seus heróis também românticos, eles ao longo do século desenvolverão os ideais liberais que transformarão o burgo dos estudantes numa metrópole e em um dos maiores centros intelectuais do país, revelando que as ideias estavam em seu lugar.

Palavras-chave: História literária. Romantismo. Leitura. Circulação. Recepção. São Paulo. Século XIX.

ABSTRACT

When we go through History of Brazil in 19th century, there is some points that can't be avoided, as independence and consolidation of a national culture project which include, mainly, art, language and literature. Inspired by romantic and liberal ideas, that speech round between periodicals and political, educational and, even, literature institutions and raise a public space to debate.

Therefore, the social and cultural history of book and of lecture can help to track the paths of literature and historical formation on Brazil and Romanticism, formed by undergraduates of Law in São Paulo, those who make that all the literary and academic french culture was reworked to local context. A remarkable example is Álvares de Azevedo, besides a poet, was a thinker and critic, whose theoretical texts was insert in what was academic magazines in second half of the 19th century, making a truly collection of what was readed and thought by those undergraduates between classes in the college and after in taverns and secret societies sessions whose formed around the heart of São Paulo.

As indicated São Paulo's historians and studies of practical and institutions of reading in modernity, the route of books wasn't only in Capital, but all around the Paulista Province, curiously on the way of principal railway developed to transport coffee and another elements those were keys to urban modernization of Province. The development of commercial and intellectual circuits, whose books and undergraduated, as another memberships of literate culture, happen along to social and political changes, especially in relation to introduce the railway, development of coffee culture and urban densification, beyond the debate about public institution and reading and teaching institution.

Therefore, the main objective of this research is verify and analyze catalogs and almanacs of lecture in 19th century on the province of São Paulo to discuss three categories of practices, intentions and reading institutions of literate culture in relation to cultural project formation of readers and their intellectual collections in public spaces for debate in paulista Romanticism.

Finally, the economic and social development of São Paulo in 19th century and the settle down of Law College and its academics happen at the same time. Mainly, romantics who discuss french literary work of his heroes also romantics, they over the century will develop the liberal ideias who will transform undergraduate burgh in a metropolis and in one of the biggest intellectual center of country, revealing that ideas are right at the place.

Key-words: Literary History. Romanticism. Reading. Circulation. Reception. São Paulo. 19th Century.

RÉSUMÉ

Lorsque on parcourt l'Histoire du Brésil au XIX^e siècle, quelques questions sont inévitables, tel l'indépendance et la consolidation d'un projet national de culture qui considère, surtout, les arts, la langue et la littérature. Inspiré par des idées romantiques et libérales, ce discours tourne dans la presse et dans les Institutions politiques, de l'éducation et, y compris, celles de lecture ; en formant l'espace public du débat.

De cette façon, l'Histoire sociale et culturelle du livre et de la lecture peut élucider les chemins de la formation littéraire et historique du Brésil et du Romantisme, représentés par les étudiants de Droit à São Paulo qui ont laissé emporter toute la culture littéraire et académique française et celle qui devrait être adaptée et appliquée à la situation locale. Un exemple notable c'est Álvares de Azevedo qui, non seulement poète, a été un penseur et un critique littéraire, dont ses textes théoriques étaient dedans les revues académiques de la deuxième moitié du XIX^e siècle, en composant un recueil véritable de ce qui était lu et pensé par ces étudiant entre les classes à la faculté et ensuite dans les tavernes et dans les sessions des sociétés secrètes qui se sont développées au centre-ville de São Paulo.

À partir des historiens de São Paulo et des études des pratiques et des institutions de la lecture à la modernité, les circuits de livres non seulement se concentrent à la Capital, mais aussi pour toute la Province de São Paulo, par hasard dans la ligne principale de chemin de fer développée pour le transport du café et d'autres produits de la modernisation urbaine de la Province. Le développement des circuits commerciaux et intellectuels, où des livres, des étudiants et d'autres membres de la culture lettrée tournaient est parallèle les changements sociaux et politiques, surtout par rapport à l'installation des lignes de chemin de fer, au développement la culture du café et à la densification urbaine, au-delà du débat sur l'instruction publique et des institutions de lecture et d'enseignement.

Donc, le but principal de cette recherche est de vérifier et d'analyser des catalogues et des almanachs des institutions de lecture au XIX^e siècle dans la Province de São Paulo afin de se discuter les trois catégories des pratiques, des intentions et des institutions de lecture et de la culture lettrée dans le projet de formation culturelle de lecteurs et de ses collections intellectuelles dans les espaces publics de débats et dans Romantisme à São Paulo.

Enfin, le développement économique et social de São Paulo au XIX^e siècle est parallèle l'installation de la Faculté de Droit et de ses hommes de lettres. La plupart de ces hommes étaient romantiques qui discutait des œuvres françaises de leurs héros aussi romantiques, et ils développeront durant le siècle les idéaux libéraux qui deviendront le village d'étudiants dans une grande ville et dans l'un des plus grands centres intellectuels du pays, en montrant que les idées étaient en place.

Mots-clés : Histoire littéraire. Romantisme. Lecture. Circulation. Réception. São Paulo. XIX^e siècle.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Catálogo Biblioteca da Faculdade de Direito – Terceira Classe: Ciências e Artes	30
Tabela 2 – Catálogo Biblioteca da Faculdade de Direito – Quarta Classe: Belas Letras	33
Tabela 3 – Catálogo Biblioteca da Faculdade de Direito – Quinta Classe: História e Geografia	38
Tabela 4 – Livrarias, Guardas-Livros, Gabinetes de Leitura, Casas Importadoras e Tipografias (1973-1887).....	52
Tabela 5 – Catálogo Livraria Garraux de 1866 – Síntese dos títulos de Belas-Letras francesas e/ou em francês e luso-brasileiras e/ou em português notórios e que merecem des- taque.....	56
Tabela 6 - Catálogo Livraria Garraux de 1872 – Síntese dos títulos de Belas-Letras francesas e/ou em francês e luso-brasileiras e/ou em português notórios e que merecem des- taque.....	57
Tabela 7 – Catálogo da Biblioteca Mário de Andrade – Obras de autores publicados no Brasil e na Europa.....	68
Tabela 8 – Catálogo da Biblioteca Mário de Andrade – Obras de autores e/ou em francês	71

SUMÁRIO

Introdução	14
Capítulo 1 – As repúblicas românticas	19
1.1. Ideias de projeto: nacionalismos, liberalismos e romantismos	19
1.2. Leitura sob as arcadas: a Faculdade de Direito e o Romantismo paulista	24
1.3. O <i>Catálogo da Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo em 1887</i> 28	
Capítulo 2 – Práticas e instituições da cultura letrada	42
2.1. Os <i>Almanaques</i> como inventário da vida social, econômica e cultural	42
2.2. No trajeto do trem: casas de importação e de comércio livreiro	50
2.3. A Casa Garraux e as bibliotecas e gabinetes de leitura pela Província paulista	53
2.4. O <i>Catálogo de Obras Raras da Biblioteca Municipal Mário de Andrade</i> ...	65
Capítulo 3 – Leituras seculares	75
3.1. Os artefatos de Álvares de Azevedo	75
3.2. Álvares de Azevedo e outras práticas de leituras	82
Considerações	91
Referências	94
Fontes e documentos.....	94
Acervos e Institutos	94
Obras e autores citados e consultados.....	95
Bibliografia citada e consultada	96
Anexos	103
Levantamento no <i>Catálogo da Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo em 1887</i> : Prefácio e obras	103
Levantamento no <i>Catálogo de Obras Raras da Biblioteca Municipal Mário de Andrade</i> : Introdução e obras	114

INTRODUÇÃO

A pacata Província de São Paulo do início do século XIX, escolhida, depois de intensos debates na Câmara dos Deputados, pelo Imperador para gerir a nova elite intelectual da recém-nascida Nação – distante o suficiente das oligarquias sulistas e dos rebeldes separatistas, e ainda perto da Corte para “integrar”, e também “controlar” o Estado-Nação – começa a se voltar à também recém-fundada Faculdade de Direito do Largo São Francisco, na Capital. A população do então vilarejo era formada por pequenos comerciantes locais, franciscanos, professores e, sobretudo, por estudantes que viriam a se tornar os *homens de letras* ao longo do oitocentos. Estes estudantes discutiam nas tavernas, nos cafés e nas repúblicas as obras europeias que carregavam consigo. Obras estas que chegavam e circulavam nas recentes bibliotecas, livrarias e gabinetes de leitura da Província, e revelariam ao historiador literário práticas, intenções e instituições de leitura.

As historiografias literárias canônicas apontam o Rio de Janeiro – capital do Império e centro das transações comerciais e culturais do país com a Europa – como marco inicial da formação do Romantismo brasileiro. Não há como contestar que, no Rio de Janeiro, o Romantismo brasileiro se legitima nas páginas do *Jornal do Commercio* e nas estantes da Livraria Garnier. No entanto, foi o então burgo paulista, visto nos relatos de viajantes e pelas historiografias literárias como uma comunidade atrasada, que incumbiu à Faculdade de Direito o meio de instruir e consolidar a nova elite liberal do país, bem como meio de praticar a “missão civilizadora” desses homens de letras, incitando uma proeminente esfera pública do debate e desenvolvendo um circuito comercial voltando também à formação de instituições de leitura e de público leitor ao longo do oitocentos.

Percorrer a formação da cultura letrada em São Paulo é esbarrar na experiência histórica do Romantismo na cidade e no Brasil Império no período da constituição de sua nacionalidade e espaço público do debate. Em outras palavras, o crescimento de circuitos comerciais e intelectuais, em que livros e estudantes, bem como outros membros da cultura letrada, circularam ocorre paralelamente às mudanças sociais e políticas tanto na Capital como na Província Paulista, sobretudo em relação à introdução de ferrovias, ao desenvolvimento da

cultura cafeeira e ao adensamento urbano, além do debate acerca da instrução pública e das instituições de leitura e de ensino.¹

A relação, portanto, entre cultura letrada e as instituições é incontornável, pois a mesma se forma a partir de um discurso nacional, liberal e romântico que circula pelos periódicos e por essas instituições. Acredita-se aqui como “Instituições” não apenas aquelas jurídica e politicamente estabelecidas, mas também as de leitura, como bibliotecas, livrarias e gabinetes de leitura, nos quais circulavam livros, e os espaços da intelectualidade acadêmica e os institutos de instrução e de ensino, onde essas ideias, sistematizadas pelos livros e na formação de comércio livreiro e de público leitor, eram debatidas. Em outras palavras, nos espaços públicos do debate que começavam a se constituir na capital do Império e nas demais capitais de província, sobretudo naquelas que possuíam instituições de ensino e de leitura e uma imprensa periódica estabelecidos. Por conta disso, a história social e cultural do livro e da leitura pode auxiliar para rastrear os caminhos da formação literária e histórica do Brasil e do Romantismo, pois justamente as bibliotecas e os gabinetes de leituras eram considerados espaços “civilizadores” constituídos de “fins morais”, de “convivialidade e de reiteração dos vínculos identitários”.²

Estudar as práticas, intenções e instituições da cultura letrada é questionar-se sobre o quê, por quê, onde e em que circunstâncias se lia. Em outras palavras, a formação de público leitor esbarra na ampliação e desenvolvimento desses espaços públicos, e permite se questionar como eram reelaboradas as ideias que circulavam e eram debatidas frente aos novos projetos literários, artístico-culturais e sociais representados pela São Paulo do século XIX.

Segundo o estudo realizado na pesquisa de Iniciação Científica dentro do Projeto Temático “A circulação transatlântica de impressos” que deu origem a este texto³, o *Catálogo*

¹ Essas afirmações estão presentes em CAMPOS, Alzira L. A. “Vida cotidiana e lazer em São Paulo oitocentista”. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo – A cidade no Império (1823-1889)*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 251-305; e em BONTEMPO JR., Bruno. “Do vazio à forma escolar moderna: a história da educação como um fardo na Cidade de São Paulo”. In: PORTA, *Ibidem.*, p. 507-549.

² Essas ideias estão presentes no esclarecedor ensaio de Nelson Schapochnik que sintetiza sua tese acerca das bibliotecas e gabinetes de leitura na Corte Imperial. Cf. SCHAPOCHNIK, Nelson. “A leitura no espaço e o espaço da leitura”. In: ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura Letrada no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 229-243.

³ Pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida na Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/UNIFESP), sob orientação da Profª Drª Maria Lúcia Dias Mendes, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2014/08694-4, entre julho de 2014 e dezembro de 2015. Fez parte do Projeto Temático de Pesquisa “A circulação transatlântica – a globalização da cultura no século XIX (1789-1914), coordenado pela Profª Drª Márcia Abreu (IEL/UNICAMP) e pelo Prof. Dr. Jean-Yves Mollier (Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines), durante a vigência da pesquisa de Iniciação Científica.

da *Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo em 1887 (CFD)*⁴ revela, apesar de sua escassez e do conservadorismo franciscano e da retórica clássica, do qual herdou maior parte de seu acervo, intenções de se formar uma biblioteca “moderna”, sob os ideais liberais, contra a opressão dos costumes e da política da Monarquia Portuguesa e do cristianismo que sede o espaço para a Faculdade de Direito. Dentre os títulos, encontram-se disponíveis ao público obras de Voltaire, de Rousseau e de Tocqueville na seção de “Sciencias e Artes”, e Guizot em “História e Geographia”, além de títulos de “Bellas Lettras” de autores franceses, como Chateaubriand e Lamartine, em outras palavras, títulos que compõem a biblioteca da modernidade romântica.

Já a Introdução de Leonardo Arroyo, então diretor da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, para o seu *Catálogo de Obras Raras (CMA)* de 1969, permite-nos compreender que o acervo raro da biblioteca fora iniciado e formado, em 1927, a partir de remanejamento de extintas bibliotecas públicas e privadas e de doações de livreiros e de famílias tradicionais do século XIX, como é o caso dos acervos da Família Prado⁵. O *CMA* pode ser compreendido, portanto, como um autêntico panorama de quais livros circularam nas bibliotecas, livrarias e gabinetes de leitura no oitocentos. Sua compilação revela que entre o período de 1822 a 1889, circulavam pela Província obras de nossos românticos (José de Alencar, Castro Alves, Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Fagundes Varela), bem como poetas e romancistas franceses (Béranger, Lamartine, Victor Hugo, Balzac), além de historiadores como Guizot, Michelet e Thiers, fundamentais com suas *histórias da revolução francesa*, além das *histórias da vida privada da burguesia francesa*.

Infelizmente, muito se perdeu em relação ao acesso total dos acervos dessas bibliotecas, livrarias e gabinetes oitocentistas. Alguns catálogos, como os da própria Faculdade de Direito, o da Biblioteca Mário de Andrade, o da Casa Garraux e dos Gabinetes de Leitura Rio-clarense e Sococabano, ainda restam disponíveis para consulta. Para auxiliar no mapeamento dessas instituições de leituras, os *almanaques* (em geral literários,

⁴ *Catálogo da Bibliotheca da Faculdade de Direito de São Paulo em 1887*. Para referenciar o catálogo, será usada a abreviação *CFD*.

⁵ Ver. Introdução de Leonardo Arroyo para o *Catálogo de obras raras da Biblioteca Municipal Mario de Andrade* (1969) e a documentação de preservação patrimonial da Secretaria de Cultura do Município de São Paulo. “Histórico e Acervo da Biblioteca Mário de Andrade”. Salvo entre 14 de agosto de 2007 e 8 de dezembro de 2007, seção “Bibliotecas Públicas Municipais”. Ambos catálogos e documentos estão disponíveis no acervo e biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Para referenciar o catálogo, será usada a abreviação *CMA*.

administrativos, industriais e comerciais) da Província de São Paulo ao longo do oitocentos são verdadeiros inventários da “vida social” paulista⁶.

A partir das considerações acima, o principal objetivo dessa pesquisa é verificar e analisar catálogos de instituições de leitura do século XIX na Província de São Paulo para se discutir as categorias de práticas, intenções e instituições de leitura da cultura letrada em relação ao projeto de formação cultural (nacional, liberal e romântico) de leitores e de seus acervos intelectuais nos espaços públicos de debate.

Com base nos documentos analisados, essa pesquisa também pretende colaborar para o mapeamento das práticas culturais de leitura e da formação de acervos literários e de formação de público leitor ao descrever catálogos de bibliotecas e outras manifestações de leitura-escrita em veículos impressos, que consistem na consolidação de cultura letrada oitocentista em São Paulo.

Na primeira parte, que nomeia o capítulo inicial, “As repúblicas românticas”, pretende-se discutir os conceitos de Nação pautados nos mitos e nas tradições construídos na história e na literatura durante o século XIX. Compreendendo, portanto, como a consolidação de uma “nação republicana”, inserida em um Império, seria fundamentada a partir da instrução acadêmica dos bacharéis “aprendizes do poder” que viriam a formar a elite liberal e intelectual⁷. A partir dessas considerações, seria possível entender o nacionalismo romântico enquanto uma maneira de inserir na cultura as ideias de progresso e de liberalismo (a “missão civilizadora” dos homens de letras). Por fim, a instalação da Faculdade de Direito e de sua Biblioteca representariam as novas formas de sociabilidade, a concepção de práticas e de instituições de cultura letrada; e figurariam as transformações culturais, urbanas e comerciais ao longo do Romantismo e da modernidade paulista.

O segundo capítulo, “Práticas, intenções e instituições da cultura letrada”, procura investigar como o circuito da leitura e do livro se emancipa e se efetiva na cidade por meio do periodismo. Nesse caso, os almanaques da Província de São Paulo são um verdadeiro inventário de quais instituições abriam e funcionavam na Província bem como o que era publicado e lido.

⁶ A relação de almanaques é a seguinte: *Almanak da Província de S. Paulo; Almanak administrativo, mercantil e industrial da Província de S. Paulo; e Almanach litterario de S. Paulo*. Todos eles podem ser consultados fisicamente na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP) e no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Os mesmos se encontram digitalizados e disponíveis online no portal da Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional, in: <http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>. Sobre o trabalho acerca dos almanaques na São Paulo oitocentista, ver. OLIVEIRA, Maria Coleta. “Os Almanagues de São Paulo como Fonte de Pesquisa”. In: MEYER, Marlyse (org.). *Do Almanak aos Almanagues*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2001, p. 23-24.

⁷ A formação da elite jurídica liberal a partir dos bacharéis de São Paulo e Recife é debatida em ADORNO, Sérgio. *Os aprendizes do poder (o bacharelismo liberal na política brasileira)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Além dos almanaques, os catálogos da Casa Garraux, dos gabinetes de leitura e de bibliotecas, tal qual o da Biblioteca Municipal Mário de Andrade (CMA), como mencionado, também revelam, a partir da formação de seus acervos, quais eram os livros que compunham os circuitos da leitura e do livro e que compunham essas instituições da cultura letrada.⁸

O terceiro capítulo e última parte, “Leituras seculares”, tem por objetivo rastrear, a partir da obra crítica de Álvares de Azevedo (seus discursos e ensaios-análises literários para as revistas acadêmicas) as leituras feitas pelo poeta e como Álvares será lido ao longo do oitocentos. Pretende-se, nesse capítulo, compreender Álvares de Azevedo como um personagem que represente o homem de letras e cidadão da cultura letrada paulista, cujas leituras e considerações representavam escolhas e interesses de uma comunidade intelectual, consolidando na história da literatura brasileira as ideias do mito civilizador do liberalismo e do progresso, das contradições entre nacionalismo e cosmopolitismo do nosso Romantismo, e da problemática da modernidade paulista entre os séculos XIX e XX.

Por fim, o desenvolvimento econômico e social da São Paulo oitocentista é paralelo ao aclimatação da Faculdade de Direito, de seus acadêmicos e da consolidação de uma elite letrada. Na maioria, compostos por românticos que discutiam obras francesas de seus heróis também românticos, eles ao longo do século desenvolverão os ideais “crença-iluminismo-progresso” e “descrença-melancolia-ceticismo” que transformarão o burgo dos estudantes na metrópole do café e em um dos maiores centros intelectuais do país⁹, revelando que as ideias estavam em seu lugar, mas com roupagem apropriada ao clima local aos interesses das esferas públicas do debate.

⁸ A tese de Marisa Midori Deaecto, além de estudar a vida de livreiros e de seus acervos na São Paulo oitocentista, é um trabalho pioneiro acerca das instituições e práticas de leituras, no que chamamos de início da modernidade paulista. Sua tese foi fundamental para o amadurecimento da ideia de realizar essa pesquisa e está, até inconscientemente, inserida nas linhas desse texto. Ver. DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista*. São Paulo: Edusp / Fapesp, 2011.

⁹ Essas ideias estão presentes em CAMPOS, *Ibidem*, In: PORTA, *Op. cit*, 2004.

CAPÍTULO 1 – AS REPÚBLICAS ROMÂNTICAS

1.1. IDEIAS DE UM PROJETO: NACIONALISMOS, LIBERALISMOS E ROMANTISMOS

Quando percorremos a história literária do Brasil no século XIX, alguns tópicos são incontornáveis, como a independência e a consolidação do projeto nacional a partir dos modelos revolucionários e liberais na França e nos Estados Unidos da América. As primeiras décadas dos oitocentos foram cruciais para a intelectualidade brasileira se pensar enquanto uma Nação política e culturalmente independente de Portugal. Em 1833, os românticos liderados por Gonçalves de Magalhães deram um importante passo para essa resolução: a criação de uma revista literária que vincularia o nacionalismo a uma ideologia sentimental da cultura comum da nação e da pátria.¹⁰ Segundo Fernando Catroga, a noção de Estado difundida pelos modernos o definia como um espaço institucionalizado do poder a partir de uma linguagem técnico-política. Já a Pátria estaria relacionada ao sentimento subjetivo de pertencimento a uma terra, ou seja, da transmissão da origem de um território como uma Paisagem a ser compartilhada – pensamento este romântico que vê na Natureza um dos critérios que define uma comunidade de outra. A partir disso, a Nação ou Estado-Nação seriam a ponte entre Estado e Pátria, onde está concentrada a comunidade de mesma descendência, plano cultural, língua, hábitos, costumes e tradições comuns.¹¹

Contudo, para o historiador Eric Hobsbawm, o “conceito de ‘nação’ (isto é, com ‘nacionalismo’)” não apenas está ligado a uma “unidade política” como sua ideia é uma construção.¹² Segundo o historiador, “Nação” é um conceito construído historicamente e politicamente, inserido em um discurso político e social, como por exemplo, a noção de uma nacionalidade revolucionária a partir das revoluções na França e nos Estados Unidos.¹³ Isto é,

¹⁰ Sobre a definição de Pátria e Nação, ver. CATROGA, Fernando. “Pátria, Nação”. In: NAXARA, Márcia; CAMILOTTI, Virgínia (orgas.). *Conceitos e linguagens: construções identitárias*. São Paulo: Intermeios / Capes, 2013, p. 15-31.

¹¹ CATROGA, *Op. cit.*, 2013, p. 19.

¹² Ver. HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Trad. M. C. Paloi & A. M. Quirino. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013, P. 17-18.

¹³ HOBBSAWM, *Op. Cit.*, 2013, p. 31-32.

o conceito é constituído das noções de independência e autonomia de um Estado (corpo político), de um povo e de um território.

Ainda em Hobsbawm, o caminho a ser percorrido é compreender, portanto, as noções de Nação/Liberalismo/Capitalismo enquanto algo internacional em que as culturas (dentro de suas lógicas econômicas) estão inseridas em um Capitalismo global, além de critérios internos nacionais.¹⁴ “Na prática, havia três critérios que permitiam a um povo ser firmemente classificado como nação”: I) o passado histórico ligado ao Estado; II) uma elite cultural com “vernáculo administrativo”, jurídico” e “literário escrito”; III) capacidade de conquistas, organização e controle dentro da política liberal.¹⁵ Vinculado, então, ao sentido de nação, estaria o slogan liberal na França que relaciona o “princípio de nacionalidade” como progresso:

“Portanto, se o único nacionalismo historicamente justificável era aquele ajustado ao progresso – isto é, aquele que alargava, e não restringia, a escala de operação humana na economia, na sociedade e na cultura –, qual podia ser a defesa dos povos pequenos, das línguas menores e das tradições menores, na grande maioria dos casos, a não ser uma expressão da resistência conservadora ao avanço inevitável da história? Os pequenos povos, línguas e culturas ajustavam-se ao progresso apenas no caso de aceitarem um status subordinado a alguma unidade maior ou caso se retirassem da batalha para se tornar um repositório de nostalgia e de outros sentimentos. [...]”¹⁶

Tanto as Instituições quanto a opinião pública brasileiras, no início do século XIX, aceitam esse status subordinado e de dependência, que deveriam ser rompidos e/ou reelaborados. O índio, sua língua e seu cenário natural orbitam apenas no plano idealizado e nostálgico da literatura romântica, mas a elite intelectual usa da cultura “portuguesa afrancesada” como mecanismo de almejar a modernização estética, política e econômica europeia. Para Roberto Schwarz, o Romantismo tem papel fundamental na constituição das ideias nacionalistas, da arte e da política nacional, ao buscar no Liberalismo as noções de liberdade, humanidade e progresso. Contudo, para o autor, o “atraso” do Brasil está personificado justamente naquilo que o impede ao Liberalismo, a escravidão.¹⁷

¹⁴ HOBBSBAWM, *Op. cit.*, 2013, p. 38-39.

¹⁵ HOBBSBAWM, *Op. cit.*, 2013, p. 52-53.

¹⁶ HOBBSBAWM, *Op. cit.*, 2013, p. 55-57.

¹⁷ Ver. SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 6 ed. São Paulo: Duas Cidades / Editora 32, 2012, p. 11.

Schwarz considera incompatível a existência de uma ideologia liberal em uma sociedade escravista. No âmbito da literatura, o autor não se equivoca, pois, um dos ideais humanitários românticos era a busca e a prática do conceito abstrato da Liberdade, e isso se reflete no que chamamos de “gerações românticas”: a independência da Nação, o suicídio do sujeito e a abolição da escravidão. Schwarz pensa o Liberalismo como liberdade, no sentido rousseauiano e como direitos humanos; contudo, a escravidão enquanto força de trabalho pode ser aplicada em um sistema de exploração e produção capitalista.¹⁸ Ainda segundo Schwarz,

“[...] adotadas as ideias e razões europeias, elas podiam servir e muitas vezes serviram de justificação, nominalmente ‘objetiva’, para o momento de arbítrio que é a natureza do favor. [...] Assim, como método, atribui-se independência à dependência, utilidade ao capricho, universalidade às exceções, mérito ao parentesco, igualdade ao privilégio”¹⁹

O autor, ao todo, não está equivocado, pois, dentro do sistema capitalista, a ideia de liberdade, igualdade e progresso, na verdade, mascaram o processo de exploração. Ou seja, a base da concepção de nacional compreende o colonialismo com sua adaptação ao capitalismo em terras tropicais. Contudo, a ideia de “favor”, também difundida por Sérgio Buarque de Holanda e pelos demais “intérpretes” do Brasil, não se opõe, como acredita Schwarz, à ideologia burguesa, pois a absorve justamente na fantasia da igualdade e da “natural” dependência.²⁰

Uma leitura crítica de Schwarz pode conciliar esse paradigma. Diferente do crítico, mas baseado nele, Bernardo Ricupero procura entender “como as formas europeias se comportam numa situação nova, diferente da original”, ou seja, essas formas ou “ideias”, segundo o autor a partir de Schwarz, não estão deslocadas de seu lugar, mas de sua origem, e

¹⁸ O debate acerca do conceito de Nação e a Liberalismo está presente em: MARSON, Izabel. “A natureza como artifício: tramas de conceitos e linguagens na tessitura da questão nacional na Europa e na América”. In: NAXARA; CAMILOTTI, *Op. cit.*, 2013, p. 51-68; ao pensar que na História Política, todo conceito natural, inclusive o conceito de Natureza, é uma construção política, e o mesmo serve para as identidades nacionais, sobretudo no caso do capitalismo do século XIX, em que a escravidão é uma forma prática de trabalho, de produção e de capital, sendo apenas um dos tipos de exploração do trabalho. O Liberalismo, por sua vez, usa da Natureza como artifício de legitimidade a partir do argumento rousseauiano de Direito Legal Natural. A ideia de progresso, politicamente construída, está relacionada ao domínio e ao poder.

¹⁹ SCHWARZ, *Op. cit.*, 2012, p. 18-19.

²⁰ Além do ensaio-comentário de Izabel Marson citado acima, esse pensamento está presente em FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. “As idéias estão no lugar”. *Cadernos de Debate*. São Paulo: Brasiliense, 1976, n. 1, p. 61-64, e nas teses sobre Liberalismo presentes em BRESCIANI, M. Stella. *Liberalismo: ideologia e controle social* (São Paulo, 1850-1910). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1979; *O charme da ciência e a sedução da objetividade*: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. São Paulo: UNESP, 2005.

nada as impede de estarem em outros lugares com facetas e maneiras práticas distintas, como é o caso do Liberalismo, enquanto ideia de Liberdade, e do Capitalismo, enquanto livre mercado, adaptados e moldados na cultura brasileira e defendidos pelos nossos românticos. A questão é pensar que, “as formas latino-americanas e europeias podem e devem ser similares”, então, como essas ideias são desenvolvidas no romantismo brasileiro?²¹

Segundo Ricupero, o desenvolvimento de uma identidade independente é concomitante com a “difusão das ideias do Iluminismo”, que expande o acesso a livros, o aumento dos “acervos das poucas livrarias e bibliotecas existentes”, a fundação de “Academias e Sociedades Literárias” e a criação de jornais.²² A ideia de Nação é construída, na América Latina, sobretudo pelos românticos, com o auxílio do estabelecimento do território e com a facilidade de meios de transporte, como os portos, e do mercado interno.²³ Em outras palavras, a ideia de Nacional é posterior à independência e de sua autonomia política. É a partir da legitimação do Estado que se pensa a concepção de Nação e o que viria a ser sua cultura: sua literatura e historiografia nacionais. Nesse papel, as Revistas (Rio de Janeiro e Europa) e as Sociedade Literárias (São Paulo e a Faculdade de Direito), e outros periódicos, são definitivas na independência e formação intelectual.²⁴

Pensar as ideias enquanto uma forma materializada em discursos e em livros, permite-nos compreendê-la, portanto, enquanto parte de políticas de formação de público leitor, desenvolvimento de mercado editorial, de instrução pública e estabelecimento de uma história e crítica literárias. Ou seja, se é de interesse da política brasileira, que visava formar a nova “elite de barões”, migrar essas ideias/formas “europeias” para os horizontes do Império, e fazer do ato de “recepção”, na verdade, uma “circulação”, é possível questionar o “atraso” tão latente a Schwarz. No ensaio “Lugares y no lugares de las ideas en América Latina”, Elías Palti relativiza o método “dependentista” de Antonio Candido e, sobretudo, de Roberto Schwarz. Segundo Palti, a problemática do pensamento de Schwarz está em discutir os “lugares das ideias” e as noções entre “centro e periferia” a partir da “história econômica” sendo aplicada no “âmbito da crítica literária e da teoria cultural”.²⁵ É a partir de Silviano Santiago que há uma

²¹ Ver. RICUPERO, Bernardo. *O Romantismo e a Ideia de Nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 80-81.

²² RICUPERO, *Op. cit.*, 2004, p. 30.

²³ RICUPERO, *Op. cit.*, 2004, p. 37-38.

²⁴ RICUPERO, *Op. cit.*, 2004, p. 89.

²⁵ Ver. PALTÍ, Elías J. *El tempo de la política. El siglo XIX reconsiderado*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007, p. 261-262.

reinterpretação do método “dependentista”, ao questionar as definições e relações entre “centro e periferia” e “original e cópia” a partir do “entre lugar”, Palti na linha de Santiago problematiza esses conceitos e afirma como eles, e suas “supostas contradições”, revelam-se e relacionam-se frente ao “cânone” da “civilização”, do “progresso”, da “cultura” e do Liberalismo.²⁶ Ainda na esteira de Santiago, Palti entende que, para superar a “dependência cultural latino-americana”, é preciso reconsiderar as categorias anteriores por “modelos e desvios”, pois simplificam os “processos de geração, transmissão, difusão e apropriação das ideias”.²⁷ Já na esteira de Palti, Bernardo Ricupero em uma artigo sobre os críticos de Schwarz entende que, se a ideia de formação dos “intérpretes do Brasil” é baseada na situação de subordinação colonial, então a própria noção de “liberalismo” e, conseqüentemente, a de cosmopolitismo que eles criticam, como o método marxista utilizados pelos “intérpretes” são vernizes culturais.²⁸

Por fim, para sintetizar as considerações acima, todas essas categorias: centro/periferia; original-modelo/cópia-desvio são “formas” de “representação da realidade” em “momentos diversos no processo de produção e reprodução do capital.”²⁹ Nesse momento de “independência” e “formação”, o processo de recepção e circulação de livros e obras, e o desenvolvimento de instituições político-intelectuais e de leitura revelam a atualidade dos projetos políticos e de unificação/uniformização cultural do governo vigente e, a noção de “atraso” resume-se ao receio em se aplicar essas “atualidades/variedades”, rompendo ou reelaborando os costumes da antiga corte e nova oligarquia, e ao remanejamento do poder frente às estruturas sociais e instituições presentes ao longo do século XIX.³⁰

²⁶ PALTÍ, *Op. cit.*, 2007, p. 281-282. Sobre a noção do “entre lugar”, ver. SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

²⁷ PALTÍ, *Op. cit.*, 2007, p. 286.

²⁸ Ver. RICUPERO, B. “O lugar das ideias: Roberto Schwarz e seus críticos”. *Sociologia & Antropologia*. Rio de Janeiro. Novembro, 2013, pp. 525-556.

²⁹ RICUPERO, “O lugar das ideias...”, *Idem*, 2013, p. 532-540.

³⁰ Essas ideias são uma síntese dos importantes trabalhos coordenados e organizados por Márcia Abreu e seu extenso grupo de pesquisa, ao aproximarem, nas linhas da Nova História e da História Cultural do Livro e da Leitura, as relações entre História e Literatura a partir do mercado editorial e dos agentes culturais intermediadores entre autor-livro-leitor. Ver. ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2000; _____ (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. _____ (org.). *Romances em movimentos: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: UNICAMP, 2016. _____ & SHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura Letrada no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 2009. Para um estudo aprofundado das relações entre as Belas Letras e o mercado editorial, ver. MOLLIER, Jean-Yves. *O dinheiro e as letras: história do capitalismo editorial*. Trad. Kátia A. F. de Camargo. São Paulo: Edusp, 2010. Por fim, para a circulação transatlântica de livros e outros impressos no século XIX, ver. BARBIER, Frédéric. « Le commerce international de la librairie française au XIX^e siècle (1815-1913) ». *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, n. 28: p. 94-117, 1981.

1.2. LEITURAS SOB AS ARCADAS: A FACULDADE DE DIREITO E O ROMANTISMO PAULISTA

Robert Darnton afirma que desde o “surgimento da cultura do livro” com Gutenberg e com a ascensão do Iluminismo, a sociedade burguesa desenvolve “práticas culturais de leitura” coletivas e, posteriormente, individuais. Noutras palavras, para o autor, o livro e a intenção de leitura em suas instituições transmitem ideias e influenciam o pensamento e o comportamento da sociedade:

“[...] a maioria de nós concorda que um catálogo de biblioteca particular pode servir como um perfil do leitor, ainda que não tenhamos lido todos os livros que nos pertencem e tenhamos lido muitos livros que nunca adquirimos. [...] E o estudo das bibliotecas particulares tem a vantagem de unir o ‘o quê’ com o ‘quem’ da leitura.”³¹

Não apenas “o quê” e o “quem”, mas também o “por quê” e o “onde” da leitura. Marisa Midori Deaecto em sua tese constatou quais eram e onde se encontravam os livreiros e instituições de leitura na São Paulo oitocentista, a partir do conceito de *circuito do livro*: a circulação do livro entre os séculos XVIII e XIX deu-se por meio da relação autor, público leitor, sociedade e meio de circulação e consumo – “a evolução da produção do livro e de seus circuitos de circulação e de consumo depende da evolução da classe dominante”³². Segundo a autora, esses circuitos, que também são culturais, baseiam-se na valorização dos ideais iluministas e revolucionárias no Brasil oitocentista. No caso de São Paulo, devido à implantação da Faculdade de Direito, há uma espécie de demanda acadêmica de formação cultural, política e socioeconômica por meio do comércio de livros, uma imprensa periódica que driblasse as dificuldades infraestruturais e geográficas na capital da Província com a capital do Império e a criação bibliotecas, livrarias e gabinetes de leitura para legitimar os espaços públicos do debate.

Assim como lembra Antonio Candido na *Formação da Literatura Brasileira*, o aparecimento da ficção, sobretudo do romance nacional, na imprensa periódica brasileira, estão diretamente relacionados ao Liberalismo, às ciências sociais francesas do pós-Revolução e aos modelos literários praticados na Europa, representando a transformação das relações entre

³¹ Ver. DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette* – mídia, cultura e revolução. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 175-176; sobre o conceito de *práticas de leitura*, ver. CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. Trad. Cristine Nascimento. 5 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

³² Ver. DEAECTO, *O Império dos livros*, *Op. cit.*, 2011, p. 29

sociedade e cultura por meio das novas formas de produção, de consumo literário e de ampliação de público leitor:

“Além deste motivo de natureza artística, outros intervíram para facilitar a sua voga. Em primeiro lugar a ampliação do público leitor, devida à participação mais efetiva do povo na cultura, depois dos movimentos democráticos. Daí um desenvolvimento da imprensa periódica e da indústria do livro, que solicitaram desde logo um tipo acessível à literatura – bastante multiforme para agradar a muitos paladares, relativamente amorfo para se ajustar às conveniências da publicação (folhetim, seriados, etc.).”³³

Em relação ao contexto dos poetas da São Paulo acadêmica, segundo Candido, Álvares de Azevedo é o principal poeta da poesia juvenil, acadêmico-universitária. Inspirado por Shakespeare (lido como romântico), Byron e Musset, exprimiu a modernidade burguesa e o homem moderno, além dos elementos do fantástico romântico. Como “estudante excepcionalmente aplicado”, ele foi um leitor, pensador e escritor em larga escala, sempre nas “desesperadas tentativas de ‘byronizar’”, seguindo as tradições do Antigo Regime e as do Romantismo³⁴, que veremos ao longo desse trabalho como uma tentativa de se pensar e de se lançar enquanto escritor-crítico da modernidade.

É notável que Álvares de Azevedo foi um pensador e crítico, e que seus textos teóricos estejam em completo esquecimento da história e crítica literária. Inseridos no que eram as revistas acadêmicas da segunda metade do século XIX, outros póstumos e depois recolhidos por José Aderaldo Castello, esses textos em forma de ensaios compõem uma verdadeira coletânea do que era lido e pensado por esses estudantes entre as aulas na faculdade e depois nas tavernas e sessões das sociedades secretas que se formaram ao redor no centro de São Paulo. Em um dos textos, o “Discurso recitado na Sessão Acadêmica Comemoradora do Aniversário da Criação dos Cursos Jurídicos no Brasil”, de 14 de agosto de 1849, Álvares expressa um discurso patriótico, chamando seus senhores de filhos da “mãe-pátria”, herdeiros dos clássicos, mas também modernos, ao verem na Academia e nas sociedades secretas revolucionárias a “missão política” do desenvolvimento do “progresso” e da “civilização.”³⁵ Noutros ensaios, de

³³ Ver. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira – Momentos decisivos 1750-1880*. 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 430.

³⁴ CANDIDO, *Op. cit.*, 2006, p. 502-503.

³⁵ AZEVEDO, Álvares. “Discurso recitado na Sessão Acadêmica Comemoradora do Aniversário da Criação dos Cursos Jurídicos no Brasil” – 14 de agosto de 1849. In: CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que interessam à história do romantismo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura / Comissão de Literatura, 1961. p. 96-105.

temas e estruturas mais literárias, Álvares analisa a obra de George Sand e de Alfred de Musset, levantando um vasto repertório de obras canônicas e de livros que, em sua época, eram-lhe contemporâneas, como Byron, Shelley e os poetas românticos franceses, em especial Musset, e romancistas e pensadores, como a própria Sand, Dumas e Voltaire.³⁶ Segundo Deaecto,

“[...] a ampla difusão do livro francês – fato comprovado no estudo dos catálogos da Casa Garraux, a maior livraria que a cidade conheceu no Oitocentos – é fruto de uma longa tradição que vinha sendo fundada desde o final do Setecentos, por uma elite intelectual paulista formada nas instituições europeias, e que teve na Academia de Direito o impulso necessário para seu desenvolvimento.”³⁷

Assim como reconstroem e ilustram as historiadoras Ana Luiza Martins & Heloisa Barbuy, esse era o principal objetivo da Assembleia Constituinte da Constituição de 1824, cuja maior proposta era a “criação de instituições de ensino” (academias/faculdades) para consolidar a “autonomia” do país, ou seja, formar, dentro da Nação, a futura elite liberal por meio das Ciências Jurídicas e Sociais, e era crucial o debate político, enquanto formador de uma opinião pública, calcado na filosofia moderna, dentro dessas Universidades.³⁸ Esse debate ultrapassou as paredes das salas de aula e das bibliotecas e adentrou nas sociedades secretas que formariam as lojas maçônicas paulistas.

Brito Broca, questiona contudo, com base em registros biográficos de estudantes da Faculdade de Direito e de viajantes que passaram por São Paulo e descreveram sua vida universitária em suas crônicas e relatos, a impossibilidade dos jovens românticos conhecerem e de terem lido todos os autores que citavam em suas obras, bem como todos os livros que circulavam nesse período.³⁹ Todavia, de acordo com os estudos organizados por Roger Chartier, é impossível determinar quem lia o quê com exatidão. O conceito de *práticas de leitura* dá-se apenas pelo que circulava nas instituições de leitura (bibliotecas, livrarias e gabinetes de leitura), nos jornais e nas tipografias, e o que era citado nas obras e nas críticas publicadas desses leitores-autores. Mas, alinhando-se a Deaecto, é notável a dedicação às leituras do Curso

³⁶ Ver. AZEVEDO, “George Sand – Aldo – O Rimador” (p. 117-131); e “Alfredo de Musset – Jacques Rolla” (p. 131-158. In: CASTELLO, *Op. cit.*, 1961.

³⁷ DEAECTO, *Op. cit.*, 2011, p. 33.

³⁸ Ver o Documento de Consolidação dos Cursos Jurídicos no Brasil, assinado por D. Pedro I, além dos debates acerca da localização das futuras Faculdades de Ciências Jurídicas e Sociais em MARTINS, Ana Luiza & BARBUY, Heloísa. *Arcadas: História da Faculdade de Direito do Largo São Francisco*. São Paulo: Alternativa, 1999, p. 25-26, e demais.

³⁹ Ver. BROCA, Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis, 1979.

Jurídico, de História, Política, Filosofia e, sobretudo, à atualidade das leituras literárias. “É verdade que Álvares de Azevedo se mostrou um amante da literatura e dos livros. Conhecia tudo, a todos citava – o que provocou dúvidas em Brito Broca quanto às origens de suas citações”.⁴⁰

De acordo com Martins & Barbuy, na Faculdade de Direito de São Paulo, fundada no pilar do liberalismo e frente ao curso desatualizado e “antiquado ensino coimbrão”, os estudantes “se mantinham, por um meio ou outro, em contato com as teorias mais recentes” disponíveis para o “acesso” e “compra”⁴¹ para, enfim, criarem associações e jornais onde atuaram fazendo “literatura, teatro” e “ações políticas” das mais diversas.⁴² Em seus anos iniciais, a Faculdade de Direito teve carência de professores, pois a maioria ocupava cargos nos governos em outras províncias ou não “tinham o conhecimento e a erudição necessários”. Contudo, devido às “tentativas frustradas de controle dos conteúdos dos cursos por parte do governo” a Acadêmica teve uma considerável “autonomia no ensino que ministrava”⁴³. O que permitiu que professores como Libero Badaró e Júlio Frank introduzissem o pensamento liberal, bem como a Filosofia Contemporânea, por meio das obras dos iluministas franceses e filósofos do idealismo alemão.

Em 1860 foi inaugurada a Livraria Casa Garraux, que “logo tornou-se um dos mais importantes pontos de encontro de estudantes e bacharéis e o principal fornecedor de livros da cidade”. Já a Biblioteca da Academia foi a primeira biblioteca pública da cidade, sendo formada por doações iniciais dos franciscanos. Até 1850, ela foi pobre nas áreas de Direito e Belas Letras, apesar de pertencer ao circuito do livro na cidade. Já a partir de 1860, o acervo de obras de Belas Letras, ainda reduzido, era formado “quase unicamente por obras de escritores franceses”, e ainda recebia doações de antigos bacharéis e membros da Faculdade, como seus professores que recomendavam obras para seus cursos.⁴⁴ Em 1880, ela possuía um acervo maior, sobretudo de obras francesas, que levaria o diretor Pádua Fleury confeccionar o *Catálogo da Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo em 1887*.

⁴⁰ DEAECTO, *Op. cit.*, 2011, p. 354.

⁴¹ MARTINS & BARBUY, *Op. cit.*, 1999, p. 29.

⁴² MARTINS & BARBUY, *Op. cit.*, 1999, p. 45.

⁴³ MARTINS & BARBUY, *Op. cit.*, 1999, p. 29.

⁴⁴ MARTINS & BARBUY, *Op. cit.*, 1999, p. 53.

1.3. O CATÁLOGO DA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO EM 1887

No caso do acervo da Biblioteca da Faculdade de Direito (e o seu único catálogo), o mesmo encontrava-se a partir da década de 1860 em degradação, devido a um incêndio e constantes reformas, sobretudo a de 1884, durante as quais muitos volumes se perderam, além do incompleto “serviço de fiscalização” que permitiu vandalismos e extravios de títulos por “maus hábitos” de uso e empréstimo dos mesmos.⁴⁵ Assim como menciona o prefácio de Padua Fleury para o *CFD de 1887*, a biblioteca

“[...] formada sem gosto e sem escolha, com as livrarias dos frades Franciscanos [...] e com outras doações de menos importância, continua, apesar da posterior aquisição de algumas obras, a permanecer no mesmo estado de pobreza, em que se achava em 1881 [...] E, porém, de esperar-se que semelhante estado de penúria e atraso, em que se acha a bibliotheca, venha em breve a desaparecer, si o actual Sr. Ministro do Imperio, em cujo espirito esclarecido póde pesar mais esta simples exposição, do que longas considerações, voltar para Ella a sua atenção, e quizer pô-la em condições de atingir ao fim a que é destinada.”⁴⁶

O *Catálogo de 1887* é o resultado publicado de outros documentos confeccionados acerca da Biblioteca para o Ministério do Império. Ele é um “inventário completo, contendo todas as obras da Biblioteca, enumeradas, e obedecendo uma melhor sistematização por áreas de conhecimentos [...] O que por certo justificaria o interesse pelo *Manuel* de Brunet.”⁴⁷

A “1ª Classe: Theologia” do catálogo era herança dos franciscanos, ou seja, base bibliográfica dos mosteiros ocidentais ou instituições eruditas de instrução avançada, sobretudo em comparação às instituições tal qual a de Coimbra, em Portugal, com 751 títulos na classe de Teologia; a “2ª Classe: Jurisprudência”, com 1018 títulos, desatualizada segundo seu membros, modernizava-se aos poucos a partir de doações; a “3ª Classe: Ciências e Artes” era formada por 1100 títulos⁴⁸; a “4ª Classe: Bellas Lettras”, com apenas 510 títulos

⁴⁵ DEAECTO, *Op. cit.*, 2011, p. 242-244.

⁴⁶ *Catálogo da Biblioteca da Faculdade de São Paulo em 1887*, Prefácio de Padua Fleury, São Paulo, 11 de agosto de 1887, sem página.

⁴⁷ DEAECTO, *Op. cit.*, 2011, p. 256.

⁴⁸ Segundo Roger Chartier, era a principal categoria de pedidos e impressões das livrarias-tipografias no Antigo Regime: “foram as artes e as ciências, cuja participação proporcional duplicou entre 1720 e 1780”, contribuindo

reunia obras literárias, históricas e filosóficas, além de coleções ou polígrafos da área de humanidades que contribuíram diretamente no processo de formação dos homens de letras e da mentalidade cultural do romantismo; por fim, a “5ª Classe: Historia e Geographia”, com 1237 títulos, cuja a predominância era de História Contemporânea dos séculos XVIII e XIX, constando obras sobre a Revolução Francesa e Napoleão, além de títulos de Guizot, Thiers e Tocqueville.⁴⁹

A começar pela “3ª Classe: Ciencias e Artes”, Voltaire é um *best-seller* cujo nome é o que mais aparece nas Classes, seções e subseções, catalogado como enciclopedista, torna-se referência fundamental do iluminismo, sendo citado nos discursos de estudantes e nos cursos particulares dos professores de Direito. Na seção “Moral” e “Aplicações da Moral”, merecem destaque Montaigne, La Rochefoucauld e Jean-Jacques Rousseau (este também nas subseções “Instrução Publica e Pedagogia” e “Politica”). Também na subseção “Politica”, há um exemplar de *De la démocratie en Amérique* de Tocqueville, historiador “romântico conservador”, pioneiro e referência fundamental nos estudos históricos e políticos sobre o Iluminismo e a Revolução Francesa no próprio século XIX. Vale ressaltar que os moralistas, os iluministas e outros pensadores modernos (com exceção a Rousseau) e suas obras que aparecem catalogadas no *CFD* revelam a intenção de se formar um acervo atual e liberal (ou pelo menos era o que se aproximava e conseguia em termos de atualidade)⁵⁰, mais próximo do “polo *eufórico-diurno-iluminista*” nas dependências da Faculdade de Direito e nos púlpitos de debate, do que na “extremidade oposta, o que chamaríamos de polo *melancólico-norturno-romântico*”⁵¹ presente nas histórias que compõem a figura dos jovens românticos, vivendo tal qual o estilo byroniano, e como aparece nas *Noites na taverna*, de Álvares de Azevedo.

exponencialmente no avanço da ciência e das artes ditas “hereses”. Ver. CHARTIER, Roger. *Origens Culturais da Revolução Francesa*. Trad. George Schlesinger. São Paulo: UNESP, 2009, p. 118.

⁴⁹ DEAECTO, *Op. cit.*, 2011, p. 156, 348.

⁵⁰ Chartier enumera, de filósofos clássicos e modernos a historiadores contemporâneos, os conflitos políticos e, consequentemente, e de ideias conservadoras (clássicas, moralistas) e revolucionárias (modernas e românticas) no final do século XVIII. Segundo ele, a formação do pensamento, sobretudo na França, é linear, respeitando o tempo de “aparecimento” de um livro e de uma ideia e sua aclimação nas esferas do debate público. Contudo, quando passamos para uma livraria ou biblioteca particular, títulos opostos podem estar presentes e serem lidos ao mesmo tempo. Ainda mais na biblioteca particular, onde é possível encontrar títulos proibidos, pirateados e contrabandeados e que estão presentes no debate público. CHARTIER, *Op. cit.*, 2009, p. 118, e demais.

⁵¹ Ver. HARDMAN, F. Foot. *A vingança de Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: UNESP, 2009, p. 171; A relação da posição ideológica liberal e reacionária, que em primeiro momento parece algo contraditório, na verdade, caminham paralelamente, praticando um tipo de Liberalismo voltado ao interesse da classe dominante: “o proprietário rural” conversador e o “profissional liberal urbano [...] progressista e democrata”, ver. FREITAS, Marcus Vinicius de. *Contradições da Modernidade: O Jornal Aurora Brasileira (1873-1875)*. Campinas: UNICAMP, 2011, p. 71.

Tabela 1 – Catálogo da Biblioteca da Faculdade de Direito – Terceira Classe: Ciências e Artes

3. Terceira Classe: Ciências e Artes**3.1. Ciências Filosóficas****3.1.1. Introdução, História e Dicionários**

Voltaire. *Dictionnaire philosophique*. Édition stéréotype d'après le procédé de Firmin Didot. Paris. 1816, in 12, encad. 14 vols.

2

3.1.5. Moral

Montaigne. *Essais*. Nouvelle édition. Paris: Chez Lefèvre, 1818, in 8°, encad. 1 vol.

Montaigne. *Essais avec notes de tous des commentateurs*. Édition revue les textes originaux. Paris: Chez Firmin Didot Frères et Comp. 1836, in 4°, encad. 1 vol.

Montaigne. *IDEM*. Nouvelle édition précédée d'une lettre de M. Villemain, sur l'éloge de Montaigne par P. Christian. Paris: Lavigne Libraire éditeur, 1843, in 8°, encad. 1 vol.

La Rochefoucauld. *Les pensées, maximes et réflexions Morales*. Avec des remarques et notes critiques, Morales, politiques et historiques sur chacune des ces pensées, par Amelot de la Houssaye et l'Abbé de la Roche et des maximes chrétiennes par Madame de la Sablière. Paris: Chez Veuve Savoye, 1777, in 12, encad. 1 vol.

La Rochefoucauld. *Maximes et réflexions Morales*. Édition stéréotype. Paris: Chez P. Didot l'aîné, in 18, broch. 1 vol.

3.3.6. Aplicações da Moral**3.3.6.A. Economia****3.3.6.A.b. Instrução Pública e Pedagogia**

J. J. Rousseau. *Émile, ou de l'éducation*. Paris : Librairie de Firmin Didot Frères, 1844, in 12, encad.

3.3.6.B. Política

Bousset. *Politique tirée des propres paroles de l'Écriture Sainte*. Ouvrage posthume. Troisième édition, revue et corrigée. Paris : Chez Jean Mariette, 1714, in 12, encad. 2 vols.

Burke. *Extractos das obras políticas e economicas*. Traduzidos do Inglês por José da Silva Lisboa. Rio de Janeiro: Imprensa Regia, 1812, in 4°, broch. 1 vols.

Condorcet. *Bibliothèque de l'homme public ou analyse raisonnée des principaux ouvrages français et étrangers, sur la politique en général, la législation, les finances, la police, l'agriculture, et le commerce en particulier et sur le droit naturel et public*, rédigée par l'Abbé Ballestrier. Paris : Chez Buisson. 1790-1792, in 8°, encad. 13 vols.

Paine. *Recueil des divers écrits sur la politique et la législation*. Faisant suite aux autres ouvrages du même auteurs, intitulés : *Les droits de l'homme, et les sens commun*. Traduit de l'anglais. Paris : Chez F. Buisson, imprimeur-libraire. 1793, in 8°, enca. 1 vol.

J. J. Rousseau. *Du Contract social ou principes du Droit Politique*. Paris : Chez Caille et Ravier libraires. 1816, in 16, encad. 1 vol.

J. J. Rousseau. *Oeuvres Politiques*. Ornée de figures. Paris : Chez Mme. Veuve Lepetit libraire, 1821, in 16, encad. 1 vol.

Tocqueville. *De la démocratie en Amérique*. Troisième édition revue, corrigée et augmentée d'un examen comparatif de la démocratie aux États-Unis et en Suisse, et d'un appendice. Paris : Pagnerre, 1850, in 8°, encad. 2 vols.

3.3.6.C. Política e Administração Brasileira

Alencar. *O Systema representativo*. Rio de Janeiro : Typographia Alliança, 1868, in 8°, encad. 1 vol.

Na “4ª Classe: Bellas Lettras” é visível o lugar dos poetas clássicos, como Camões e Dante Alighieri. Segundo Deaecto, Dante possuía papel fundamental no ensino cristão ocidental, pois, sua obra contribuiu para os estudos de Filosofia Cristã, Latim e Belas Letras (enquanto *Poética*), estando disponível em latim, italiano e em francês. Ainda na seção “Poetas diversos”, há os *best-sellers*, segundo Martin Lyons, das obras completas e fábulas de La Fontaine, do romântico Lamartine que, na linha de Tocqueville, era lido e aclamado pelo público leitor e político do século XIX, e, novamente, a presença maciça de Voltaire, nesse caso, com obras literárias. Há também, obras românticas de língua portuguesa, como o poema épico *Camões* de Garrett, e os poemas de Manoel d’Araujo Porto-Alegre.⁵² O mais curioso é a seção “Ficções em prosa”, que revela estar presente na mentalidade brasileira o conceito do gênero romance, além de publicações nacionais, como o caso de Porto-Alegre na subseção anterior.

Como aborda Candido, “seu triunfo [do romance] no Romantismo não é fortuito. Complexo e amplo, anticlássico por excelência, é o mais universal e irregular dos gêneros modernos.”, “romântico por excelência”, devido à sua liberdade formal e temática, operando do fantástico à verossimilhança própria e a partir do ‘grande Realismo’⁵³, e relacionando-se diretamente à ascensão do pensamento e manifestações do romantismo, e à ascensão da imprensa literária (folhetim) e do mercado livreiro (publicação, tradução e circulação)⁵⁴:

⁵² Em relação às listas de *best-sellers* das primeiras décadas do século XIX, ver. LYONS, Martin. *Le Triomphe du Livre. Une histoire sociologique de la lecture dans la France du XIX^e siècle*. Paris: Promodis, 1987; sobre o relato de Tocqueville de sua relação com Lamartine e outras observações da cultura e política da França em 1848, ver. TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris*. Trad. Modesto Florenzano. São Paulo: Penguin / Companhia das Letras, 2011.

⁵³ CANDIDO, *Op. cit.*, 2006, p. 429, [acréscimo próprio].

⁵⁴ CANDIDO, *Op. cit.*, 2006, p. 432-3.

“Os livros traduzidos pertenciam, na maior parte, ao que hoje se considera literatura de carregação; mas eram novidades prezadas, muitas vezes, tanto quanto as obras de valor. Assim, ao lado de George Sand, Mérimée, Chateaubriand, Balzac, Goethe, Irving, Dumas, Vigny se alinhavam Paul de Kock, Eugène Sue, Scribe, Soulié, Berthet, Souvestre, Féval, além de outros cujos nomes nada mais sugerem atualmente: Bard, Gonzalès, Rabou, Chevalier, David etc. Na maioria, franceses, revelando nos títulos o gênero que se convencionou chamar folhetinesco. Quem sabe quais e quantos desses subprodutos influíram na formação do nosso romance? Às vezes, mais do que os livros de peso em que se fixa de preferência e atenção. [...] mas, o gênero só brilhou realmente no Brasil romântico nas mãos de Alencar [...] misturando-se ao Indianismo.”⁵⁵

Nesse caso, estão presentes Chateaubriand (em edição original e traduzido), os primeiros romances de Fénélon e a *História do imperador Carlos Magno*, além da *Nouvelle Heloïse* de Rousseau e de Frédéric Soulié. Dos diversos títulos da seção “Philologia”, os que mais chamam atenção são *Principes de Littérature*, lido e questionado no Romantismo e nas universidades no século XX, devido ao caráter retórico e “coimbrão”, e o *Curso de litteratura portuguesa* de Camilo Castello Branco, ministrado nas escolas primárias, preparatórias e nas academias luso-brasileiras. Por fim, em “Polygraphia” (ou coleções de obras completas), alguns títulos merecem menção: os iluministas D’Alembert, Diderot, Rousseau e Voltaire; e a presença maciça da obra completa dos romancistas Chateaubriand, Fénélon e Lesage.

Bernardo Ricupero é crítico a esse aspecto de submissão e influência na literatura brasileira da francesa, presentes no pensamento e método de Candido. Se as “ideias” estão presentes na “forma”, então “as formas latino-americanas e europeias podem e devem ser similares [...] mas o conteúdo social será bastante diverso”, e o Romantismo superaria o próprio verniz cultural do cosmopolitismo, estando ora contra ora a favor das “ideias” vigentes.⁵⁶ Logo, no Brasil, livros e ideias circulam ao mesmo tempo independente de ideologias contraditórias.

⁵⁵ CANDIDO, *Op. cit.*, 2006, p. 440-1.

⁵⁶ RICUPERO, *Op. cit.*, 2004, p. 81.

Tabela 2 – Quarta Catálogo da Biblioteca da Faculdade de Direito – Classe: Belas Letras

4. Quarta Classe: Bellas Lettras**4.3 Poesia****4.3.4. Poetas diversos.**

- Luiz de Camões. *Lusiada*, poema epico, com os argumentos de João Francisco Barreto, illustrado com varias, e breves notas, e com um precedente apparatus de que lhe pertence, por Ignacio Garcêz Ferreira. Napoles: Officina Pariniana, 1731, in 4º, encad. 1 vol.
- Luiz de Camões. *Lusiada*. Nova edição popular, conforme as edições classicas de 1572. Lisbôa: Typographia de F. X. de Souza et Filho, 1870, in 16, encad. 5 vols.
- Luiz de Camões. *Lusiada*. Edição publicada pelo Dr. Abilio Cesar Borges, para uso das escolas brasileiras, na qual se acham suppressas todas as Estancias que não devem ser lidas pelos meninos. Bruxellas: Typographia e lithographia E. Guyot, 1879, in 12, cart. 4 vols.
- Luiz de Camões. *Lusiada*. Edição consagrada á commemorar o 3º Centenario do poeta da nacionalidade Portugueza, pelo Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro. Lisbôa: Officina de Castro Irmão, 1880, in 4º, encad. 1 vol.
- Luiz de Camões. *Obras completas*, correctas e emendadas pelo cuidado e deligencia de J. V. B. Feio e J. C. Monteiro. Hamburgo: Officina Typographica de Langhoff, 1834, in 8º, encad. 3 vols.
- Dante Alighiere. *La Divina Commedia*. Parigi: Appresso Marcelo Prantt, 1768, in 12, encad. 1 vol.
- Dante Alighiere. *La Divine Comédie*. Traduite en français par M. Le Chevalier Artaud de Montor. Troisième édition. Paris: Libraire de Firmin Didot Frères, 1846, in 8º, encad. 1 vol.
- Garrett. *Camões*. Prefaciado por Camillo Castello Branco. 7ª edição. Porto: Ernestp Chardron, editor. 1880, in 12, encad. 4 vol.
- La Fontaine. *OEuvres completes*. Tome troizième. *OEuvres diverses*. Paris: Chez A. Nepveu Libraire, 1820, in 16, encad. 1 vol.
- La Fontaine. *Fables – Troyes*. Imprimerier de Sainton, in 16, encad. 1 vol.
- La Fontaine. *Fables choisies*, mises en vers. Tome troisième. Bouillon: Aux dépens de la société typographiques, 1777, in 8º, encad. 7 vols.
- Lamartine. *Jocelyn*. épisode, journal trouvé chez un curé de campagne. Paris: Furni Jouvét et Comp. et autres éditeurs. 1866, in 4º, encad. 1 vol.
- Petrarca. *Rime*. Bassano: Nella Tipogragia Guseppe Remondini e Figlia, 1814, in 12, encad. 1 vol.
- Manoel d'Araujo Porto-Alegre. *Brasilianas*. Vienna: Imperial e Real Typographia, 1863, in 12, encad. 1 vol.
- Manoel d'Araujo Porto-Alegre. *Colombo*, poema. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1866, in 8º, encad. 2 vols.
- Voltaire. *La Henriade* (poème). Édition stéréotype d'après le procédé de Firmin Didot. Paris: Chez Fortin, Masson et Comp. Libraires, et Barrani et Droz Libraires, 1840, in 12, encad. 2 vols.
- Voltaire. *Poèmes et discours en vers, contes en vers, satyres et poésies mêlées*, in 12, encad. 2 vols.

4.3x. Poesia (2ª parte)**4.3x.y. Poesia dramatica****4.3.x.y.2. Peças de Theatro**

- Corneille. *Théâtre*. Avec des commentaires, et autres morceaux intéressants par Voltaire. (Sem indicação de lugar e impressor), 1765, in 8º, encad. 12 vols.
- Corneille. *Chefs-d'oeuvre*. Édition stéréotype d'après le procédé de Firmin Didot. Paris: De l'Imprimerie et de la Fonderie stéréotypes de Pierre Didot l'aîné, et de Firmin Didot, 1800, in 18, encad. 1 vol.
- Corneille. *OEuvres complètes*. Suivies des oeuvres choisies de Thomas Corneille, avec des notes de tous les commentateurs. Paris: Chez Firmin Didot Frères Libraires, 1840-1843, in 4º, encad. 2 vols.
- J. W. Goethe. *Iphigénie en Tauride*, pièce en cinq actes. Traduite en vers français et précédée d'une étude sur Goethe. Deuxième édition. Paris: Sandoz et Fischbacher éditeurs, 1874, in 18, broch. 1 vol.
- Molière. *OEuvres*. Avec de remarques gramaticales, des avertissements et des observations sur chaque pièce, par M. Bret. Paris: Par la Compagnie des Libraires Associés, 1788, in 8º, encad. 1 vol.
- Molière. *OEuvres complètes*. Avec des notes de tous les commentateurs. Paris: Chez Firmin Didot Frères Libraires, 1843, in 4º, encad. 1 vol.
- Racine. *OEuvres*. Paris: Chez Charpart, Caille et Ravier Libraires. 1805, in 18, encad. 1 vol.
- Racine. *Britanico*, tragedia em cinco actos, original francez em verso alecandrino, vertido para o portuguez em metro endecassylabo por José Caetano da Silva Costa, etc. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1867, in 8º, broch. 1 vol.
- Racine. *OEuvres précédées des mémoires sur sa vie* par Louis Racine. Paris: Chez Firmin Didot Frères Libraires, 1864, in 4º, encad. 1 vol.

Voltaire. *Théâtre*. Augmenté des deux pièces qui ne se trouvent pas dans les éditions précédentes. Londres (Sem indicação do impressor), 1782, in 16, encad. 7 vols.

4.3. Ficções em prosa

Chateaubriand. *Os martyres ou triumpho da religião christã*, poema. Tradusido em versos portuguezes por Francisco Manoel Nascimento, etc. Com o retrato do traductor, tomo I. Paris: Casa de Rey e Gravier, 1816, in 8°, encad. 1 vol.

Chateaubriand. *Les martyres*, suivi des remarques. Paris: Libraire de Firmin Didot Frères, 1845, in 8°, encad. 1 vol.

Fénélon. *Les aventures de Télémaque, fils d'Ulysse*. Nouvelle édition, ornée de treize gravures. Paris: A la Librairie de J. P. Aillaud, 1742, in 12, encad. 1 vol.

Fénélon. *Les aventures de Télémaque, fils d'Ulysse*. Suivies du recueil des fables composées pour l'éducation de Monseigneur de Duc de Bourgogne. Paris: Libraire de Firmin Didot Frères, 1845, in 8°, encad. 1 vol.

Fénélon. *Les aventures de Télémaque, fils d'Ulysse*. Nouvelle édition augmentée. Aventures d'Aristonöus. Paris: Garnier Frères Libraires, 1851, in 12, encad. 1 vol.

Fénélon. *The adventures of Telemachus, the son of Ulysses*, in 12, encad. 1 vol.

Alexandre Herculano. *Lendas e narrativas*, quinta edição. Lisboa: Viuva Beltrand & Comp. 1882, in 12, encad. 6 vols.

Historia do imperador Carlos Magno e dos dose pares de França. tradusida do castelhano em portuguez, com mais elegancia para nossa língua, por Jerônimo Moreira de Carvalho, etc. (dividida em cinco livros). Lisboa: Imprensa de F. X. de Souza e Filho), in 12, encad. 1 vol.

Jean Jacques Rousseau. *La nouvelle Heloïse, ou Lettres de deux amants, habitants d'une petite ville au pied des Alpes; Recueillies et publiées*. Nouvelle édition, augmentée de morceaux tirés des mémoires ou lettres de Rousseau, ainsi que de notes sur la nouvelle Heloïse. Paris: Chez Crapart Caïle et Ravier Libraires, 1802, in 8°, encad. 7 vols.

Frédéric Soulié. *Six mois de correspondance. Diane et Louise*. Paris: Hippolyte Souverain éditeur, 1839, in 18, encad. 2 vols.

4.4. Philologia

Batteux. *Principes de Littérature*. Nouvelle édition, revue avec soin, et précédée d'une notice historique sur la vie de l'auteur. Paris : Bellavoine, libraire. 1824, in 12, encad. 6 vols.

Camilo Castello Branco. *Curso de litteratura portugueza*. Continuação e complemento do curso de litteratura portuguesa por José Maria de Andrade Ferreira. Lisboa: Livraria editora de Mattos Moreira & Comp. 1876, in 8°, encad. 1 vol.

4.7. Epistolares

4.7.3. Epistolares diversos

Marquise de Sévigné. *Lettres de sa famille et des ses amis*, précédées d'une notice par Charles Nodier Membre de l'Academie Française, Chevalier de la Legion d'Honneur, et Bibliothécaire de l'Arsenal. Nouvelle édition. Paris: Lavigne Chamerot libraire, 1836, in 4°, encad. 2 vols.

P. Antonio Vieira. *Cartas*. Tomo II. Lisboa Occidental: Offina da Congregação do Oratorio, 1735, in 4°, encad. 1 vol.

P. Antonio Vieira. *Cartas selectas*, precedidas d'um epitome da sua vida, e seguidas d'um indice analytico dos assumptos e materias; offerecidas à mocidade portuguesa e brasileira. Paris: Em casa de V. J. P. A. Moulon e Comp. 1856, in 12, encad. 5 vols.

4.8. Polygraphia

4.8.1. Polygraphos diversos

D'Alembert. *Mélanges de littérature, d'histoire et de philosophie*. Amsterdam: Chez Zacharie Chatelain & Fils Imprimeurs-libraires, 1767, in 12, encad. 2 vols.

Almeida Garrett. Obras contendo: *Theatro*. 3ª, 4ª e 6ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional, 1868-1880. 6 vols; *Versos*. Lisboa e Porto: Editores diversos, 1860-1880. 8 vols. *Prosa*. Lisboa e Porto: Imprensa Nacional e viúva Morêt editora, 1867-1877. 8 vols, in 12, encad. 22 vols.

Bousset. *Oeuvres*. Paris : Chez Firmin Didot Frères libraires. 1841, in 4, encad. 4 vols.

Chateaubriand. *Oeuvres complètes*. 2 vols.

- Chateaubriand. *Morceaux choisis*. Précédées d'une notice littéraire et historique par. A. Didier, professeur de rhétorique au Lycée Napoléon. Nouvelle édition. Paris: Imprimerie et Libraire Classiques de Jules Delalain et Fils, 1867, in 12, encad. 1 vol.
- Chateaubriand. *Œuvres complètes*. Augmentées d'un essai sur la vie et les ouvrages de l'auteur. Paris: Chez Firmin Didot Frères Libraires, 1842, in 4°, encad. 5 vols.
- Diderot. *Œuvres choisies*, précédées de sa vie par M. F. Génin, etc. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1847, in 12, broch. 2 vols.
- Fénélon. *Œuvres*. Précédées d'études sur sa vie, par Aimé-Martin. Paris: Chez Firmin Didot Frères Libraires, 1843, in 4°, encad. 3 vols.
- Fénélon. *Œuvres*. Précédées d'études sur sa vie, par Aimé Martin. 3 vols.
- Lesage. *Œuvres choisies*. Avec figures. Amsterdam: H. Serpente, 1783, in 8°, encad. 12 vols.
- Lesage. *Œuvres*. Nouvelle édition ornée de 7 vignettes gravées par Ferdinand, d'après les dessins de Nap. Thomas. Précédée d'une notice biographique et littéraire par M. Prosper Poitevin. Paris: Chez Firmin Didot Frères Libraires Imprimeurs, 1845, in 4°, encad. 1 vol.
- La Fontaine. *Œuvres complètes*. Avec notes, et une notice sur sa vie, par M. C. A. Walckeær. 1 vol.
- Molière. *Œuvres*. 1 vol.
- Montaigne. *Œuvres*. Avec une notice biographique par J. A. C. Buchon. 1 vol.
- Racine. *Œuvres*. 1 vol.
- Jean Jacques Rousseau. *Œuvres complètes*, avec des notes historiques. Paris: Chez Furne et Comp., libraires-éditeurs, 1837-1838, in 4°, encad. 4 vols.
- Voltaire. *Œuvres complètes*. Avec des notes et une notice historique sur la vie de Voltaire. Paris: Chez Furne, libraire-éditeur, Auguste Desrez Imprimeur-éditeur, 1835-1838, in 4°, encad. 85 vols.

Na “5ª Classe: Historia e Geographia”, aparece em destaque mais um romancista romântico brasileiro, Joaquim Manuel de Macedo, escrevendo uma obra de “Geografia e chorographia do Brazil”, e, depois, no tópico “Brazil” da subseção “História Moderna – América Meridional”, novamente encontram-se Macedo com suas *Lições de historia do Brazil para o uso das escolas de instrução primaria*, confirmando o interesse pela história da Nação por parte dos românticos. Segundo Sandra Vasconcelos, esse interesse estava relacionado à presença da literatura inglesa, depois do sucesso do romance histórico na França, e a recepção maciça de objetos (incluindo livros) manufaturados ingleses a partir dos acordos econômicos entre os impérios britânico, português e brasileiro. Dessa “recepção e circulação”, estão inclusos os romances históricos de Walter Scott (também um *best-seller* mundial, segundo Lyons), lido pelos romancistas brasileiros, mesmo cuja edição fossem francesas-belgas e o idioma, o francês.⁵⁷

É importante ressaltar que o papel do “passado histórico” é importante na formação da Nação e de suas tradições, o que inclui a literatura e a mitologia. Tanto para as instituições

⁵⁷ Ver. VASCONCELOS, Sandra Guardini. “Leituras Inglesas no Brasil Oitocentista”. In: FONSECA, Maria Augusta (org.). *Olhares sobre o romance*. São Paulo: Nankin, 2005. p. 255-287; Sobre a recepção e circulação de romances ingleses no século XIX, ver também SOARES, Maria Angélica Lau. “A prosa de ficção britânica no Gabinete de Leitura (1837-1838)”. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 67-88; RAMICELLI, Maria Eulália. “Romance de sensação inglês por viés brasileiro: condições da publicação de *Aurora Floyd* em *A vida fluminense*”. In: ABREU, *Op. cit.*, 2008, p. 133-154; e VASCONCELOS, Sandra Guardini. “Cruzando o Atlântico: notas sobre a recepção de Walter Scott”. In: ABREU, *Op. cit.*, 2008, p. 351-374.

políticas como para as jurídicas, o “passado da nação” cria “símbolos” e “vocabulário” para que as “tradições” e “costumes” inventadas sejam reelaboradas e repetidas, justificados e conectados pelo passado.⁵⁸ Por essa razão, a “forma” do romance histórico não apenas é reelaborada nos romances da primeira geração romântica (“hostil ao passado colonial e à herança ibérica” e depois rejeitando “como inadequadas às condições latino-americanas fórmulas vindas de países com maior prestígio cultural”)⁵⁹, como também no surgimento de discursos que exaltassem feitos individuais e coletivos, prefácios (auto)biográficos e, sobretudo, memórias das “figuras da pátria”.

No fim do catálogo, nas subseções “Antigas chronicas geraes, tratatos sobre historia universal”, “Historia geral das religiões” e “Historia geral e particular das heresias e dos seismas” está presente Bousset, pensador político e filósofo conservador e religioso do Antigo Regime, lido, segundo Deaecto, nos cursos introdutórios do Curso Anexo da Faculdade de Direito. O mais notável é a presença e predominância de títulos de História Moderna. Guizot apresenta-se em maior número nas seções de “História da Europa”, sobretudo na subseção “História da França”, junto a diversos títulos referentes às “*mémoires relatifs à la Révolution Française*”, “*l’histoire de l’Empereur Napoléon*” e “*Intinenaire de Bonaparte de l’Ile d’Elbe à l’Ile Sainte-Hélène*”, e, sobretudo, ao lado da *Histoire des Girondins* de Lamartine que, segundo Tocqueville,

“A *História da revolução*, de monsieur Thiers, *Os girondinos*, de monsieur de Lamartine, outras obras menos célebres mas suficientemente conhecidas e sobretudo as peças de teatro tinham reabilitado o Terror e, de certa maneira, posto-o na moda.”⁶⁰

E faziam parte da mentalidade revolucionária liberal da França em 1848; e, no nosso caso, na São Paulo acadêmica liberal por boa parte do século XIX. Ainda na esteira de Ricupero, o tema que interessava os autores do século XVIII, como Rousseau e Voltaire, e os autores românticos, como Chateaubriand, era a Liberdade, sendo ela liberal, ou seja, voltada à liberdade das instituições e de classes, ou conservadoras, voltadas às liberdades individuais naturais. Em Thierry e Guizot, esse conceito compreende a França enquanto Nação do “Povo”, ou seja,

⁵⁸ Esse pensamento está presente em RICUPERO, *Op. cit.*, 2004, p. XXIII-XXV. Ricupero, nesse momento, baseia-se na obra de Hobsbawm & Ranger, a partir da qual a tradição não é natural, e sim, simbólica, inventada a partir de um passado histórico. Ver. HOBBSAWM, E. & RANGER, T. *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

⁵⁹ RICUPERO, *Op. cit.*, 2004, p. XXXI-XXXI.

⁶⁰ TOCQUEVILLE, *Op. cit.*, 2011, p. 116.

enxergam o processo histórico da Revolução na formação de classes sociais.⁶¹ Em Tocqueville, são os Estados Unidos da América que se tornam símbolo de democracia, por unir religião, política e sociedade a serem “modificados pelas instituições” livremente.⁶²

“Há, portanto, desde o início do romantismo francês, praticamente dois romantismos: o conservador e o liberal. [...] Portanto, mesmo que existam românticos liberais e conservadores clássicos, o romantismo francês é principalmente conservador.”⁶³

Contudo, a contradição romântica é que o mesmo é crítico ao capitalismo e propõe uma renovação literária e política. Essa contradição é reelaborada no Romantismo latino-americano como uma “reação ao fim do Antigo Regime”, pondo fim “às antigas formas políticas, estéticas e de pensamento”⁶⁴, reelaborando o passado na forma do romance, de novas tradições e costumes representados por bacharéis, políticos e jornalistas; e nas relações entre liberais e conservadores.

Por fim, na seção seguinte, aparece também Rousseau com *Les Confessions*, referência fundamental das *écritures du moi* tão proclamadas e defendidas pelos românticos para “fazer memória” à sua imagem na história, bem como adentrar nesse gênero não-definido a liberdade de articulação de suas ideias, conforme ilustra a tabela a seguir:

⁶¹ RICUPERO, *Op. cit.*, 2004, p. 58-59.

⁶² RICUPERO, *Op. cit.*, 2004, p. 76.

⁶³ RICUPERO, *Op. cit.*, 2004, p. 61-62.

⁶⁴ RICUPERO, *Op. cit.*, 2004, p. 62 e 79.

Tabela 3 – Catálogo da Biblioteca da Faculdade de Direito – Quinta Classe: História e Geografia

5. Quinta Classe: Historia e Geographia

5.1. Prolegomenos Historicos

5.1.2. Geographia

5.1.2.E. Geographia e chorographia do Brazil

Macedo. *Noções de Chorographia do Brazil*. Rio de Janeiro: Typ. Franco-Americana, 1873, in 18, encad. 2 exemplares.

5.2. Historia Universal, Antiga e Moderna

5.2.1. Antigas chronicas geraes, tratados sobre historia universal

Bousset. *Discours sur l'histoire Universelle*. Edition conforme a celle de 1700, troisième et dernière édition revue par l'auteur. Paris : Librairie de Firmin Didot Frères Imprimeur, 1845, in 8°, encad. 1 vol.

Bousset. *Discurso sobre a Historia Universal*, ao Serenissimo Senhor Delfim. Para explicar a continuação da Religião, e as mudanças dos Imperios, etc. Lisbôa: Na officina de Manuel Antonio, 1772, in 12, encad. 2 vols.

5.3. Historia das Religiões e das Superstições

5.3.1. Historia geral das religiões

Brunet. *Parallèle des religions*. Paris: Chez Knapen, 1792, in 4°, encad. 5 vols.

Comte. *Circulares*. Traduzidas pelo Dr. Joaquim R. de Mendonça. São Paulo: Typ. da Província, 1880, in 12, broch. 1 vol.

5.3.1.M. Historia geral e particular das heresias e dos seismas

Bousset. *Histoire des variations des Eglises protestants*. Avertissements aux protestants et introductions pastoreles sur les promesses de J. C. à son Église. Paris : De l'Imprimerie de L. Cellot, 1770, in 12, encad. 5 vols.

5.6. Historia Moderna – Europa

5.6.1. Generalidades

Guizot. *Histoire de la civilisation en Europe depuis la chute de l'empire Roman, jusqu'à la revolution française*. Treizième édition. Paris : Editeurs Didier et Cie. 1873, in 8°, encad. 1 vol.

Guizot. *Histoire des origines du gouvernement representatif en Europe*. Paris : Didier Libraire-Editeur, 1851-1855, in 4°, encad. 2 vols.

5.6.1. Historia da França

Durand de Maillane. *Histoire de la Convention nationale ou collection des mémoires relatifs à la Révolution Française*. Suive d'un fragment historique sur le 31 Mai, par le Comte Lanjuinais, Pair de France. Paris : Baudouin Frères Libraires, 1825, in 8°, encad. 1 vol.

Fain. *Manuscrit de 1813, contenant le précis des évènements de cette année, pour servir à l'histoire de l'Empereur Napoléon*. Deuxième édition etc. Paris : Imprimerie de Fain, 1825, in 8°, encad. 2 vols.

Ferrières. *Collection des mémoires relatifs à la Révolutions Française (1789)*. Avec une notice sur sa vie, des notes et des éclaircissements historiques par M. M. Berville et Barrière. Deuxième édition. Paris : Baudouin Frères Imprimeurs-Libraires, 1822, in 8°, encad. 3 vols.

Guizot. *Collection des mémoires relatifs à l'histoire de France, depuis la fondation de la monarchie française jusqu'au 13.^e siècle*. Avec une introduction, des suppléments, des notices et des notes. Paris : J. L. L. Brière Libraire, 1824-1834, in 8°, encad. 27 vols.

HISTOIRE de Bonaparte, Premier Consul de la République Française, depuis sa naissance jusqu'à l'an XI. Suivi de ses actions remarquables, réponses et traits sublimes, avec les anecdotes relatives à ses différentes Campagnes. Quatrième édition. Paris : Chez Barba Libraire, 1803-1804, in 12, encad. 4 vols.

INTINENAIRE de Bonaparte de l'Ile d'Elbe à l'Ile Sainte-Hélène ou memoires pour servir à l'histoire de la seconde usurpation, avec le recueil des principales pièces officielles de cette époque. Deuxième édition considérablement augmenté. On y a joint la lettre de Bonaparte au Gouverneur de Sainte-Hélène, la

refutation de cette pièce par le ministère anglais, et l'examen d'un ouvrage intitulé Manuscrit Venu de Saint-Hélène, d'une manière inconnue. Paris : Chez Le Normant Imprimeur, 1817, in 8°, encad. 2 vols.

Janet. *Philosophie de la révolution française*. Paris : Libraire Germer-Baillièrre, 1875, in 8°, encad. 1 vol.

Lamartine. *Histoire des Girondins*. Édition illustrée, publiée par l'auteur. Paris : Armand Le Chevalier Libraire-éditeur, in 4°, encad. 3 vols. (sd)

Prudhomme. *Revolutions de Paris*, dédiées a la nation et au district des petits Augustins. Publiées à l'époque du 12 Juillet 1789. Avec gravures et cartes des Départements du Royaume. Paris : De l'Imprimerie de Prudhomme, 1789-1794, in 8°, encad. 17 vols.

Roland. *Collection des mémoires relatifs a la Révolution Française*. Avec une notice sur sa vie des notes et des éclaircissement historiques par MM. Berville et Barrière. Deuxième édition. Paris : Baudouin Frères Imprimeurs-Libraires, 1821, in 4°, encad, 2 vols.

Ségur. *Histoire de Napoléon et de la Grande-Armée pendant l'année 1812*. 7^e édition. Paris : Baudouin Frères Éditeurs, 1825, in 16, encad. 2 vols.

Voltaire. *Siècles de Louis XIV et de Louis XV*. Édition stéréotype. Paris : De l'Imprimerie et de la Fonderie stéréotypes de Pierre Didot, 1815, in 18, encad. 5 vols.

5.6.9. Historia da Grã-Bretanha e Irlanda

Guizot. *Histoire de la révolution d'Angleterre, depuis l'avènement de Charles I, jusqu'à la restauration de Charles II*. Paris : A Laroux et C. Chautpie Editeurs, 1826, in 8°, encad. 1 vol.

5.6.10. Historia da Scandinavia

Voltaire. *Histoire de Charles XII, Roi de Suède*. Édition stéréotype. Paris : De l'imprimerie de Pierre Didot l'aîné, 1816, in 16, broch. 1 vol.

Voltaire. *Morceaux choisis*. Rio de Janeiro: Livraria de Nicolau Alves, 1883, in 16, cart. 5 vols.

5.6.11. Historia da Russia

Voltaire. *Histoire de l'Empire de Russie sous Pierre le Grand*. Édition stéréotype. Paris : De l'Imprimerie de Pierre Didot l'aîné, 1815, in 16, broch. 2 vols.

5.6. Historia Moderna – America Meridional

5.6.1. Brazil

Joaquim Manoel Macedo. *Lições de historia do Brazil para uso das escolas de instrucção primaria*, obra adaptada pelo Conselho superior da Instrucção Publica. Rio de Janeiro: Editor B. L. G. Garnier, in 8°, broch. 1 vol.

5.7. Paralipomenos Historicos

5.7.7. Biographia, especialmente de homens de letras e artistas

5.7.7.c. Collecção de vidas e elogios de homens illustres de diferentes paizes

Jean Jacques Rousseau. *Les Confessions*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1844, in 8°, encad. 1 vol.

Jean Jacques Rousseau. *IDEM*. Londres. 1788, in 12, encad. 1 vol.

5.7.8. Bibliographia

5.7.8.a. Tratados geraes sobre livros e bibliothecas, sua história, deveres dos bibliothecarios, miscelâneas bibliográficas

ENCYCLOPÉDIE methodique ou par ordre de matières; (en forme de Dictionnaire) para la société de gens de lettres, de savans et d'artistes ; précédée d'une vocabulaire universel, servant de table pour tout l'ouvrage, ornée des portraits de MM. Diderot et Alembert, premiers éditeurs de l'encyclopédie.

A Biblioteca da Faculdade de Direito era a maior instituição pública de leitura até 1887, quando surgem novas bibliotecas, com a da Escola Normal, da Escola Politécnica e a do Liceu de Artes e Ofícios. Apesar de “sem gosto e sem escolha”, a Biblioteca possuía mais títulos na área de Ciências, Artes, Belas Letras, História e Geografia, do que da área do conhecimento para a qual se destinava o Curso Jurídico.

Contudo, apenas com o *CFD* não é possível rastrear o mapa da leitura e da formação histórico-literária da São Paulo oitocentista. Assim como lembram Martins & Barbuy, os estudantes arrumavam um jeito e outro de se manterem atualizados.⁶⁵ Álvares de Azevedo pedia obras de Lamartine e Guizot a sua mãe no Rio de Janeiro, por meio de cartas.⁶⁶ Os meios de comercialização de livros passam, inicialmente, pela “encomenda via correio junto às livrarias da Corte”, depois pela modernização da cidade, como o aperfeiçoamento do sistema postal e o desenvolvimento do porto de Santos e das estradas ferroviárias que aprimoram as “casas importadoras e comerciais”.⁶⁷ Já outros estudantes frequentavam as bibliotecas particulares de seus professores e, depois, os parques gabinetes e livrarias, como a Casa Garraux⁶⁸ que juntos formarão o acervo da maior biblioteca municipal pública, a Mario de Andrade, já no século XX.

⁶⁵ MARTINS & BARBUY, *Op. cit.*, 1999.

⁶⁶ AZEVEDO, Álvares de. *Cartas de Álvares de Azevedo*. São Paulo: Biblioteca da Academia Paulista de Letras, 1976.

⁶⁷ DEAECTO, *Op. cit.*, 2011, p. 215-220.

⁶⁸ DEAECTO, *Op. cit.*, 2011, p. 220.



A Academia de Direito e Convento de São Francisco em 1862. Fotografia de Militão Augusto de Azevedo.

Coleção Ruy Barbosa Nogueira

CAPÍTULO 2 – PRÁTICAS, E INSTITUIÇÕES DA CULTURA LETRADA

*“Tudo se muda com os anos:
A dor – em doce saudade,
Na velhice – a mocidade,
A crença – nos desenganos!
Feliz quem guarda as memórias,
As lembranças mais queridas,
No coração esculpidas,
Gravadas fundas de si!
– Essas duram; mas que vale
Um nome desconhecido
Se há de ser logo esquecido
O nome que eu deixo aqui?!”*

(Casimiro de Abreu)⁶⁹

2.1. OS ALMANAQUES COMO INVENTÁRIO DA VIDA SOCIAL, ECONÔMICA E CULTURAL

O poema acima de Casimiro de Abreu, acidentalmente achado nas investigações dos almanaques literários paulistas, serviu-me coincidentemente bem para abrir esse segundo capítulo, pois, tanto o poema quanto a cultura e a vida social da Província passam pela transição e pela mudança ao longo do século XIX: a “dor” de um certo mal-estar romântico frente à modernidade e ao “suposto atraso” da realidade latino-americana, e a “doce saudade” de um passado construído intencionalmente por mitos; a “mocidade” dos jovens bacharéis e de seu destino como barões e homens de letras da recém-nação na vida madura; mas, o mais importante, entre erros e acertos da história política e cultural do Brasil, é a construção de uma memória patriótica, formada por nomes que fundarão os pilares da cultura brasileira e, sobretudo, do mito paulista na transição do século XIX e XX, passando pela contradição da realidade da Província no oitocentos e de seu processo de modernização.

⁶⁹ Uma poesia inédita de Casimiro de Abreu, no álbum de Monte-Negro, Rio, 1860. Publicada no *Almanach Litterario Paulista para 1876*.

Até o final do século XIX, São Paulo foi um arraial, um vilarejo de crimes, em seguida, um burgo estudantil sem iluminação e, depois, um punhado de vilas de operários estrangeiros espalhadas pelos perímetros periféricos da cidade. O crescimento desigual da cidade é concomitante com o desenvolvimento parcial das demais regiões da Província. Conforme a capital se moderniza e se estabelece enquanto “centro”, apenas as cidades “interioranas” que eram economicamente ativas e de influência econômica nacional mantêm seu crescimento. Mas, ao contrário de um desenvolvimento cultural e social, essas cidades veem no Liberalismo praticado nos Estados Unidos da América uma modernização técnica, utilitarista, perceptível pela presença a linha férrea, como é o caso das regiões de Campinas, de Rio Claro, de Sorocaba e da região portuária de Santos.⁷⁰ Conforme lembra o viajante francês Auguste de Saint-Hilaire:

“São Paulo jamais se teria tornado mais florescente do que Santos se não se tivesse transformado em sede da província e não se localizasse nela a residência de todas as autoridades civis e eclesiásticas”⁷¹

Como, portanto, é possível se falar de uma cultura letrada na Província paulista, inclusive de sua capital no século XIX, em meio a projetos que caminham sempre para o apagamento de uma memória para a construção de uma outra canônica? A resposta caminhará para os homens de letras e sua missão de “civilizar” e aplicar na cultura e na opinião pública seus conhecimentos e perspectivas de mundo.

A partir de um pertinente ensaio de Jefferson Cano, é possível afirmar que a opinião pública no Brasil estava pautada no Liberalismo praticado tanto na França como nos Estados Unidos e, sem dúvida, baseando-se ela na obra de Tocqueville acerca da democracia estadunidense, a opinião pública via na imprensa a “grande” instituição.⁷² Ou seja, a experiência brasileira permite aproximar a construção de uma “esfera pública política, que se forma a partir de uma esfera pública literária”, pois “o reconhecimento na República das Letras era muitas

⁷⁰ Vale aqui novamente ressaltar o trabalho Marcus V. de Freitas acerca das publicações no jornal *Aurora Brasileira*, realizadas pelo Clube Brasileiro de Cornell, nos Estados Unidos da América. Segundo o autor, os jovens da segunda metade do século XIX, passam a estudar engenharia nas universidades politécnicas estadunidenses. Esses jovens, que vinham, sobretudo do interior paulista, carregavam importantes sobrenomes “famílias tradicionais paulistas”, como é o caso dos Prado, dos Salles, Penteados, e etc. Ver. FREITAS, *Contradições da Modernidade...*, Op. cit., 2011.

⁷¹ Ver. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976, p. 132-145.

⁷² Ver. CANO, Jefferson. “Áticos e beócios na República das Letras: aspectos da opinião pública no Rio de Janeiro (1836-1837)”. *Cadernos Arquivo Edgar Leuenroth (Unicamp)*, Campinas, v. 09, b. 16/17, p. 15-52, 2003, p. 21-22.

vezes não somente um passaporte para a ascensão política, mas constituía ele mesmo a garantia de uma posição duradoura”⁷³ frente à “fragilidade” das instituições e da opinião pública por ela mesma. E são exemplos as atuações de Gonçalves de Magalhães e José de Alencar como autores, jornalistas e políticos da Câmara de Deputados.

Provavelmente, se o byronismo e os problemas de saúde pública não tivessem encerrado prematuramente a vida de Álvares de Azevedo e de Castro Alves, eles teriam sido importantes homens de letras atuando na opinião pública fora da Corte. Mas, retomando a pergunta anterior de como é possível se discutir uma cultura letrada na Província Paulista, a resposta torna-se, em meios aos dilemas ideológicos de seus intérpretes, um tanto mais clara: segundo Cano na esteira de Habermas, a esfera pública literária, e consequentemente a política, onde está inserida a cultura letrada, não é necessariamente “uma esfera de consumo da literatura, mas sim a esfera de sua produção”.⁷⁴

Em outras palavras, essa inserção está nas práticas e modos de apropriação dos textos pelas comunidades dos leitores levando em consideração o “campo das hierarquias e diferenças (classe, gênero, etnia, religião, atividade profissional” e como “eles repercutem na construção de sentido”. São diversas as formas e gêneros da cultura letrada, de correspondência à “almanaque, revista, jornal, edições de brochura e populares”, e os “modos de fazer e usar estes artefatos da cultura letrada em diferentes contextos de “recepção” e, acrescentaria, de reelaborar e (re)produzir discursos e mudanças nas práticas da cultura letrada, tais quais a “escola, gabinetes de leitura, bibliotecas, teatro”, e etc.⁷⁵

No caso da São Paulo oitocentista, tudo se torna mais complicado. Ao se tornar um dos “centros estudantis” e de produção intelectual do país, as autoridades e instituições projetam uma nova ordenação em meio à sua realidade. Roberto Pompeu de Toledo, ao sintetizar os canônicos historiadores de São Paulo, lembra-nos dos problemas de acesso comercial da capital da Província, bem como seus problemas de iluminação e dos formigueiros, cujas habitantes, as formigas, eram parte da alimentação dos “nativos”, que além desse hábito, tinham por costume o enclausuramento e a pouca empatia de conversação.⁷⁶ Segundo Toledo, o hábito primeiro da

⁷³ CANO, *Idem.*, *Op. cit.*, 2003, p. 51.

⁷⁴ CANO, *Op. cit.*, 2003, p. 51, nota 70.

⁷⁵ Essas palavras estão presentes em SCHAPOCHNIK. “Cultura letrada: objetos e práticas.” In: ABREU & SCHAPOCHNIK (orgs.). *Cultura Letrada no Brasil...*, *Op. cit.*, 2009, p. 10.

⁷⁶ Apesar de não ser um trabalho inovador e metodológico, a obra de Toledo é um verdadeiro compilado dos historiadores de São Paulo, como Ernani S. Bruno, Richard Morse e viajantes como Zaluar (para todos, ver. bibliografia). Sobre o tema e o período em questão, ver. a segunda parte “Incertezas”, sobretudo as subpartes “XX – Os Estudantes e os Comedores de Formiga” (p. 333-355) e “XXI – Entre as Madames da Moda e o Carro

cidade e a “excitação estudantil” fizeram com que um outro viajante, Augusto Emílio Zaluar, considerasse São Paulo a partir de dois pontos de vista diversos.⁷⁷ Para Zaluar, os dois pontos eram:

“[...] a capital da província e a Faculdade de Direito, o burguês e o estudante, a sombra e a luz, o *estacionarismo* e a ação, a desconfiança de uns e a expansão muitas vezes libertina de outros, e, para concluir, uma certa monotonia da rotina personificada na população permanente, e as audaciosas tentativas de progresso encarnadas na população transitória e flutuante. [...] Tirem a academia de São Paulo, e esse grande centro morrerá inanido[...]”.⁷⁸

Ainda segundo Zaluar, a capital da Província deixaria de existir, pois não possuía “lavoura” e “indústria” em “grande escala”, e o “movimento comercial” dos “interiores” com o porto de Santos e com o “mercado da corte” já era uma vantagem que dispensava do circuito a cidade de São Paulo.⁷⁹ Contudo, essas palavras de Zaluar apresentam-se um tanto duras. A dicotomia entre a população permanente e os estudantes, mesmo que esta fosse transitória, na verdade, deixaria frutos, ou pelo menos sementes de modernidade na cidade. E é a partir desse movimento que a reforma dos costumes cria a ideia do Cidadão em São Paulo e um ideal de Cidade.

De acordo com Ana E. R. Montoia, a constituição do espaço público é paralela a do político, quando, na segunda metade do século, as “autoridades paulistas investem no projeto reformador liberal”.⁸⁰ Os acadêmicos tornam-se, portanto, *homens de letras* na cidade, e compreendê-los como *flâneurs*, usando-se do conceito benjaminiano, é pensá-los frente ao projeto liberal numa cidade que, antes sem atrativos culturais, caminha para seu desenvolvimento urbano. *Flanar* pela Cidade, portanto, é compreendê-la enquanto Sociedade e, conseqüentemente, é compreender a figura do “Cidadão”, “ideia” que provém das “teses universalistas”⁸¹ francesas das quais se apoiaram os acadêmicos de São Paulo e têm, em

de Boi” (p. 356-370). TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A Capital da Solidão: Uma história de São Paulo das origens a 1900*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

⁷⁷ TOLEDO, *Op. cit.*, 2012, p. 347.

⁷⁸ Ver. ZALUAR, Augusto E. *Peregrinações pela província de São Paulo (1860-1861)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975, p. 123-128.

⁷⁹ ZALUAR, *Op. cit.*, 1975, p. 128. Ver. também SAINT-HILAIRE, *Op. cit.*, 1976, p. 132-145.

⁸⁰ Ver. MONTÓIA, Ana E. “O ideal de cidade: a reforma dos costumes e a gênese do cidadão em São Paulo no século XIX”. In: PORTA, *História da Cidade de São Paulo...*, *Op. cit.*, p. 153.

⁸¹ MONTÓIA, *Idem*, *Op. cit.*, 2004, p. 158.

Tocqueville, Voltaire, Kant e, sobretudo, em Rousseau a ciência moderna de sociedade e de política relacionadas às “reformas morais” vinculadas ao Liberalismo:

“O horizonte ideológico de que se nutre a noção de cidadania não faz economia de um certo ideário romântico, afeito a educação das sensibilidades de homens particulares. Mas, também para a antropologia romântica, isto que habita o homem à vida pública não prescinde de ação retórica, arma da persuasão política, cultivada como sociabilidade inscrita no gosto da palavra.”⁸²

E nada melhor para os homens de letras desenvolverem-se na vida pública e intelectual do que a articulação de “novos espaços da cultura letrada”. Apesar de pouco abordada pela história cultural do século XIX brasileiro, a imprensa paulista não nasce tardia como nos induz Heloísa de F. Cruz em seu ensaio “A imprensa paulistana”⁸³. Na verdade, sua criação só tem sentido a partir que a ideia de Cidade-Sociedade é construída e articulada pelos seus agentes, o Cidadão-Cultura Letrada-Homem de Letras, no Espaço Público (acadêmico, literário, político e etc.), impulsionada pela disseminação de ideais modernos (as ditas “ideias úteis e as luzes”, como queriam os acadêmicos de São Paulo). Alguns títulos da imprensa periódica paulistana (como “*O observador*”, “*O farol*”, “*A voz*”...) atribuíam à imprensa o papel de “vigilância e da publicização”, outros, oficiais da Província (como o *Correio Paulistano*) atribuíam “à imprensa o papel de instrumento de governo” defendendo a descentralização de poder da Capital do Império, as especificidades locais de São Paulo e a formação da elite intelectual do país.⁸⁴

Ainda na esteira da autora, a Faculdade de Direito tem papel fundamental na formação dessa elite a partir da imprensa:

⁸² MONTOIA, *Idem*, *Op. cit.*, 2004, p. 173, nota 60. O presente ensaio de Montoia é uma síntese de seu trabalho de Mestrado. Ver. MONTOIA, A. E. R. *Espaço urbano e política: São Paulo no século XIX*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1990. Além dos trabalhos de Montoia, sobre um intenso estudo sobre o Liberalismo, ver. o trabalho já citado de BRESCIANI, *Liberalismo...*, *Op. cit.*, 1979 e o estudo do cientista social Adorno, já citado, sobre o bacharelismo no Brasil, ver. ADORNO, *Os aprendizes do poder...*, *Op. cit.*, 1988.

⁸³ Ver. CRUZ, Heloísa de Faria. “A imprensa paulistana: do primeiro jornal aos anos 50”. In: PORTA, *Op. cit.*, 2004.

⁸⁴ CRUZ, *Idem*, *Op. cit.*, 2004, p. 353.

“A verdade é que parte do século XIX, o jornalismo e a vida intelectual e letrada paulistana permaneciam centrada na Academia de Direito. [...] O funcionamento do Curso Jurídico passa a articular novos espaços de cultura letrada, tais como casas livreas, sociedades literárias e bibliotecas que animam o periodismo paulistano.”⁸⁵

Nesse periodismo, destacam-se os jornais com discurso abolicionista: como é o caso d’*O Ypiranga* (1868) e do *Radical Paulistano* (1869), tendo como colaboradores Castro Alves, Joaquim Nabuco e Luís Gama. Além do jornal, as revistas literárias e científicas dos acadêmicos compunham a imprensa do período. Destacam-se a *Revista da Sociedade Philomathica* (1833), os *Ensaio Literários do Atheneu Paulistano* (1853-1863) e a *Revista Mensal do Ensaio Philosophico Paulistano* (1857). Dos periódicos ilustrados, críticos e satíricos, destacam-se o *Diabo Coxo* (1865) e o *Cabrião* (1866-1867). Apenas com o lançamento do *Correio Paulistano*, em 1854, que se firmam a imprensa diária e as bases da imprensa paulista. O interesse dessa imprensa era econômico, bem como “instrumento político de construção da hegemonia social”. Um dos exemplos da hegemonia social por meio da imprensa, além do jornal enquanto espaço público do debate, era a uniformização da Província a partir dos almanaques administrativos, comerciais, industriais e, também, literários, impressos pelas mesmas ou novas tipografias que imprimiam os jornais e revistas do período.⁸⁶

O desenvolvimento dos almanaques na Província é concomitante ao desenvolvimento das atividades comerciais e políticas na mesma, além das Instituições públicas para regulamentar e fiscalizar o setor. Como lembra Toledo, o impulso do comércio deu-se pela “presença de estrangeiros”, como é o caso do relojoeiro inglês Henry Fox, que também atuaria na arquitetura da cidade; das modistas e dos cabelereiros franceses, adaptando os costumes europeus e da Corte na capital paulista; e, no nosso caso, a herança deixada pelos Garnier para Anatole Louis Garraux ao fundar em 1960 a principal casa de comércio e livraria da cidade:

“Sua livraria [a Casa Garraux] não era apenas muito melhor do que as duas modestas casas do gênero que lhe antecederam na cidade. Virou também ponto de encontro, e ganhou o status de ‘livreiro da Academia jurídica de São Paulo’ [...]”.⁸⁷

⁸⁵ CRUZ, *Idem*, *Op. cit.*, 2004, p. 354.

⁸⁶ CRUZ, *Idem*, *Op. cit.*, 2004, p. 359.

⁸⁷ TOLEDO, *Op. cit.*, 2012, p. 365-366, [acrésimo próprio].

Casas essas que estariam registradas nos almanaques da Província, que também eram impressos por tipógrafos estrangeiros, como é o caso de Jorge Seckler, principal tipógrafo particular da cidade e criador do *Almanach Administrativo, Commercial e Industrial da Província de São Paulo*.

Contudo, a história da São Paulo oitocentista é mais marcada por anônimos do que pelos símbolos construídos no século XX em diante. Da imprensa paulista no oitocentos, poucos são os nomes célebres, salvo alguns homens de letras notórios que eram escritores, de influência intelectual ou que dão nomes às atuais ruas da cidade. Os almanaques de São Paulo são prova disso, destacando algum poeta, casa de comércio ou sobrenome memorial. O que importa, tratando-se de um almanaque, é a fonte de dado da vida social de um determinado local. Segundo Maria Coleta Oliveira em seus estudos acerca dos almanaques de São Paulo como fonte de dados e de pesquisa,

“Os Almanagues se propõem a informar sobre as características da vida social e econômica das localidades registrando, muitas vezes com disfarçável tom ufanista, o cotidiano das cidades do interior paulista. Ao lado de apontar o que de novo acontecia no município, faz parte do estilo dessas publicações um inventário de quem é quem no cenário social e econômico das localidades, arrolando os nomes dos titulares de negócios, instituições e apontando os responsáveis por empreendimentos, de natureza privada ou coletiva, que marcaram a vida local em dado momento. [...] Através dos Almanagues somos inteirados do que se compra e se vende no comércio local e o tipo e a quantidade de serviços e equipamentos de educação, saúde, cultura etc.”⁸⁸

Muitos são os almanaques da Província⁸⁹, e alguns nomes de seus editores são importantes para traçar uma mapa da atuação desse veículo de informação na Província, como

⁸⁸ OLIVEIRA, “Os Almanagues de São Paulo como Fonte de Pesquisa”. In: MEYER (org.). *Do Almanak aos Almanagues...*, *Op. cit.*, 2001, p. 23-24.

⁸⁹ Devido à recusa de financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) para a execução desse trabalho, não foi viável considerar todos os almanaques estaduais e municipais, pois, além do financiamento do acesso a esses almanaques, e os consultados seriam adquiridos e doados aos órgãos de preservação patrimonial e memorial da UNICAMP, os almanaques estudados nessa pesquisa se limitaram àqueles que abrangessem a maior parte da Província paulista no século XIX e que seriam de fácil acesso e se encontram digitalizados e disponíveis online no portal da Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional, in: <http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>. São eles o *Almanak da Província de São Paulo para 1873*, organizado e publicado por Antonio J. B. de Luné e Paulo D. da Fonseca. S. Paulo: Typographia Americana, 1873; os *Almanach's Administrativo, Commercial e Industrial da Província de São Paulo* para os anos de 1883 a 1886, fundados e organizados por Jorge Seckler. São Paulo: Jorge Seckler & Cia, publicados no intervalo de 1884 e 1887; e o *Almanach Litterario Paulista para 1876*, publicado por José M. Lisboa, Abílio Marques e Taques. São Paulo: Typ. da Província de São Paulo, 1875. Usar-me-ei das abreviações *Almanak SP (1873)*, *Almanach ACI-SP (83-84)* e *Almanach Litterario (1876)*, para referenciar os respectivos almanaques.

é o caso de José Maria Lisboa que fundou, organizou e imprimiu o *Almanak de Campinas* (seguido pelos almanaques de Amparo e de Rio Claro), entre 1871 e 1873 e, posteriormente, o *Almanak litterario* de toda a Província, entre 1873 e 1879.⁹⁰ Além de J. M. Lisboa, outro nome sobressai-se na imprensa da década de 1880 na Província: Jorge Seckler, que fundou, organizou e imprimiu o *Almanach ACI-SP*, o mais importante de seu tempo e citados nos estudos de São Paulo. Seckler fundou a principal casa comercial de papelaria e de material tipográfico e a principal tipografia da cidade, a Casa Importadora e Typographia Jorge Seckler & Cia.⁹¹

Os *Almanach's ACI-SP* são didaticamente divididos pelas regiões, comarcas e municípios distritais da Província, destacando os líderes políticos e militares (delegados) de cada Província e seu representante parlamentar na Corte. Sobre cada cidade, há uma síntese enciclopédica expondo informações sobre a população e valorizando uma característica quase patriótica da mesma. A partir dessas informações técnicas, aparecem as subdivisões acerca dos tipos de comércios, sendo os mais evidentes os armazéns de secos e molhados.⁹² Ao que diz respeito à nossa pesquisa, aparecem as Instituições de leitura: sociedades acadêmicas e maçônicas, livrarias, tipografias e casas de comércio/importação na capital, e as bibliotecas, guarda-livros e gabinetes de leitura no interior. Sobre a aparição desses “tópicos”, não há, aparentemente, uma escrita padrão. Cada “tópico” até segue uma diretriz de explicitar um ou mais representantes da instituição, mas a grande maioria se aproxima de um tipo de anúncio, especificando, por exemplo, a quantidade e tipo de acervo ou anunciando o tipo de serviço prestado, como a pluralidade comercial da Casa Garraux.

Já o *Almanach Litterario (1976)* segue, em seu início, os mesmos parâmetros dos demais almanaques: descreve o calendário lunar, os horários e preços das viagens de trem. O *Almanach Litterario*, por não ser um inventário comercial, depende unicamente do patrocínio publicitário, o que justifica o grande número de páginas impressas com anúncios, em destaque os anúncios das casas importadoras e de comércio, tipografias e livrarias. Um anúncio curioso é a de fotógrafos alemães, exaltando a modernidade da oferta desse serviço na capital. O tom do *Almanach Litterario* é evidentemente ufanista, valorizando o cidadão paulista do passado e

⁹⁰ Ver. a reprodução de Almanques Gerais, organizados por MEYER, *Do Almanak aos Almanques...*, *Op. cit.*, 2001, p. 48-55.

⁹¹ MEYER, *Op. cit.*, 2001, p. 64-65. Para um estudo que abrange, ainda que de maneira simplória, mas ainda sim um marco pioneiro da história do livro no Brasil, os nomes dos tipógrafos e tipografias, sobretudo em São Paulo, ver. HALLEWEL, Laurence. *O Livro no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2005, destaque para o capítulo 12 “O crescimento da atividade editorial em São Paulo” (p. 333-344).

⁹² Segundo os estudos realizados por Marisa Midori Deaecto em 2002, esse ainda era o principal tipo de comércio no fim do século XIX, apenas acrescentado no século seguinte da indústria tecelã. Ver. DEAECTO, M. M. *Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: SENAC, 2002.

do presente: o honrado trabalhador que se lança à instrução e às belas-letas. Os temas dos textos giram em torno da concepção do “ser paulista”, de sua natureza (flora/botânica), das origens indígenas, valorizando um passado mitológico e “exótico”, os conventos que preenchem as principais cidades e os traços biográficos de seus nomes mais notórios. Quanto ao gênero, os textos vão desde anúncios de supostos documentos históricos (como autógrafos de homens ilustres que atuaram na Província de alguma maneira) a um tipo de narrativa histórica, próxima ao estilo da narrativa de viagem com traços poéticos e biográficos de poucas linhas, ou de poucas páginas, que narrasse algum feito individual ou coletivo na/da Província. O mais importante, é que nenhum dos textos segue uma metodologia ou poética formais. De seus agentes, são autores anônimos, com exceção ao poema de Casimiro de Abreu que serviu de epígrafe para este capítulo, das regiões de Campinas, de Santos e da Capital, em sua maioria. Alguns dos poemas carregam como título “Imitação de...” seguido de um nome de uma poeta de referência, como Camões, Victor Hugo e Goethe. Uma das claras percepções do almanaque é a exaltação da Europa enquanto um modelo artístico-literário e, ao se tratar de comércio e de indústria, as comparações se voltam aos Estados Unidos da América. Induzindo o *Almanach Litterario*, portanto, que São Paulo seria a mais genuína e, ao mesmo tempo, cosmopolita Província da nação.

Mas, o que mais interessa nos almanaques de São Paulo é como aparecem essas instituições da cultura letrada: as livrarias, guarda-livros, gabinetes de leitura, casas importadoras, tipografias e sociedades que seguem a linha de trem, saindo de Santos, passando pela Capital e se destinando ao interior da Província.

2.2. NO TRAJETO DO TREM: CASAS DE IMPORTAÇÃO E DE COMÉRCIO LIVREIRO

O crescimento editorial de São Paulo não segue uma ordenação e não é concomitante à inauguração da Faculdade Direito entre as décadas de 1820 e 1830. Mesmo no período em que José de Alencar, Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães frequentaram a cidade em fase de estudos, a única instituição de leitura era a Biblioteca da Academia e as poucas bibliotecas particulares de professores e membros das sociedades acadêmicas. Apenas em 1860 é inaugurada a Casa Garraux e pouco se acrescentou ao circuito do livro e da leitura durante as próximas duas décadas. O que vale ressaltar é que, durante a maioria do oitocentos

paulista, os maiores centros da cultura letrada girava em torno das bibliotecas particulares que serviam tanto de guarda-livros, sobretudo para pessoas em transição de residência, como é o caso de viajantes e estudantes pela Província, e como os gabinetes de leitura espalhados pela Província. Segundo o *Almanak SP* de 1873, havia, pelo menos, quatro lojas de sociedades maçônicas espalhadas pelas ruas centrais da capital, mais a Sociedade do Atheneo Litterario que atuava periodicamente com as publicações de jornais e revistas. Ainda na capital, é listado no *Almanak SP (1873)* a Livraria A. L. Garraux e o Gabinete de Leitura de Mme Gulhem, o único gabinete de leitura da capital com preços módicos para estudantes. Já para o interior, a chamada centra-se nos guarda-livros/gabinete de Campinas, este com uma biblioteca de 1000 volumes, o Gabinete Rio-clarense, sem especificação da quantidade do acervo, e o Gabinete Sorocabano, com 1500 volumes.

Ao comparar os dados do *Almanak SP (1973)* com os *Almanach's ACI-SP*, entre os anos de 1883 e 1887, pouco mudou em relação à década anterior. Em 1883 são listados, 90 guarda-livros espalhados pela Província, contudo, conforme passam-se os anos, e partir do desenvolvimento do comércio livreiro, esse número tende a diminuir. Em 1884 são listados 40 guarda-livros e, entre 1886 e 1887, são apenas 20 guarda-livros. Nesse período, em contrapartida, a capital já possui duas livrarias: a Casa Garraux & Cia, acrescentada da informação de Casa Importadora, mais estabelecida no comércio da cidade; e a Livraria Paulista, de Teixeira & Irmão. Campinas, além do Gabinete de Leitura estabelecido, inaugura casas de comércio que também vendiam ou guardavam livros, como é o caso das de Castros Mendes e de Diogo Amaral e a Livraria Universal, de G. Pinheiro, que será a principal da cidade até o século XX. Já Rio Claro mantém seu importante Gabinete de Leitura somado à casa de comércio de venda e guarda-livros de Guilherme Fonseca que viria a doar seu acervo para o gabinete no final da década de 1880.

Tabela 4 – Livrarias, Guarda-Livros, Gabinetes de leitura, Casas Importadoras e Tipografias (1873-1886)

<i>Almanak da Provincia de São Paulo para 1873</i>	
Cidade	Instituições: Sociedades/Casa de Comércio
S. Paulo	Sociedade Atheneo Litterário (Faculdade de Direito)
S. Paulo	Livraria A. L. Garraux
S. Paulo	Gabinete de Leitura de Mme Gullen
Campinas	Guarda-livros / Gabinete de leitura de Campinas
Sorocaba	Sociedade e Gabinete de Leitura Sorocabano
Rio Claro	Guarda-livros / Sociedade e Gabinete de Leitura Rio-clarense
<i>Almanach Administrativo, Commercial e Industrial da Provincia de São Paulo (1883-1887)</i>	
Cidade	Instituições: Sociedades/Casa de Comércio
S. Paulo	A. L. Garraux & Cia, Casa importadora e livraria
S. Paulo	Teixeira & Irmão, Livraria Paulista
S. Paulo	Casa Importadora e Typographia Jorge Seckler & Cia.
Campinas	Guarda-livros / Gabinete de Leitura de Campinas
Campinas	G. Pinheiro, Livraria universal
Rio Claro	Guarda-livros / Sociedade Gabinete de Leitura Rio-clarense

Um dado curioso que ilustra a tabela acima é a Garraux & Cia e a Tipografia Seckler & Cia aparecerem nos almanaques não apenas como casas de comércio e, mas também como casas de importação. Nesse período, as casas de importação e de comércio vendiam bens e produtos dos mais diversos. No caso da Casa Garraux, além de livros, eram comercializados bens culturais (litografias), artigos de decoração e papelaria e até tecidos, bengalas e unguentos vindos na mesma remessa nas quais estavam os livros da Europa e da Corte.

Em seu importante trabalho de Mestrado, Carina Pedro estuda essas Casas de Importação. Segundo a autora, a possibilidade de um porto internacional na Província permite tanto o comércio de longo curso, ou seja, entre países de nacionalidade diferentes, divididos pelo mar, quanto o comércio de cabotagem, isto é, por mar entre diversas províncias do mesmo Estado ou, até mais, de cabotagem pequena dentro da mesma província. Assim, a Província paulista por meio do porto de Santos entra na estratégica rota de portos brasileiros do comércio internacional transatlântico, pois consistiam em escalas para outros portos da América do Sul (Montevideu, Buenos Aires), da costa leste dos Estados Unidos (Nova Iorque) e do acesso à África e à Ásia. Empresas de navegação, como a *Société Générale de Transports Maritimes à Vapeur*, e que faziam a Linha França (Marselha), Brasil (Santos) e Argentina (Prata), tinham seus agentes “situados em regiões centrais e do alto comércio”, como o caso da própria Casa Garraux⁹³.

⁹³ Ver. PEDRO, Carina Marcondes Ferreira. *Casas Importadoras de Santos e seus Agentes: comércio e cultura material (1870-1900)*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2010, p. 47-48.

A importância de Santos e, conseqüentemente, da linha férrea que ligava o porto ao interior da Província desperta a crítica do viajante Saint-Hilaire, que via São Paulo como

“um grande depósito de mercadoria que vêm da Europa e de um local de trânsito dos produtos da região. O porto de Santos lhe é absolutamente indispensável, ao que este poderia passar sem ela [a cidade de São Paulo]”⁹⁴

Contudo a cidade era estratégica enquanto “centro” entre o porto (cujas regiões de Santos, São Vicente e Cubatão era de difícil geografia tratando-se de expansão urbana) e o interior da Província. Ainda segundo Carina Pedro, as casas importadoras encontravam-se no centro comercial e portuário de Santos, mas as firmas de importação estrangeiras também possuíam filiais ou matrizes em São Paulo e distribuía mercadorias para diversas cidades.

“A cidade de São Paulo passou a fazer parte mais intensamente deste intercâmbio, com a presença de negociantes franceses, no final do século XIX, quando o mercado paulista se tornou atraente para a instalação de suas firmas, em especial, para o comércio de supérfluos [...]”⁹⁵

Tratando-se desses negociantes franceses que abriam suas casas de comércio e, depois, viriam a fundar casa de importação que ligasse o Atlântico diretamente com a Província, merece destaque, novamente, Anatole Louis Garraux e a sua Casa de Importação e Livraria.

2.3. A CASA GARRAUX E AS BIBLIOTECAS E GABINETES DE LEITURA PELA PROVÍNCIA PAULISTA

Garraux, livreiro e tipógrafo francês, chegou em São Paulo em 1860 enviado por Garnier, principal livreiro do circuito Paris-Rio de Janeiro, para fundar em São Paulo uma filial da célebre livraria francesa e fluminense Garnier Frères. Logo em seguida, em parceria com outro livreiro e tipógrafo francês, De Lailhacar, torna-se dono da firma “Garraux, De Lailhacar e Cie” que abriria outra filial da livraria em Recife, estrategicamente na mesma cidade onde

⁹⁴ SAINT-HILAIRE, *Op. cit.*, 1976, p. 132-145, [grifo próprio].

⁹⁵ PEDRO, *Op. cit.*, 2010, p. 65.

outra Academia de Direito havia sido inaugurada e carecia de um forte comércio livreiro bem como espaços de cultura letrada. Já no início de 1870, Garraux e De Lailhacar, este que já estava bem instalado em Recife, encerram a parceira. Garraux, segundo consta no *Almanach ACI-SP* de 1884 junta-se a Fischer e Cia. para fundar a Casa de Importação Garraux e Livraria, tendo como alvo a importação de livros, mas de todos os bem de cultura, decoração, artes e ofícios e papelaria que pudesse ser importado, movimentado e vendido.⁹⁶

A Casa Garraux foi a livraria e a família livreira mais importante da Província paulista no século XIX, possuindo o maior mercado de bem culturais em títulos de livros.

“É verdade que as livrarias nunca foram os lugares exclusivos para a aquisição de livros. Eles representam a forma contemporânea e mais desenvolvida, na medida em que a especialização das casas comerciais em linhas de produto é uma ‘invenção’ do século XIX. [...] Também a encomenda via correio junto às livrarias da Corte era um meio viável. Todavia, todos estes caminhos constituem meios indiretos de consumo, ou seja, se eles não inibiram o comércio como um todo [...]”⁹⁷

A partir dos catálogos de Garraux (São Paulo) e De Lailhacar (Recife), é possível determinar que o circuito da circulação e recepção do livro baseava-se nas relações comerciais e transatlânticas entre França/Bélgica-Brasil e França/Bélgica-Portugal-Brasil (neste caso, na rota Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo).⁹⁸ Nos catálogos das Casa Garraux e Casa Garnier há um total de 1187 obras, sendo 528 títulos de “Obras Literárias” e 113 títulos de

⁹⁶ Ver. TOLEDO, *Op. cit.*, 2012. Sobre a biografia e a trajetória completa de A. L. Garraux, ver. DEAECTO, *O Império dos livros, Op. cit.*, 2011. Além dessa obra que, para o presente trabalho é de suma importância, ver. também os dois artigos da autora que também servirão aqui como fonte inestimável do acesso aos dados dos catálogos da Casa Garraux, DEAECTO, M. M. “Anatole Louis Garraux e o comércio de livros franceses em São Paulo (1860-1890). *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 28, n. 55, pp. 85-106, junho de 2008; DEAECTO, M. M. “Os Catálogos da Livraria Garraux na Cidade de São Paulo”, *Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. Publicação do acervo online, s/d, disponível em <<http://www.usp.br/nel/acervo.html>>. Último acesso em 24 de julho de 2018. Ainda sobre a Casa Garraux e o crescimento editorial em São Paulo, ver. HALLEWELL, *Op. cit.*, 2005, p. 337-342.

⁹⁷ DEAECTO, *O Império dos livros, Op. cit.*, 2011, p. 214-215.

⁹⁸ Segundo Hallewell o acervo de livros da Casa Garraux até 1883, conforme aumenta o número de editoras e traduções luso-brasileiras, vinha de Portugal (42%), da França e de outras localidades da Europa (6%) e do Brasil (50%), ver. HALLEWELL, *Op. cit.*, 2012, p. 340-341. Não estão especificadas as fontes desses dados, o que nos faz induzir que foi realizado um cálculo nos catálogos de Garraux, sobretudo na França, dos Garnier (França-Brasil). Contudo, é perceptível o crescimento da indústria editorial no Brasil, pois, segundo o catálogo de 1866, a grande maioria das obras eram em francês e impressas na Bélgica. Na década de 1870 é possível editar e imprimir obras em português na Europa e trazê-las para o Brasil. Já a partir da década de 1880, com a agitação política da transição do Império para a República, o mercado editorial com a imprensa periódica é impulsionado por setores oligárquicos-privados e, conseqüentemente, cresce o número de editoras, de tipografias e de impressões brasileiras.

“Poesia”. Já havia edições e títulos nacionais, mas eles “encontravam-se fortemente concentrada nos títulos de belas-lettras” nos quais estão presentes

“ao público o repertório de autores da Academia de Direito de São Paulo. São obras dramáticas de José de Alencar, a poética de Fagundes Varela [...] livros de Bernardo Guimarães, Sizenando Nabuco, Álvares de Azevedo. [...] Os autores mais populares, ou pelo menos aqueles que tinham os livros mais baratos no mercado, eram Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Machado de Assis [...] estão na mesma seção de textos traduzidos de Alexandre Dumas, Paul de Kock, Chateaubriand e Eugène Sue, para citar alguns dos autores mais frequentes.”⁹⁹

Ainda segundo Deaecto, é evidente que a “Faculdade foi o principal centro receptor e produtor do pensamento político-econômico liberal”, o que justifica a formação de sua biblioteca a partir dos novos títulos franceses de diversas áreas do conhecimento que estavam chegando e circulando pela Livraria Casa Garraux. Dentre os títulos em francês na área de Direito, havia obras de “interesse político”, como *Histórias da Revolução Francesa* e de historiadores-políticos contemporâneos como Tocqueville e Buchez et Roux.¹⁰⁰ Era riquíssima a quantidade de títulos e volumes de literatura e da história francesa, pelos menos em relação à simultaneidade com as origens europeias, dentre eles, edições completas e de luxo de Gautier e Hugo, e obras completas e títulos individuais de Lamartine, Michelet, Voltaire, e, por fim, edições populares de Balzac, Sue, Flaubert, Dumas, Musset, Mérimée, e etc., assim como edições em francês de Byron, Goethe e Heine.¹⁰¹

O catálogo da Casa Garraux dispunha de uma seção destinada à leitura feminina, no “modelo tão propriamente burguês de organização familiar”. Famílias que eram formadas conforme as autoridades intelectuais e civis começam a se instalar efetivamente na capital da Província. Destinadas às suas mulheres, eram títulos de “livros ilustrados, de romances e de revistas de costumes”, como “textos religiosos e narrativas de viagem”, “narrativas históricas

⁹⁹ DEAECTO, *Op. cit.*, 2011, p. 315-7; ainda segundo Halleweel, já no catálogo de 1866 são totalizados 473 títulos de “Obras de literatura, historia, novellas, romances ilustrados, etc.”, “dos quais 215 são traduções”, a maioria de Scott e Cooper. “Os mais populares são os livros de Dumas (75 títulos), Sue (22 títulos) e Paul de Kock (21); dos demais, Soulié, Paul Féval e George Sand estão bem representados [...] Os autores portugueses mais populares eram Castelo Branco (evidentemente), Almeida Garrett, enquanto José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo eram os principais entre os brasileiros.”, ver. HALLEWELL, *Op. cit.*, 2012, p. 339.

¹⁰⁰ DEAECTO, *Op. cit.*, 2011, p. 329.

¹⁰¹ DEAECTO, *Op. cit.*, 2011, p. 331-333.

[...] fantasiosas”, além de obras de Hugo, Defoe, “*Paul et Virginie*”, Fénelon, “*Fables diverses, Les milles et une nuits, Lettres de Mme. De Sévigné*”, e etc.¹⁰²

Tabela 5 – Catálogo Livraria Garraux de 1866 – Síntese dos títulos de Belas-Letras francesas e/ou em francês e luso-brasileiros e/ou em português notórios e que merecem destaque¹⁰³

Títulos de Belas-Letras francesas e/ou em francês	
<i>Littérature – Oeuvres complètes des principaux prosateurs</i>	STENDHAL (H. Beyle), <i>Correspondance inédite, Nouvelles et romans.</i> SUE (Eugène), <i>Oeuvres.</i>
BYRON, <i>Oeuvres complètes.</i>	Títulos de Belas-Letras luso-brasileiros e/ou em português
CHATEAUBRIAND, <i>Nouvelle édition.</i>	
DUMAS, père et fils. <i>Romans et Théâtre.</i>	
GOETHE, <i>Oeuvres: poésies, théâtre, romans.</i>	
HOFFMANN, <i>Oeuvres complètes.</i>	
HUGO (V.), <i>Oeuvres.</i>	
LAMARTINE, <i>Oeuvres complètes.</i>	
MUSSET (Alfred de), <i>Poésies complètes.</i>	
NAPOLÉON Ier, <i>Correspondances publiées.</i>	
ROUSSEAU (J. J.), <i>Petits chefs-d’oeuvres.</i>	
SCHILLER, <i>Oeuvres.</i>	
STAEL, <i>Oeuvres inédites et oeuvres complètes.</i>	
VOLTAIRE, <i>Oeuvres complètes.</i>	
<i>Poésie – Oeuvres complètes des principaux poètes</i>	
GAUTIER, <i>Poésies complètes et poésies nouvelles.</i>	ALENCAR, <i>Asas de um anjo, O demonio familiar, verso e reverso.</i>
GOETHE, <i>Poésies.</i>	ALVARES DE AZEVEDO, <i>Obras.</i>
HUGO (V.), <i>Oeuvres.</i>	ASSIS, Machado, <i>Chrysalidas, poesias, Theatro.</i>
LAMARTINE, <i>Premières et nouvelles méditations.</i>	DIAS (Gonçalves), <i>Cantos.</i>
MUSSET, <i>Premières poésies, nouvelles poésies et oeuvres posthumes.</i>	GUIMARÃES (Bernardo Joaquim), <i>Poesias completas.</i>
SAINTE-BEUVE, <i>Poésies.</i>	MACEDO (J. M.), <i>Theatro.</i>
SCOTT (Walter), <i>Romans poétiques.</i>	MAGALHÃES (Gonçalves), <i>Canticos funebres.</i>
SCHILLER, <i>Poésies.</i>	VARELLA (Fagundes), <i>Cantos e Phantasias, Juvenila, Livros das sombras, Melodias do estio.</i>
VIGNY (Alfred de), <i>Poésies.</i>	<i>Obras de Litteratura – Historia, Novellas, Romanves Illustrados, etc., etc.</i>
<i>Nouvelles et Romans</i>	ALENCAR (J.), <i>A Viuvinha, Cinco minutos, O Guarany e obras de theatrs.</i>
BALZAC (H. de), <i>Oeuvres complètes, Comédie Humaine, Les contes drôlatiques, Théâtre.</i>	AVENTURAS de Robinson Crusóe e Aventuras de Telemaco.
COOPER (Fenimore), <i>Nouvelles et romans.</i>	CASTELLO BRANCO, <i>Romances, poesias, dramas.</i>
DICKENS (Charles), <i>Oeuvres, les chefs-d’oeuvre.</i>	DUMAS (Alex), <i>Romances, novellas, romances historicos, folhetos/folhetins.</i>
DUMAS (Alexandre), <i>Oeuvres.</i>	GARRET (Almeida), <i>Obras completas.</i>
DUMAS Fils. <i>Oeuvres.</i>	HISTÓRIAS (Historiografias) de Thiers, Lamartine, etc.
FÉVAL (Paul), <i>Oeuvres.</i>	KOCK (Paulo de), <i>Obras, romances, novellas.</i>
HOFFMANN, <i>Oeuvres complètes.</i>	LIVRARIA ROMÂNTICA, dramas de Paulo Feval.
KOCK (Ch. Paul de), <i>Éditions illustrées, in-folio, ouvrages nouveaux.</i>	MACEDO, (J. M.), <i>Romances, novellas, dramas e poema romance.</i>
SAND (Georges). <i>Éditions de luxe.</i>	SUE (Eugênio), <i>Romances, romances historicos, aventuras, historias.</i>

¹⁰² DEAECTO, *Op. cit.*, 2011, p. 347.

¹⁰³ Para a relação completa dos títulos presentes nos catálogos da Casa Garraux, bem como a representação dos catálogos, ver. DEAECTO, M. M. “Os Catálogos da Livraria Garraux na Cidade de São Paulo”, *Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. Publicação do acervo online, s/d, disponível em <<http://www.usp.br/nel/acervo.html>>. Último acesso em 24 de julho de 2018.

Tabela 6 – Catálogo Livraria Garraux de 1872 – Síntese dos títulos de Belas-Letras francesas e/ou em francês e luso-brasileiros e/ou em português notórios e que merecem destaque¹⁰⁴

Títulos de Belas-Letras francesas e/ou em francês e luso-brasileiros e/ou em português ainda presentes do catálogo de 1866 e no de 1872

<i>Obras de Litteratura – Poesia – Theatro – Novellas e Romances</i>	HOFFMANN, <i>Oeuvres complètes</i> .
ALENCAR, <i>Asas de um anjo, O demonio familiar, verso e reverso</i> .	HOFFMANN, <i>Oeuvres complètes</i> .
ALENCAR (J.), <i>A Viuvinha, Cinco minutos, O Guarany e obras de theatr.</i>	HUGO (V.), <i>Oeuvres</i> .
ALVARES DE AZEVEDO, <i>Obras</i> .	HUGO (V.), <i>Oeuvres</i> .
ASSIS, Machado, <i>Chrysalidas, poesias, Theatro</i>	KOCK (Ch. Paul de), <i>Éditions illustrées, in-folio, ouvrages nouveaux</i> .
AVENTURAS de Robinson Crusóe e Aventuras de Telemaco.	KOCK (Paulo de), <i>Obras, romances, novellas</i> .
BALZAC (H. de), <i>Oeuvres complètes, Comédie Humaine, Les contes drôlatiques, Théâtre</i> .	LAMARTINE, <i>Oeuvres complètes</i> .
BYRON, <i>Oeuvres complètes</i> .	LAMARTINE, <i>Premières et nouvelles méditations</i> .
CASTELLO BRANCO, <i>Romances, poesias, dramas</i> .	LIVRARIA ROMÂNTICA, <i>dramas de Paulo Feval</i> .
CHATEAUBRIAND, <i>Nouvelle édition</i> .	MACEDO, (J. M.), <i>Romances, novellas, dramas e poema romance</i> .
COOPER (Fenimore), <i>Nouvelles et romans</i> .	MACEDO (J. M.), <i>Theatro</i> .
DIAS (Gonçalves), <i>Cantos</i> .	MAGALHÃES (Gonçalves), <i>Canticos funebres</i> .
DICKENS (Charles), <i>Oeuvres, les chefs-d'oeuvre</i> .	MUSSET (Alfred de), <i>Poésies complètes</i> .
DUMAS (Alexandre), <i>Oeuvres</i> .	MUSSET, <i>Premières poésies, nouvelles poésies et oeuvres posthumes</i> .
DUMAS Fils, <i>Oeuvres</i> .	NAPOLÉON Ier, <i>Correspondances publiées</i> .
DUMAS, père et fils, <i>Romans et Théâtre</i> .	ROUSSEAU (J. J.), <i>Petits chefs-d'oeuvres</i> .
DUMAS (Alex), <i>Romances, novellas, romances historicos, folhetos/folhetins</i> .	SAINTE-BEUVE, <i>Poésies</i> .
FÉVAL (Paul), <i>Oeuvres</i> .	SAND (Georges), <i>Éditions de luxe</i> .
GARRET (Almeida), <i>Obras completas</i> .	SCOTT (Walter), <i>Romans poétiques</i> .
GAUTIER, <i>Poésies complètes et poésies nouvelles</i> .	SCHILLER, <i>Poésies</i> .
GOETHE, <i>Poésies</i> .	SCHILLER, <i>Oeuvres</i> .
GOETHE, <i>Oeuvres: poésies, théâtre, romans</i> .	STAEEL, <i>Oeuvres inédites et oeuvres complètes</i> .
GUIMARÃES (Bernardo Joaquim), <i>Poesias completas</i> .	STENDHAL (H. Beyle), <i>Correspondance inédite, Nouvelles et romans</i> .
HISTÓRIAS (Historiografias) de Thiers, Lamartine, etc.	SUE (Eugène), <i>Oeuvres</i> .
	SUE (Eugênio), <i>Romances, romances historicos, aventuras, historias</i> .
	VIGNY (Alfred de), <i>Poésies</i> .
	VARELLA (Fagundes), <i>Cantos e Phantasias, Juvenila, Livros das sombras, Melodias do estio</i> .
	VOLTAIRE, <i>Oeuvres complètes</i> .

Títulos de Belas-Letras francesas e/ou em francês e luso-brasileiros e/ou em português acrescentado no catálogo de 1872

Littérature – Belles Lettres – Critique – Oeuvres complètes d'histoire, Poésie, Théâtre, etc.

CHATEAUBRIAND, <i>Oeuvres, nouvelle édition</i> .	ROUSSEAU (J. J.), <i>Oeuvres complètes, Discours, Economie politique, Mélanges, Théâtre, Poésie, Botanique, Musique</i> .
GUIZOT, <i>Histoires (Historiografias completas), études, mémoires et méditations</i> .	TAINÉ, <i>Essais sur les philosophes contemporains, français, art, idéalisme, positivismes, critique et hsitóire, littérature anglaise et écrivans anglais contemporains</i>
HEINE, <i>Correspondances, poèmes, drames, satires</i> .	
HUGO (Victor), <i>Poésies, Théâtre, Littérature et philosophie mêlées, Ouvrages et romans illustrés, oeuvres oratoires</i> .	

¹⁰⁴ Todas as obras e títulos citados no catálogo de 1972 têm como base o catálogo de 1866. Em negrito estão os acréscimo e crescimento do acervo da Casa Garraux. Para a relação completa dos títulos e a representação dos catálogos, ver. DEAECTO, M. M. “Os Catálogos da Livraria Garraux na Cidade de São Paulo”, *Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. Publicação do acervo online, s/d, disponível em <<http://www.usp.br/nel/acervo.html>>. Último acesso em 24 de julho de 2018.

*Poésie – Théâtre – Romans***BALZAC**, *Oeuvres complètes*, 45 vols.**BAUDELAIRE**, *Poésies, L'art romantique, Curiosités esthétiques.***DUMAS, Père et Fils**, *Tous les titres disponibles.***FÉVAL (Paul)**, *Éditions illustrées de gravures, in-folios et éditions de luxe.***KOCK**, *Série de volumes in-folio illustrés.***Littérature étrangère dans les langues originales****Ouvrages en langue anglaise: DICKENS.****Ouvrages en langue allemande: GOETHE, SCHILLER.****Ouvrages divers recommandés à l'attention de nos lecteurs:**- **ABREU, (Casimiro)**, *Poesias completas.*- **CRONICA Litteraria de S. Paulo**, retrospectivo do anno de 1866, 87 e 88.- **VARELLA**, *Cantos et Phantasias, Poesias.*

Vale lembrar que os espaços de leitura e de consumo do livro, que se aproximavam dos espaços do debate público, da produção literária, da esfera política, ou seja, todos aqueles que reúnem práticas, intenções e instituições da cultura letrada na São Paulo oitocentista, resumiam-se nos simplórios e escassos salões literários, como o da Marquesa de Santos; nas bibliotecas privadas dos professores da Faculdade de Direito, dos eclesiásticos e outros homens de letras anônimos, como amigos e parentes; nas sociedades tais quais as associações/*clubs* acadêmicas e lojas maçônicas; nos bares, tavernas e cafés (estes que tomaram o lugar das tavernas, pois configuravam um espaço público de refinamento cultural, no estilo francês e imperial); nas livrarias; e, por fim, nos guarda-livros e gabinetes de leitura.

Os gabinetes de leitura constituem-se em uma completa, ambígua e anônima instituição da cultura letrada. Sua origem está nos primeiros guarda-livros ou bibliotecas particulares que também emprestavam seus livros mediante certa contribuição. Ao lado de Nelson Schapochnik, que possui o maior levantamento e análise dos gabinetes de leitura na corte imperial, centrando seus estudos no Real Gabinete Português, Ana Luiza Martins realiza e único e verdadeiramente completo trabalho acerca dos gabinetes de leitura na Província paulista.¹⁰⁵ Segundo a historiadora, pensar na origem dos gabinetes de leitura, é considerar as categorias que o precedem enquanto alugadores de livros:

¹⁰⁵ Em relação do trabalho de Schapochnik acerca dos gabinetes e bibliotecas na corte imperial, ver. SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1999; sobre os trabalhos de Ana Luiza Martins em relação aos gabinetes paulistas, bem como sua listagem e as fontes de sua documentação, ver. MARTINS, Ana Luiza. *Gabinetes de Leitura: Cidades, Livros e Leituras na Província Paulista*. São Paulo: Edusp, 2015.

“A locação de livros, porém, não foi uma invenção dos gabinetes de leitura. Na França, ainda em 1761, quando se editou o romance *La Nouvelle Héloïse*, de Jean-Jacques Rousseau, mencionava-se a prática de *alugar livros*, iniciativa de hábeis livreiros em favor de leitores que não podiam adquirir as obras”¹⁰⁶

Nesse movimento, as “casas de locação de livros” têm papel fundamental na democratização da leitura, bem como a “transição entre as bibliotecas monásticas e as bibliotecas laicas”. O gabinete, portanto, entra na cultura do oitocentos como um espaço de modernização,

“Isso porque o termo originário do francês antigo, *cabinet*, guardava muitas expressões, as quais no seu conjunto davam a dimensão de vanguarda e modernidade que então se lhe atribuía, espaço de descobertas, numa sociedade que se renovava, identificando-se com as novas práticas culturais [...] no uso diverso da expressão gabinete de leitura e de sua qualificação mais conhecida, é constante a alusão à ideia de progresso e civilização.”¹⁰⁷

Apesar de fazerem alusão à modernidade, ao progresso e à civilização, entretanto, os gabinetes não cresceram e se fixaram de maneira uniforme e cosmopolita, uma vez que se espelhavam na complexidade e nas referências de cada sociedade dentro da qual ele se desenvolve. Mas, o “contexto”, de maneira geral, para o gabinete estava definido: por ser particular, poderia desmobilizar obras com limitações jurídicas de circulação e disponibilidade nas bibliotecas, “facilidades jurídicas e financeiras aos interessados”, pois ocupavam espaços já constituídos, a contribuição para acesso era módica e não comprometia nem o livreiro, muito menos o leitor pelo que se lia e discutia no espaço.¹⁰⁸

No Brasil, com a abertura dos portos e a chegada de comerciantes estrangeiros para fundar as casas importadoras e de comércio, a partir de 1844 começam a aparecer na imprensa anúncios dos gabinetes. Como bem lembra A. L. Martins citando Schapochnik, essas instituições eram mencionadas a partir das rubricas de “bibliotecas”, “gabinetes e sociedades de leitura”, “gabinetes literários”, “gabinete que aluga livros” e etc.¹⁰⁹

¹⁰⁶ MARTINS, *Gabinetes de Leitura...*, *Op. cit.*, 2015, p. 47-49

¹⁰⁷ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 49-51.

¹⁰⁸ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 52-54.

¹⁰⁹ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 61-64; ver. também, SCHAPOCHNIK, *Os jardins das delícias...*, *Op. cit.*, 1999.

No caso da Província paulista, os gabinetes tornam-se uma emergência para a dessacralização e laicização do curso jurídico, das mentalidades na cidade e a propagação da causa liberal, “aparecendo nas sociedades secretas travestidas de academias literárias e nas raras bibliotecas particulares”, apoiados, sobretudo, pelas lojas maçônicas que multiplicavam pelas cidades. Na capital, conforme ilustra o *Almanah ACI-SP*, entre os anos de 1883 e 1887, circularam uma média de nove guarda-livros/bibliotecas particulares. O único gabinete formalmente anunciado no *Almanak SP* de 1873 era o da Mme Guillen. Tantos os guarda-livros quanto o gabinete de Mme Guillen desaparecem dos almanaques no final da década de 1880. Seria, provavelmente, a guinada da Casa Garraux que tudo vendia, ao disponibilizar livros mais baratos, bem como a ascensão editorial de outras livrarias particulares a partir da década de 1890, e a criação de bibliotecas institucionais, que haveria impedido a continuidade do único gabinete de leitura, além da criação de outros, na capital da Província?¹¹⁰ Essa é uma pergunta sem resposta, já que não há rastros desses guarda-livros/bibliotecas e do gabinete de Mme Guillen, além dos que há nos almanaques. O mais provável é que os próprios proprietários venderam e doaram seus livros, e o Estado arrematou boa parte das bibliotecas particulares, visto que livros eram bens que comporiam inventários e outros tipos de processos judiciais, para fundar bibliotecas de institutos educacionais e bibliotecas públicas que seriam fechadas no início da República e aglomeradas na Biblioteca do Estado de São Paulo e, depois, na Biblioteca Municipal de São Paulo, no século seguinte, hoje a Mário de Andrade.¹¹¹

Diferente da capital, o interior da Província paulista não viu florescer um proeminente mercado editorial e livreiro, provavelmente pelo acesso via trem para o Porto de Santos e das livrarias da capital e da corte. Contudo, o interior paulista foi marcado fortemente pela imprensa periódica e pelos guarda-livros, bibliotecas e gabinetes de leitura. De acordo com os estudos de A. L. Martins, foram inaugurados oficialmente gabinetes em Iguape, Ubatuba, Campinas, Itu, Jundiaí, Santos, São Vicente, Rio Claro, Amparo, Mogi-Mirim, Itanhaém, Avaré, São Manuel, Lençóis, Tatuí, Itapetininga, Itapeva e Sorocaba. Merecem destaque as

¹¹⁰ Vale lembrar que, segundo Hallewell, a expansão do comércio livreiro e editorial em São Paulo, bem como das edições brasileiras deu-se, a partir do final da década de 1880, com a implantação da Klabin e Cia, Fabricadora de Papel, e, na transição para o século XX, da Melhoramentos, barateando o papel brasileiro, inclusive dos custos de edição, impressão, distribuição e, conseqüentemente, de aquisição de livros. Ver. HALLEWELL, *Op. cit.*, 2012, p. 342-343.

¹¹¹ Um exemplo dessa tese de que vendas, doações e arremates de catálogos e acervos para a construção de novos acervos, sobretudo as atuais bibliotecas que preservam o patrimônio histórico e a memória, é o caso da inauguração e o desenvolvimento do Liceu de Arte e Ofícios de São Paulo e da Escola Politécnica de São Paulo. Além dos estudos de DEAECTO, *Op. cit.*, 2011; ver. também CARAMORI, Leonardo. *A biblioteca da Escola Politécnica de São Paulo e seus acervos de engenharia civil e arquitetura entre 1894 e 1928*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.

instituições que foram mencionadas nos *Almanak SP (1873)* e *Almanach's ACI-SP (1883-1886)* que deixaram algum rastro na imprensa periódica, como é o caso do Gabinete de Leitura Campineiro, e/ou que confeccionaram catálogos que foram preservados, tais quais os Gabinetes Sorocabano e o Rio-clarense, este que permanece ativo na atualidade.

As relações da *Gazeta de Campinas* com as bibliotecas e guarda-livros da cidade de Campinas revelam os projetos liberais e republicanos na mesma, valorizando as ciências, a tecnologia e o conhecimento de maneira geral. “Quirino dos Santos e Campos Sales eram seus diretores e redatores, sendo o primeiro por muitos anos ligado ao Gabinete de Leitura Campineiro¹¹². Sobre o gabinete, o mesmo sobreviveu por volta de 1861 a 1891, decaindo após o surto de febre amarela que devastou a cidade. Segundo consta na descrição do anúncio do *Almanak SP* de 1973, o guarda-livros/Gabinete de Leitura de Campinas possui “uma biblioteca de mais de 1000 volumes que é franqueada ao público todos os dias”¹¹³. O acervo do gabinete foi dissolvido entre bibliotecas públicas e particulares, mas, a maior parte foi doada à Intendência Municipal, depois transferida ao Colégio Culto à Ciência e ao Centro de Ciências, Letras e Arte de Campinas, principais instituições de ensino de Campinas entre o oitocentos e a primeira metade do século XX.¹¹⁴

O caso do Gabinete de Leitura Rio-clarense é uma rara exceção, pois ele foi “inaugurado com a chegada do trem, no ano de 1876” e “permanece até o presente”, com sede própria, incorporado “à prefeitura e constituindo-se na sua Biblioteca Pública Municipal”, tombado entre 1982 e 1985 pela Secretaria de Cultura do Governo do Estado de São Paulo.¹¹⁵ Rio Claro, no final do oitocentos era uma das cidades “mais modernas da província”, reunindo abolicionistas, republicanos, lojas maçônicas, sede de grupo de protestantes, instrução particular, e etc. Diferente dos demais gabinetes, ao Gabinete Rio-clarense, frente à precariedade do ensino público numa cidade que se desenvolvia heterogeneamente, é “conferido à atividade pedagógica”, abrigando escola noturna, acervo bibliográfico e etc.¹¹⁶ O gabinete de Rio Claro funcionou sempre a partir de intensas doações particulares e do auxílio da Câmara, mesmo passando por sérias dificuldades e do “desinteresse e esquecimento do

¹¹² MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 109.

¹¹³ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 189.

¹¹⁴ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 193-194.

¹¹⁵ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 209; sobre o processo de restauração, anexação e tombamento do Gabinete de Leitura Rio-clarense, ver. MARTINS, A. L. *Estudo do Tombamento do Gabinete de Leitura Rio-clarense*. Processo n. 22297/82. São Paulo: Condephaat, 1985.

¹¹⁶ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 209-211.

projeto por novos grupos de poder” bem como “diretorias pouco empenhadas e desconsideração dos responsáveis pelos poderes públicos”. Atualmente, apesar da administração pertencer à prefeitura municipal, “a propriedade do imóvel ainda é da maçonaria local, resíduo de sua postura filantrópica e benemérita”.¹¹⁷

Para acrescentar, o Gabinete de Leitura Sorocabano foi inaugurado em 1867 a partir de associações germânicas-austríacas, cuja maioria de seus sócios era maçônica, e cujo apoio era somado à imprensa de cunho liberal.¹¹⁸ Diferente dos demais gabinetes, o Gabinete Sorocabano possuía um estatuto de normas que revelam seus propósitos, “seu entendimento sobre a instituição, expressão de uma mentalidade”: gosto pela leitura, conhecimentos industriais, assuntos literários e científicos. De todos os gabinetes da Província, suas taxas “exigidas eram elevadas para a época, as quais significavam entraves para a participação ampla da sociedade” e revelavam as características mercantis da instituição.¹¹⁹ Democrático, mas apenas para além do homem-livre que pudesse pagar seu ordenado elevado,

“a composição mista do gabinete de leitura, sociedade de instrução e recreação que não se esgotava na biblioteca, exclusivamente voltada para o estudo, e não se limitava a clube recreativo, restrito ao lazer.”¹²⁰

Além do mais, o Gabinete Sorocabano tornou-se um reduto dos bacharéis, entre 1872 e 1883, de maçons e de liberais republicanos, sendo “instrumento de ação preferencial, espaço propagador dos projetos cultivados desde a vida acadêmica”, ao lado da imprensa, no “envolvimento com as causas sociais e políticas” da Província como um todo.¹²¹

Os Gabinetes de Leitura Sorocabano e Rio-clarense são os únicos que possuem registros, atas ou catálogos restantes desse tipo de instituição pela Província. Como constata Martins, ainda que

“o surto de cidades com dinâmica própria, que se consolidaram e/ou emergiram no roteiro do café, de ferrovia e da imigração, sinalizava que o espaço urbano se laicizava e que ali se encontravam livros e leitores”¹²²

¹¹⁷ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 216-218.

¹¹⁸ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 268-272.

¹¹⁹ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 272-273.

¹²⁰ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 276.

¹²¹ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 292-293.

¹²² MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 318.

Ao mesmo tempo, dos rastros da leitura e do livro no interior da Província paulista pouco, ou quase nada, sobrou. Além do problema, como já haviam percebido viajantes e escritores da época, como Zaluar e Machado de Assis, historiadores e sociólogos, tais quais José Veríssimo, Sílvio Romero e Gilberto Freyre, além de importantes nomes da história e crítica literárias, como Flora Süssekind e Marisa Lajolo, a maioria da população da nação era analfabeta, constando que nem 50% havia sido alfabetizada até o final do século XIX. E isso pôs em risco a memória dessas instituições e acervos voltados à instrução e à leitura.

“Constatados em todo o Império o alto índice de analfabetismo e, entre os alfabetizados, o pouco apego ao consumo do livro e a inexistência de hábitos disseminados de leitura, quem daria sustentação a uma comunidade do porte do gabinete no quase sertão paulista?”¹²³

Nesse caso, as doações e os doadores podem revelar o grupo leitor em torno do gabinete de leitura. Dentre esses doadores estavam aqueles que possuíam biblioteca própria, “membros do grupo acadêmico, da Igreja, homens de letras e poucas mulheres [...] As demais ofertas provinham de instituições, estabelecimentos comerciais e mesmo do governo”, em particular o Instituto Histórico e Geográfico, a Casa Garraux, a Companhia Sorocabana, isso para apenas citar o caso do Gabinete Sorocabano.¹²⁴ Da composição de seus acervos e, inclusive, de seus catálogos, os mesmos não são lineares em relação ao “caráter da cultura literária vigente”, havendo de tudo que viesse das doações aleatórias e esporádicas¹²⁵ Uma suposição própria interrogaria o que foi doado, por exemplo, por Garraux para o Gabinete Sorocabano (?), provavelmente não seria a principal linha de comercialização da livraria e, sim, estoque parado há anos. A. L. Martins acredita que, como a Casa Garraux era a principal fornecedora de livros e impressos para a Província, “enviava para o interior seus títulos de maior vendagem, condicionando o leitor ao consumo do que era sucesso de mercado”.¹²⁶ Fica o embate e a dúvida.

Ainda de acordo com Martins, o Gabinete Sorocabano possuía, em sua maioria, obras estrangeiras traduzidas, cuja listagem de autores tinha por liderança os folhetinistas

¹²³ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 324.

¹²⁴ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 325. Ainda segundo Martins, o conteúdo dos acervos e dos catálogos dos Gabinetes de Leitura Sorocabano e Rio-clarense, nos anos de 1876, 1883 e 1915 se repetia, “confirmando a circulação dos mesmos títulos”, “conforme verificado nos registros de doações de sócios”, ver. p. 331, nota 30.

¹²⁵ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 334.

¹²⁶ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 341.

franceses, assim como é o caso da Casa Garraux propriamente dita, e como o Gabinete Rio-clarense, além de tudo que fosse francês ou traduzido “para e do” francês e representasse a liberdade das novas ideias e a modernidade.

Os Gabinetes de Leitura Campineiro, Sorocabano e Rio-clarense figuram-se em instituições de leitura ambíguas: democráticos, mas associativos mediante pagamento ou filiação; modernos enquanto espaço, porém se tornam depósitos de doações aleatórias; importantes instituições da cultura letrada e de instrução em seu tempo, todavia abandonados, extintos e poucos são os casos de acervos remanejados ou preservados no presente. Ao voltar à Capital, a situação se agrava: além dos poucos livros e do gabinete de Mme Gullen, a partir da década de 1880 nada se inaugurou, desenvolveu-se ou preservou-se. E estudar a rede de bibliotecas e os circuitos do livro e da leitura na Província paulista é estar “entre o dito e o não dito”, como diria A. L. Martins, visto que é possível “elencar fisicamente os estabelecimentos, contudo, não possibilita avançar no conteúdo de seus acervos”.¹²⁷ Muitas são as suposições para esse cenário: a flutuação do comércio no oitocentos que impedia as instituições de acompanharem o mercado e os passos da cultura? Uma certa inexperiência da cultura e de seus representantes em arquivar documentos, até mesmo com o intuito de apagar rastros da memória? Novamente são perguntas as quais não possuem uma resposta imediata e concreta. Para elas, fazemos novas perguntas: ao se tratar de livros, bibliotecas e acervos que eram bens materiais, seriam eles bem cuidados e preservados? Pois, caso contrário, seria natural, enquanto objetos materiais, que desaparecem vistas as condições das instalações e estabelecimentos da Província. Considerando como “sim” a resposta para a questão anterior, se eles fossem preservados, onde eles estariam? Mais uma vez um questionamento para o qual só cabe suposições. Ao lembrar dos remanejamentos, doações e arremates das autoridades estatais e entre proprietários e instituições, vale considerar justamente a fundação de novas instituições e órgãos de cultura e educação, como é o caso das bibliotecas escolares, acadêmicas e públicas.

¹²⁷ MARTINS, *Op. cit.*, 2015, p. 113.

2.4. O CATÁLOGO DE OBRAS RARAS DA BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE

Nelson Schapochnik em seu pontual ensaio que sintetiza seus estudos sobre os “espaços da leitura”, aponta que existem modelos de biblioteconomia adotados nas instituições brasileiras: dentre os modelos, estão as bibliotecas de associações, de entidades privadas com fins morais, filantrópicos e religiosos, abertas ao público, além dos gabinetes de leitura e bibliotecas de clubes e sociedades, cujo acesso era mediante pagamento, ligados

“à iniciativa de particulares (lojas maçônicas, grupos políticos de caráter republicano e simpatizantes do abolicionismo, letrados, negociantes) que demandavam auxílio às autoridades municipais e provinciais.”¹²⁸

E, do outro lado, as bibliotecas populares enquanto instituições públicas: “elas foram idealizadas a princípio para o público escolar [...] também eram vistas como instituições moralizadoras e civilizadoras” e, dentre elas, estão as bibliotecas estaduais e municipais, tal qual a Biblioteca Municipal Mário de Andrade que possui um catálogo de obras raras.

O *Catálogo de obras raras da Biblioteca Municipal Mário de Andrade*¹²⁹ pode ser considerado um inventário de obras que circularam pela cidade de São Paulo na segunda metade do século XIX. Conforme citado no prefácio comemorativo redigido por Leonardo Arroyo, diretor do Departamento de Cultura: “[...] O método de inventariação foi o mais simples possível. Semelhante ao de Brunet, funcional e descritivo [...]”.¹³⁰

De acordo com a documentação de preservação patrimonial da Secretaria de Cultura do Município de São Paulo, referente às bibliotecas municipais¹³¹, a Biblioteca

¹²⁸ Ver. SCHAPOCHNIK, “A leitura no espaço e o espaço da leitura.” In: ABREU & SCHAPOCHNIK (orgs.). *Cultura Letrada no Brasil...*, Op. cit., 2009, p. 240-241.

¹²⁹ Para referenciar em citações o *Catálogo de obras raras da Biblioteca Municipal Mário de Andrade*, usar-se-á da abreviação *CMA*.

¹³⁰ *CMA*, Introdução de Leonardo Arroyo, 1969, sem página. Contudo, o método de inventariação limitou-se a dividir por século de edição/publicação da obra. Por exemplo, na seção de “Século XIX”, a considerada nessa pesquisa, estão todas as obras editadas e colhidas no período pela biblioteca, em ordem alfabética pelo sobrenome do autor, sem qualquer divisão temática e de área de conhecimento.

¹³¹ Ver. a documentação da Secretaria de Cultura da Prefeitura de São Paulo, na seção de Preservação Patrimonial, “Histórico e Acervo da Biblioteca Mário de Andrade”, salvos em 2006, disponíveis no *Portal da Prefeitura de São Paulo* in: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/index.php?p=7963>>; in: <<http://www.capital.sp.gov.br/>>; e in: <http://web.archive.org>.

Municipal Mário de Andrade foi fundada em 1925 a partir dos acervos das extintas bibliotecas públicas, livrarias, gabinetes de leitura e de doações do século anterior, as que, supostamente, acreditamos ser os guarda-livros e gabinetes citados nos almanaques:

“Entregamos ao público estudioso de São Paulo e do Brasil, pela primeira vez, o **Catálogo de Obras Raras**, correspondente ao acervo de edições raras, de luxo e de tiragem limitadas do Setor de Raridades da Divisão de Bibliotecas. Em síntese, o acervo de obras raras da Biblioteca Municipal “Mário de Andrade”, constituído, em sua mor parte, de bibliotecas que pertenceram a Paulo Prado, Eduardo Prado, Eugênio Egas, Felix Pacheco e Francisco de Assis Carvalho Franco. [...] a Secção de Obras Raras da Biblioteca Municipal “Mário de Andrade” integrada por doações e compras de bibliotecas particulares, não terá que se encolher diante de tantas livrarias famosas. [...]”¹³²

O que chamamos hoje de Raridades/Obras Raras, de luxo e de tiragem limitada eram em partes bibliotecas completas de anônimos e, sobretudo, de famílias tradicionais do século XIX, das quais seus nomes figuram as elites intelectuais e socioeconômicas paulistas, como é o caso das famílias Pacheco (capital e Rio Claro), Prado (majoritariamente na capital) e dos Sal[l]es em Campinas, ou seja, os “filhos da riqueza do café [...] ligados ao ideário republicano e à diversificação do modelo econômico brasileiro, aspirantes a uma visão modernizante de mundo.”¹³³ Essa “modernização burguesa e liberal” da cultura letrada paulista, como bem lembra M. V. de Freitas tem como exemplo a família Prado, cujas “tendências políticas e sociais [...] percorriam um largo espectro [...] ora bacharelescas, ora ligadas ao saber técnico e à modernização científica”.¹³⁴ Na esteira de Freitas, o que é perceptível é que, mesmo frente à realidade rural da Província no início do oitocentos, conforme as figuras de Cidade-Sociedade e de Cidadão-Homem de Letras se estabelecem, tanto as instituições da cultura letrada e a opinião pública destacam:

“o papel de São Paulo na construção da nação brasileira moderna [...] Como antes trata-se do que Antonio Celso Ferreira chamou de ‘epopeia bandeirante’, ou seja, a construção do mito paulista e da sua universalização na paisagem cultural brasileira”¹³⁵

¹³² CMA, *Idem*, 1969, sem página.

¹³³ FREITAS, *Contradições da Modernidade...*, *Op. cit.*, 2011, p. 19.

¹³⁴ FREITAS, *Op. cit.*, 2011, p. 38-39.

¹³⁵ FREITAS, *Op. cit.*, 2011, p. 65.

Retomando o *CMA* e ligando os pontos, essas “Raridades/Obras Raras” eram compostas pelas edições de luxo ou especiais, na maioria que compunham coleções de obras completas, cujo material de encadernação mais resistente permite sua conservação, e que circulavam nos circuitos editoriais e portuários entre Europa e Brasil, sobretudo Paris-Rio-São Paulo.

“As preciosidades são numerosas e em várias línguas, predominando, contudo, os livros editados em português dos séculos XVIII e XIX – obras que consistem em verdadeiro patrimônio espiritual do país e cuja proteção se impõe para evitar o que o escritor Franklin de Oliveira chamou de ‘morte da memória nacional’.”¹³⁶

Sua catalogação, a partir de uma seleção prévia, é fruto do ideal nacionalista de preservação do patrimônio intelectual, comum aos regimes políticos de 1945 e 1964, e que representassem os pilares que fundamentaram a intelectualidade nacional e seus representantes culturais canônica, sinalizando que a Biblioteca Municipal de São Paulo manter-se-ia modernizada conforme os levantes ufanistas paulistas.¹³⁷

A maioria de títulos no *CMA* é de obras das chamadas Belas-Letras). O *CMA* possui obras completas ou dividas em várias edições de ex-estudantes de Direito, sendo treze títulos de Alencar, um de Castro Alves, cinco de Álvares de Azevedo, dois de Bernardo Guimarães e seis de Fagundes Varela. Como lembra Alexandro Paixão em sua tese de Doutorado¹³⁸, esses autores que passaram por São Paulo como estudantes da Faculdade de Direito, sobretudo Varela, já eram publicados tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, participando ativamente da vida intelectual e política no Segundo Império e revelando estarem inseridos nas práticas de leitura, circulação editorial e na consolidação dos cânones da literatura brasileira, conforme quadro abaixo:

¹³⁶ *CMA*, *Idem*, 1969, sem página.

¹³⁷ O levantamento de obras do *CMA* concentrou-se nas seções “Século XIX (Fichas, 1079 a 2823, Página 145 a 336)”, com o objetivo de localizar livros em francês ou traduzidos para o português, especialmente obras de Belas-Letras que sintetizassem o pensamento nacional, liberal e romântica, dentro do período Imperial entre 1822 a 1887.

¹³⁸ Ver. PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. São Paulo, 2012.

Tabela 7 – Catálogo da Biblioteca Mário de Andrade – Obras de autores brasileiros publicadas no Brasil e na Europa

Quadro I – Autores que foram estudantes da Faculdade de Direito, publicados em São Paulo, Rio de Janeiro, Lisboa e em Paris

- ABREU, Casimiro José Marques de. As primaveras. 2ª edição (3ª de Lisboa) Acrescentada com novas poesias, o Camões e o jáo e dois romances em prosa; o juízo critico de varios escriptores brasileiros e um prologo, por M. Pinheiro Chagas, Lisboa, Typ. do Panorama, 1987.
- ALENCAR, José Martiniano de. Alfarrabios: crônicas dos tempos coloniaes. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1873. 2 v. 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. As azas de um anjo. Rio de Janeiro, Editores Soares & Irmão, 1860. 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. Ao correr da penna; revista hendomadaria das paginas menores do Correio mercantil [série de folhetins que publicara em 1853 e 1854 coligidos por um seu colega e amigo o Dr. J. M. Vaz Pinto] [São Paulo] [1874].
- ALENCAR, José Martiniano de. Cartas sobre a Confederação dos tamoyos, por Ig [pseud.] publicadas no Diario. Rio de Janeiro, Empreza Typographica Nacional do Diario, 1856.
- ALENCAR, José Martiniano de. A expiação. Segunda parte das Azas de um anjo. Rio de Janeiro, Em casa do editor A. A. da Cruz Coutinho, 1868.
- ALENCAR, José Martiniano de. O gaúcho: romance brasileiro [por] Senio [pseud.] 1ª edição. Rio de Janeiro, Editor proprietario B. L. Garnier, 1870.
- ALENCAR, José Martiniano de. O jesuíta: drama em quatro actos. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1875. 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. As minas de prata: romance. Rio de Janeiro, B. L. Garnier; Paris, E. Belhate, 1877. 2ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. A pata da gazella: romance. Rio de Janeiro, Editor proprietario B. L. Garnier, 1870, 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. Senhora: perfil de mulher. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1875, 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. O sertanejo: romance brasileiro. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1875. 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. Sonhos d'ouro: romance brasileiro. Rio de Janeiro. Editor proprietario B. L. Garnier, 1872. 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. Til: romance brasileiro. Rio de Janeiro, Editor proprietario B. L. Garnier, 1872, 4 v. 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. O tronco do ipê: romance brasileiro. Rio de Janeiro, Editor proprietario B. L. Garnier, 1871. 2v. 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. Ubirajara: lenda tupy. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1874. 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. Uma these constitucional: a princeza imperial e o principe consorte no Conselho de Estado. Rio de Janeiro, Na Livraria Popular de A. A. da Cruz Coutinho, 1867. 1ª edição.
- ALVES, Antonio de Castro. A cachoreira de Paulo-Affonso. Bahia, Imprensa Economica. 1876.
- AZEVEDO, Manuel Antonio Alvares de. O conde Lopo. Rio de Janeiro, Typo. G. Leuzinger & Filhos, 1886. 1ª edição.
- AZEVEDO, Manuel Antonio Alvares de. A noite na taverna: contos phantasticos; acompanhado da biographia do auctor, por J. M. de Macedo. Rio de Janeiro. Á venda na livraria dos editores Maia & Ramos, 1878.
- AZEVEDO, Manuel Antonio Alvares de. Obras. Rio de Janeiro, Typ. Americana, de J. J. da Rocha, 1853. 2 v. 1ª edição.
- AZEVEDO, Manuel Antonio Alvares de. Obras. Precedidas de um discurso biographico e acompanhadas de notas pelo Sr. Dr. Jacy Monteiro. Terceira edição, acrescentada com as obras ineditas, e um appendice contendo discursos, poesias e artigos feitos a occasião da morte do autor. Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier; Paris, Garnier Irmãos Editores, 1862.
- AZEVEDO, Manuel Antonio Alvares de. Poesias. Rio de Janeiro, Typ. Americana, de J. J. Rocha, 1853. 1ª edição.
- GUIMARAES, Bernardo. Cantos da solidão: poesias. São Paulo. Typographia Liberal, de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, 1852.
- GUIMARÃES, Bernardo. Cantos da solidão: poesias. Seguidas de novas poesias do mesmo autor, e de outras de autor anonymo. Rio de Janeiro, Typ. Americana de José Soares de Pinho, 1858. 2ª edição.
- VARELA, Luís Nicolau Fagundes. Anchieta, ou, O evangelho nas selvas : poema. Rio de Janeiro, Livraria Imperial, de E. G. Possollo Editor, 1875. 1ª edição.
- VARELA, Luís Nicolau Fagundes. Cantos e phantasias. São Paulo, Garroux, de Lailhacar e Cia., 1865.
- VARELA, Luís Nicolau Fagundes. Diario de Lazaro. Com estudo critico por Francklin Tavora; edição da Revista Brasileira. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1880.
- VARELA, Luís Nicolau Fagundes. O estandarte auri-verde : cantos sobre a questão anglo-brazileira. S. Paulo, Typ. Imparcial de J. R. de A. Marques, 1863.

VARELA, Luís Nicolau Fagundes. *Voices da America*. S. Paulo, Typ. do Correio Paulistano, 1876. 2ª edição;
 VARELA, Luís Nicolau Fagundes. *Voices da America*. Segunda edição, correcta e augmentada. Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1876.

Quadro II – Outros títulos/autores brasileiros publicados no Brasil e na Europa

ASSIS, Joaquim Machado de. *Phalenas*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier Editor; Paris, E. Belhate Livreiro [1870].
 DIAS, Antonio Gonçalves. *Cantos* : collecção de poesias. Segunda edição. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1857.
 DIAS, Antonio Gonçalves. *Cantos* : collecção de poesias. Quarta edição, Leipzig, F. A. Brockhaus, 1865.
 DIAS, Antonio Gonçalves. *Cantos*. Tomo primeiro. Quinta edição. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1877.
 DIAS, Antonio Gonçalves. *Diccionario da lingua tupy chamada lingua geral dos indigenas do Brazil*. Lipsia, F. A. Brockhaus, 1858.
 DIAS, Antonio Gonçalves. *Poesias*. Quinta edição, augmentada com muitas poesias, inclusive *Os tymbiras*, e cuidadosamente revista pelo Sr. Dr. J. M. Precedida da biografia do autor pelo Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro, B.-L. Garnier; Paris, E. Belhate 1870, 2 v.
 GONZAGA, Tomás Antonio. *Marilia de Dirceo*. Nova edição. Lisboa, na Typographia Rollandiana, 1840.
 MACEDO, Joaquim Manuel de. *Cincinnati quebra-louça: comedia em cinco actos*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier; Paris, E. Belhate, 1873. 1ª edição;
 PORTO-ALEGRE, Manuel de Araujo. *Brasilianas*. Vienna, Imperial e Real Typographia, 1863. 1ª edição.

Dentre as obras relacionadas no quadro acima, merecem destaque as edições que foram publicadas no Rio de Janeiro por Garnier, e pelo seu irmão correspondente em Paris, a Garnier Frères, como os títulos *As minas de prata* de Alencar e a *Obra completa* de Álvares de Azevedo. Segundo Hallewell, devido aos altos preços de matéria-prima e mão-de-obra no Rio de Janeiro, bem como o monopólio da Imprensa Régia no Segundo Reinado, a filial da Livraria Garnier em Paris publicava títulos brasileiros em português e em francês para comercializá-los tanto na França como no Brasil.

“A preferência de Baptiste [Garnier] pela impressão em Paris devia-se, em parte, à origem da firma [...] O apelo esnobe por tudo que era francês foi outro fator importante, especialmente no caso dos livros mais caros, aos quais se somava o atrativo adicional de uma encadernação francesa. [...] No entanto, a razão fundamental da preferência pela impressão europeia era de natureza econômica [...] o produto europeu era mais barato, além de sua melhor qualidade, tanto técnica como esteticamente, em relação ao feito no Rio de Janeiro.”¹³⁹

O *CMA* também revela obras de outros autores, que não necessariamente passaram por São Paulo, mas cujos títulos foram impressos e comercializados no trânsito França, Portugal e Brasil. O mais interessante é que o circuito editorial-tipográfico não se limitava unicamente à França, Portugal e Brasil. Esse circuito transatlântico também incluía tipográficas em Leipzig

¹³⁹ HALLEWELL, *Op. cit.*, 2005, p. 224. [acréscimo próprio].

(Alemanha), que imprimiu boa parte da obra de Gonçalves Dias, e em Viena (Áustria), com as *Brasilianas* de Porto-Alegre¹⁴⁰.

O levantamento do *CMA* reafirma a discussão feita durante todo o período dessa pesquisa de que a cultura letrada, em suas práticas de leitura, tem a intenção de se apropriar de ideais presentes nas Belas-Letras europeias, sobretudo as francesas, na formação intelectual da nova elite liberal. Mesmo que o “fantasma português” fosse repudiado pelos estudantes paulistas, ele circulava nas bibliotecas e livrarias por meio de escritores que se inspiravam no Romantismo, tal qual os franceses, em suas obras, como é o caso de Camilo Castelo-Branco, modelo mais próximo do padrão literário francês apropriado e reelaborado em língua portuguesa. Segundo é notado no *CMA*, Camilo Castelo-Branco é evidentemente o maior *best-seller* tratando-se do romance romântico, com 80 títulos publicados em Portugal e na França entre 1845 a 1890. Assim como lembra Otto-Maria Carpeaux, enquanto leitura de referência, mesmo negado pelos brasileiros, os portugueses também tinham na França o modelo de literatura moderna; e a ideologia “vacilante entre liberalismo e clericalismo” de Camilo Castelo Branco com seus romances históricos, góticos e sentimentais, inspirados por Sue, Sand e Balzac, tenta “modernizar” a cultura de língua portuguesa a partir do realismo literário e a moral romântico-burguesa.¹⁴¹ Liberalismos, romantismos e moralismos estes que também foram praticados pelo “político conservador” José de Alencar, enquanto jornalista e cronista, em sua fase madura na capital do Império, tal qual Castelo Branco.¹⁴² A Biblioteca Brasileira, se me é permitido então chamar dois de seus exemplos: a Biblioteca da Faculdade de Direito (e no futuro parte do acervo da Universidade de São Paulo) e a Biblioteca Mário de Andrade (enquanto um dos maiores acervos públicos municipais preservados e disponíveis), privilegiava toda a literatura, e em sua maioria francesa, que lutava a favor da liberdade e contra os maus do passado, no caso, as consequências do colonialismo e Império português.

¹⁴⁰ HALLEWELL, *Op. cit.*, 2005; além do trabalho citado, sobre o comércio internacional de livros via as rotas atlânticas, ver. BARBIER, Frédéric. «Le commerce international de la librairie française au XIX^e siècle (1815-1913)». *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, n. 28: p. 94-117, 1981.

¹⁴¹ CARPEAUX, Otto Maria. *O Romantismo por Carpeaux*. São Paulo: Leya, 2012. (História da Literatura Ocidental, v. 6), p. 321-322.

¹⁴² CARPEAUX, *Op. cit.*, 2012, p. 104.

Tabela 8 – Catálogo da Biblioteca Mário de Andrade – Obras de autores franceses e/ou em francês

- BALZAC, Honoré de. La dernière incarnation de Vautrin. Paris, Chez Louis Chlendowski, 1848. 3 v.
- BALZAC, Honoré de. La femme supérieure ; La maison Nucigen ; La Torpille. Paris, Werdet, 1838. 2 v.
- BALZAC, Honoré de. Histoire impartiale des jésuites. Paris, Calman Lévy, 1880.
- BALZAC, Honoré de. Monographie de la presse parisienne ; illustrée de scènes, croquis, charges, caricatures, portraits et grandes vignettes hors texte, avec un tableau synoptique de l'Ordre Gendelette. Extrait de la Grande Ville, nouveaux tableau de Paris. Paris, Au Bureau Central des Publications Nouvelles, 1842.
- BALZAC, Honoré de. Oeuvres illustrées. Paris, Michel Lévy Frères, 1867. 8 v.
- BALZAC, Honoré de. Phisiologie du mariage, ou, Méditations de philosophie éclectique, sur le bonheur et le malheur conjugal ; publiées par Un jeune célibataire [pseud.] Paris, Levasseur, 1830, 2 v.
- BALZAC, Honoré de. Traité de la vie élégante. Paris, Librairie Nouvelle, 1853.
- BAUDELAIRE, Pierre Charles. L'art romantique. Paris, Calmann Lévy, 1885.
- BAUDELAIRE, Pierre Charles. Curiosités esthétiques. Nouvelle édition. Paris, Calmann Lévy, 1889.
- BAUDELAIRE, Pierre Charles. Les fleurs du mal. Paris, Poulet-Malassis et de Broise, 1857. 1ª edição.
- BAUDELAIRE, Pierre Charles. Petits poèmes en prose ; Les paradis artificiels. Nouvelle édition. Paris, Calmann Lévy, Éditeur, ancienne maison Michel Levy Frères, c1885.
- BÉRANGER, Pierre Jean de. Œuvres complètes édition unique revue par l'auteur ; ornée de 104 vignettes en taille-douce, dessinées par les peintres les plus célèbres. Paris, Perrotin, 1834, 5v.
- CHATEAUBRIAND, François Auguste René [Visconde de]. Atala. Com desenhos de Gustavo Doré. Tradução de Guilherme Braga. Porto, Typ. Luso-Britannica, 1873.
- CHATEAUBRIAND, François Auguste René [Visconde de]. Atala. Tradução de Guilherme Braga ; com desenhos de Gustavo Doré, gravadas por João Pedroso. Porto, Empresa Editora de Obras Clássicas e Ilustradas, 1878.
- CHATEAUBRIAND, François Auguste René [Visconde de]. Génie du christianisme. Vignettes para Theophile Fragonard, gravures par Porret. Paris, Pourrat Frères, édit., 1838.
- CHATEAUBRIAND, François Auguste René [Visconde de]. Os martyres, ou Triunfo da religião cristã. Traduzido em versos portuguezes por Francisco Manoel; e por este dedicado ao Illmo. Senhor Antonio de Araujo de Azevedo. Conde de Barca. Com o retrato do Traductor. Paris, Vende-se em Casa de Rey e Gravier, 1816, 2 v.
- CHATEAUBRIAND, François Auguste René [Visconde de]. Le roi, la charte et les honnêtes gens. Em Le Conservateurs. Paris, 1819.
- DUMAS, Alexandre Davy de la Pailleterie. La jeunesse de Pierrot, par Aramis [pseud.] Paris, Librairie Nouvelle, 1854.
- FLAUBERT, Gustave. L'éducation sentimentale : histoire d'une jeune homme. Paris, Michel Lévy Frères, 1870, 2v.
- FLAUBERT, Gustave. Lettre, de M. Gustave Flaubert a la municipalité de Rouen au sujet d'un vote concernat Louis Bouilhet. Paris, Michel Lévy Frères, 1972.
- FLAUBERT, Gustave. Madame Bovary : mœurs de province. Paris, Michel Lévy Frères, 1857, 2v.
- FLAUBERT, Gustave. La tentation de saint Antoine. Paris, Charpentier et Cie., 1874.
- FLAUBERT, Gustave. Trois contes. Paris, Charpentier, 1877.
- GAUTIER, Théophile. Les grotesques. Deuxième édition. Paris, Desessart, 1845, 2 v.
- GAUTIER, Théophile. Honoré de Balzac. Édition revue et augmentée, avec un portrait gravé a l'eau-fort par E. Hédouin. Paris, Poule-Malassis et de Broise, 1859.
- GAUTIER, Théophile. Les jeunes-France: romans degouenards. Bruxelles, Chez tous les Libraires, 1867.
- GAUTIER, Théophile. Poésies complètes. Paris, Charpentier, 1877, 2v.
- GONCOURT, Edmon Louis Antoine Huot de. Gavarni : l'homme et l'œuvre, par Edmond & Jules de Goncourt. Paris, Charpentier, 1879.
- HUGO, Victor Marie. L'année terrible; illustrations de L. Flameng et D. Vierge. Paris, Michel Lévy Frères, 1874.
- HUGO, Victor Marie. L'art d'être grand-père. Édition nationale. Paris, Émile Testard et Cie. 1888.
- HUGO, Victor Marie. Les feuilles d'automne. Paris, Eugène Renduel. 1832.
- HUGO, Victor Marie. La légende des siècles; nouvelle série. Paris, Alphonse Lemerre [1857] 2 vol.
- HUGO, Victor Marie. La légende des siècles: première série. Paris, Alphonse Lemerre [1859].
- HUGO, Victor Marie. La légende des siècles: dernière série. Paris, Alphonse Lemerre [1883].
- HUGO, Victor Marie. Lucrèce Borgia : drame. Paris, Eugène Renduel, 1833.
- HUGO, Victor Marie. La pitié suprême. Paris, Calmann-Lévy, 1879.
- HUGO, Victor Marie. Les rayons et les ombres. Paris, Delloye, 1840.
- HUGO, Victor Marie. Ruy Blas. Paris, H. Dellye, 1838.
- HUGO, Victor Marie. Torquemada: drame. Paris, Calmann Lévy, 1882.
- HUGO, Victor Marie. Les voix intérieures. Paris, Eugène Renduel, 1837.

- LAMARTINE, Alphonse de. *Histoire des gerondins*. Paris, Furne et Cie. 1847, 8 v.
- LAMARTINE, Alphonse de. *Méditations poétiques*. Seconde édition, revue et augmentée. Paris, Au dépôt de la Librairie Grecque Latine-Allemande, 1820.
- LESAGE, Alain René. *Historia de Gil Blaz de Santilhana* ; tradução portuguesa de Julio Cesar Machado. Edição monumental ilustrada com perto de 400 gravuras intercaladas no texto e 30 oleographias em separado. Segunda edição. Lisboa, David Corazzi Editor, 1885-1886. 2 v.
- MÉRIMÉE, Prosper. *Chronique du temps de Charles IX*, par l'auteur du Théâtre de Clara Gazul. Paris, Alexandre Mesnier, 1829.
- MÉRIMÉE, Prosper. *Colomba*. Paris, Magen et Comon, 1841.
- MÉRIMÉE, Prosper. *Notes d'un voyage dans le Midi de la France*. Paris, Librairie de Fournier, 1835.
- MÉRIMÉE, Prosper. *Notes d'un voyage dans l'ouest de la France*. Extrait d'un rapport adressé à M. le Ministre de l'intérieur. Paris, Librairie de Fournier, 1836.
- MICHELET, Jules. *L'oiseau*. Paris, Librairie de L. Hachette et Cie., 1856.
- MICHELET, Jules. *La sorcière*. Paris, E. Dentu, 1862.
- MUSSET, Louis Charles Alfred de. *Les caprices de Marianne* : comédie en deux actes, en prose. Paris, Charpentier, 1851.
- SAINTE-BEUVE, Charles Augustin de. *Les consolations* : poésies. Deuxième édition. Paris, Eugène Renduel, 1835.
- SAINTE-BEUVE, Charles Augustin de. *Volupté*. Paris, Eugène Renduel, 1834.
- THIERS, Louis Adolphe. *Histoire de l'empire* ; faisant suite à l'Histoire du consulat. Paris, Lheureux et Cie., 1865-1867, 4 v.
- THIERS, Louis Adolphe. *Histoire de la révolution française*. Troisième édition. Paris, Lecoint et Pougin éditeurs, Paulin Librairie, 1832.
- THIERS, Louis Adolphe. *Histoire de la révolution française*. Nouvelle édition ; dessins par Yan Dargent. Paris, Furne, Jouvet et Cie., 1866, 2 v.
- THIERS, Louis Adolphe. *Histoire du consulat*. Paris, Librairie, Furne, Jouvet et Cie., 1883
- VIGNY, Conde Alfred de. *Servitude et grandeur militaires*. Deuxième édition. Paris, Victor Magen, 1836

Conforme ilustra a tabela acima, os poetas que vão do moralismo cristão e burguês a poetas “do Liberalismo”, como Béranger, Chateaubrinad, Lamartine, Victor Hugo e Vigny são leituras referenciais na consolidação do projeto intelectual e estético de Álvares de Azevedo, como veremos no capítulo seguinte.¹⁴³

A presença de poetas como Baudelaire em edições de Calmann Lévy que vão de 1857, ano do processo de censura de *Les fleurs du mal*, até 1890 (póstumas) e dos romances de Flaubert surpreendem por certa simultaneidade entre França e Brasil na circulação dessas recentes edições, cujos autores tinham circulação e recepção limitada devido a processos de censura demoraram para se tornarem *best-sellers* na Europa e nas Américas. Entretanto, desde a década de 1870, são mencionadas as narrativas completas de Edgar A. Poe traduzidas para o

¹⁴³ No “Capítulo 3 – Leituras seculares”, será feita uma breve análise dessas leituras feitas por Álvares de Azevedo a partir de seus textos críticos, bem como suas considerações e desdobramentos. Em relação aos seus textos literários, a bibliografia é vasta. Como cânone, sua obra foi esgotada por autores de referências e estudos de temáticas específicas, dentre eles, o importante trabalho acerca das epígrafes e citações na obra literária de Azevedo, ver. ALVES, Maria Cláudia Rodrigues. *O Poeta-leitor* - Um estudo das epígrafes hugoanas na obra de Álvares de Azevedo. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo - Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, São Paulo, 1999.

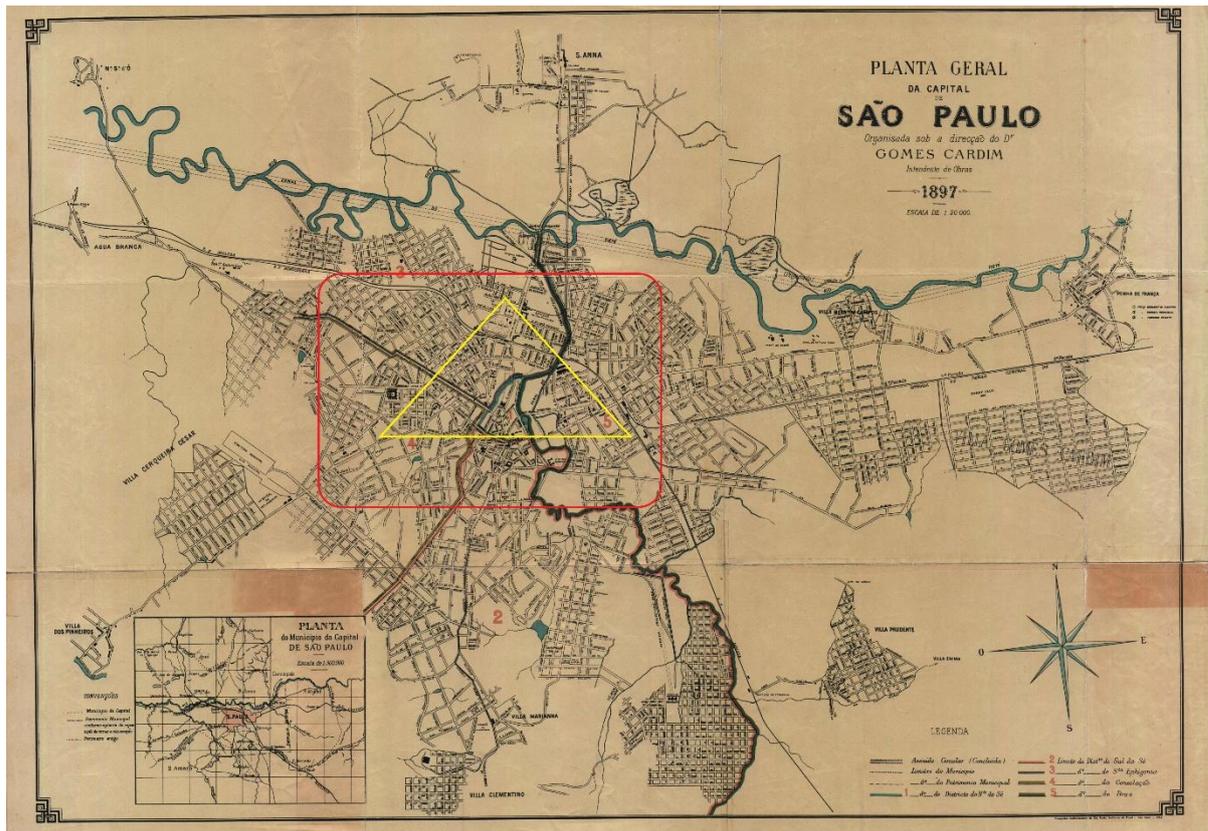
francês de Baudelaire e *Salammbô* e *Madame Bovary* de Flaubert em francês nos catálogos da Casa Garraux.

Ao considerar os romances na lista acima, vem à mente a citação de Alencar comentando que Balzac foi uma das suas principais leituras em francês: “Li nesse discurso muita coisa mais: o que me faltava de Alexandre Dumas e Balzac, e o que encontrei de Arlincourt, Frederico Soulié, Eugênio Sue e outros”¹⁴⁴, ou seja, com base no *CMA*, Balzac é um dos exemplos de autores que circulavam nessa rede informal bibliotecas particulares, viajavam pelo sistema postal entre a Corte, Santos, São Paulo e o interior da Província e nas livrarias e gabinetes institucionalizados edições francesas, belgas, portuguesas e brasileiras. Se no acervo da Biblioteca da Faculdade Direito era possível encontrar Guizot e Tocqueville, liberais amenos, no circuito geral do livro, Michelet e Thiers eram os nomes mais frequentes, mostrando que também faziam parte das práticas de leitura da época, reforçando os ideais liberais, modernos e socialistas simultaneamente e o papel da História na formação das mentalidades do século XIX.

Por fim, se essa parte do capítulo começou citando o historiador Nelson Schapochnik, sua contribuição é novamente bem-vinda para encerrá-lo, visto que são diversas as formas e gêneros da cultura letrada, tais quais a correspondência e a imprensa periódica, além da reelaboração e da (re)produção de discursos e de sentidos nos espaços públicos. Dos estudantes românticos, Álvares de Azevedo foi o que mais representou o “espírito cosmopolita e urbano”, servindo de inspiração ao viver no “binômio Cidade X Vila”, relações estas representadas pelas suas cartas, nas quais descrevia a vida social paulista em comparação à da Corte; e pelos seus discursos e ensaios presentes na imprensa e púlpitos acadêmicos e nas sociedades secretas, ensaiando-se na opinião pública política e literária.¹⁴⁵

¹⁴⁴ Ver. ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. 2 ed. São Paulo: Pontes, 2005, p. 51.

¹⁴⁵ Para as considerações, ver. SCHAPOCHNIK, “Cultura letrada...”, *Op. cit.*, 2009, p.10; as palavras citadas entre aspas estão presentes em DEAECTO, *Op. cit.*, 2011, p. 348.



Planta geral da capital de São Paulo, organizada sob a direção do Dr. Gomes Cardim (1897). Museu Paulista – USP / Arquivo Histórico Municipal. O **triângulo** representa a área aproximada da planta de São Paulo em 1855. O **quadrado** representa a área aproximada da planta de São Paulo em 1890, desenhada e publicada por J. Martin.

CAPÍTULO 3 – LEITURAS SECULARES

“E quando um dia, meus senhores, nosso corpo adormecer no nada e os homens a terra esquecerem aquilo que foi nossa inteligência, restará de nós, pelo mar turbido das peregrinações do progresso, a trilha assinalada pelo rasto de ardentias que deixa a nau sumida no horizonte dos mares pelas noites dos trópicos!”

(Álvares de Azevedo, Discurso do Ensaio-Filosófico, 1850)

3.1. OS ARTEFATOS DE ÁLVARES DE AZEVEDO

Quando se é discutido a formação literária de São Paulo no século XIX, alguns nomes figuram os manuais de referência, tais quais as leituras que contribuíram na formação do romance de José Alencar enquanto cursava o Curso de Direito; os discursos abolicionistas de Nabuco, de Castro Alves e de Luís Gama na segunda metade do século; e, sobretudo, Álvares de Azevedo, poeta paulista mais representante do contexto, que ilustrou a monótona e sombria cidade em contrapartida aos encontros acalorados da Academia em suas cartas, discursos, ensaios e etc. A obra completa de Álvares de Azevedo revela uma plural produção literária, tocando a poesia, a prosa e o teatro; e mesmo que inexperiente e retórica, uma produção crítica volumosa em relação aos seus contemporâneos, com menção ao seu processo de escrita e pensamento nos prefácios e nas cartas à família.

Antonio Candido acredita que a literatura brasileira se “gerou o seio da portuguesa e dependeu da influência de mais duas ou três para se constituir” e sendo a nossa literatura “pobre e fraca”, sempre estaríamos “fadados, pois, a depender da experiência de outras letras” e a nós, portanto, caberia amá-la.¹⁴⁶ Esse pensamento segue por toda a sua *Formação* e, ao dedicar um subcapítulo a Álvares, Candido afirma:

¹⁴⁶ CANDIDO, *Formação da literatura brasileira...*, *Op. cit.*, 2006, p. 11.

“Dentre os poetas românticos, Álvares de Azevedo é o que não podemos apreciar moderadamente: ou nos apegamos à sua obra passando por sobre defeitos e limitações que a deformam, ou a rejeitamos com veemência, rejeitando a magia que dela emana.”¹⁴⁷

E talvez, segundo o crítico, essa seja uma das inúmeras contradições da literatura brasileira: obras deformadas, mas que emanam beleza e são apreciadas subjetivamente, pois assim como Álvares, a cultura e o pensamento brasileiro eram recentes, incertos e pendiam entre ideias importadas ou emuladas. Contudo, como vimos no primeiro capítulo, boa parte dessas ideias que vão compor a literatura brasileira, na verdade, são ensaios de reelaboração das experiências românticas, nacionalistas e liberais, veladas em um projeto civilizador e progressista, e simbolizados, sobretudo, pelas instituições da cultura letrada para consolidar as esferas públicas.

Um caminho para compreender a formação literária como o “termômetro pelo qual seria possível medir o grau de civilização de um povo”, como bem quiserem os homens de letras no oitocentos, é relacioná-la (formação de leitores, leituras e instituições) com as demais esferas públicas do debate, repensando a ideia de “contradição” a partir da própria estética romântica dos contrastes, ou seja, das “binomias”, cujos agentes trabalhariam todos “igualmente sobre estruturas dicotômicas, amalgamadas em maior ou menor grau”, sobretudo quanto às ideias de “crença e descrença”.¹⁴⁸

A binomia “crença e descrença” seria, como percebeu Foot Hardmann e Marcus V. de Freitas, a distinção entre os “polo *eufórico-diurno-iluminista*” e “extremidade oposta, o que chamaríamos de polo *melancólico-nocturno-romântico*”.¹⁴⁹ Garmes distinguiu o binômio “iluminista-crença” como o projeto nacionalista, civilizatório e progressista, inspirado pelas experiências francesas, em contrapartida ao “romântico-descrença”, marcado pelo “ceticismo” byroniano.¹⁵⁰

Um das binomias construídas é a de Corte-Província, realizada pelos viajantes Saint-Hilaire e Zaluar descrentes da relevância da capital paulista e, posteriormente, por Álvares

¹⁴⁷ CANDIDO, *Op. cit.*, 2006, p. 493.

¹⁴⁸ As ideias acima foram citadas da obra de Hélder Garmes que realizou o único e completo estudo sobre o periodismo acadêmico de São Paulo no oitocentos, desenvolvendo, a partir de Candido, que essas dicotomias/binômias refletiam o “cosmopolitismo” de ideias que estavam sendo desenvolvidas na Academia e nas instituições da cultura letrada. Ver. GARMES, Hélder. *O Romantismo Paulista: Os Ensaios Literários e o periodismo acadêmico de 1833 a 1860*. São Paulo: Alameda, 2006, p. 90 e 105.

¹⁴⁹ Ver. HARDMAN. *A vingança de Hileia...*, *Op. cit.*, 2009, p. 171; e FREITAS, *Op. cit.*, 2011, p. 39 e 71.

¹⁵⁰ GARMES, *Op. cit.*, 2006, p. 111.

enquanto estudante-calouro entediado na cidade. Em carta à mãe, em julho de 1849, por ainda não estar completamente inserido nos grupos das sociedades e da vida acadêmica em geral, Álvares revela bem a transição de São Paulo antes e depois de influência da Academia na vida social de seus membros e na formação do conceito Cidade-Sociedade e Cidadão-Cultura Letrada-Homem de Letras, no Espaço Público:

“Emqto. no Rio reluzem esses bailes *á mil e uma noutes*, com toda a sua magia de fulgência e luzes, por aqui arrasta-se o narcótico e cínico baile da Concordia Paulistana – Nunca vi lugar tão insípido, como hoje está S. Paulo – Nunca vi cousa mais tediosa e mais inspiradora de spleen [...] A vida aqui é um bocejar infindo – Nem há passeios q. entretenção, nem bailes, nem sociedades – parece isto uma cidade de mortos. [...] Esse silêncio convida mais ao somno q. ao estudo [...] Estudo sempre, contudo – porém é como a martelo, é unicamente à força de vontade [...]”¹⁵¹

Um mês depois, Álvares revela alguns de seus hábitos na vida social, bem como faz menção aos seus estudos e às suas práticas de leitura ao realizar um pedido a mãe:

“Quanto a mim quero lhe fazer 2 encommendas também – um exemplar da *Democracie en France* de Guizot – e do *Raphael* de Lamartine q ahi nos jornais se annunciarão um a 200rs. e outro a 800. [...] Na carta a Papai contei q. fui no dia de S. Pedro jantar em casa da Marqueza de Santos (onde está morando o Conde de Iguassú) por ocasião dos annos do *nobre Conde*.”¹⁵²

Assim como foi mencionado ao longo desse trabalho, frente às limitadas instituições de leitura, os estudantes “se mantinham, por um meio ou outro em contato com as teorias mais recentes” disponíveis para acesso e compra. Entre os anos de 1849 e 1850, isto é, período no qual Álvares estava cursando o Curso e em contato com o pensamento de professores como Júlio Frank, os espaços de leitura se limitavam aos salões literários, como citado o da Marquesa de Santos, à biblioteca da Faculdade de Direito e às sociedades na quais fará parte a partir do segundo semestre de 1849, culminando com a publicação na Sociedade e Revista dos *Ensaio Literários* e com a fundação da Sociedade, Revista e Jornal *Ensaio-Filosófico* em 1850. Até então, o acesso ao circuito do livro dava-se pelo sistema postal,

¹⁵¹ AZEVEDO, Carta de 12 de junho de 1849, à mãe, 1976, p. 110, preferiu-se manter a grafia das cartas transcritas na edição *Cartas de Álvares de Azevedo*, São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1976; realizando apenas algumas correções pontuais de acentuação e pontuação.

¹⁵² AZEVEDO, Carta de 7 de julho de 1849, à mãe, 1976, p. 114.

encomendando à família que habitava o Rio de Janeiro livros atualizados, provavelmente anunciados e vendidos pela Livraria Garnier.¹⁵³

As leituras de Álvares reverberão imediatamente na produção de seus textos seguintes. Em 14 de agosto de 1849, o poeta recita um discurso para a Sessão Acadêmica do Aniversário da Criação dos Cursos Jurídicos no Brasil, mesclando entre um vasto repertório da literatura clássica e das literaturas modernas, as ideias que circulavam entre professores e alunos nas associações e sociedades secretas:

“Senhores: Fôra um belo ponto de vista encarar as Academias com sua missão política, mostrar-vos a influência universitária exercida no progresso e na civilização”. [...] Digam-vos outros os anais das sociedades secretas, dos Iluminados que fizeram a Revolução francesa, das associações germânicas [...] Venho falar-vos de uma missão tão nobre, é verdade, porém mais pura de sangue. Apontar-vos-ei as falanges acadêmicas na vanguarda sim”.¹⁵⁴

Álvares tem como base nesse discurso a ideia de Ciência, enquanto “soberania das inteligências” e princípio “filosófico-histórico” da “sociedade intelectual dos povos e do cosmopolitismo científico” presente na obra de Guizot¹⁵⁵, a qual pediu encomendada um mês antes da recitação desse discurso. Nesse trabalho, o poeta também cita as “sociedades secretas”, os “Iluminados” revolucionários e as “associais germânicas”. Como vimos, essas eram expressões “insuspeitas” para se referenciar às sociedades maçônicas, sobretudo fundadas por imigrantes de origem germânica. Em Álvares essas ideias direcionam a preocupação nacional para o universal e para o cosmopolitismo, e são conceitos, como bem lembra Jamil Almansur Haddad, reelaborados na “liberdade de consciência” seguidos pelas associações maçônicas paulistas.¹⁵⁶

Haddad defende a tese que Álvares de Azevedo, bem como outros alunos e até professores da Faculdade de Direito, como é o caso de Júlio Frank, participavam de sociedades secretas, como também eram maçons. Sua tese baseia-se na menção a essas sociedades e na

¹⁵³ Ver. MARTINS & BARBUY, *Arcadas...*, *Op. cit.*, 1999, p. 29; e DEAECTO, *O Império dos Livros...*, *Op. cit.*, 2011, p. 220 e seguintes, e p. 362 e seguintes.

¹⁵⁴ AZEVEDO, “Discurso recitado na Sessão Acadêmica Comemoradora do Aniversário da Criação dos Cursos Jurídicos no Brasil” – 14 de agosto de 1849. In: CASTELLO, *Textos que interessam à história do romantismo*, *Op. cit.*, 1961, p. 96-97

¹⁵⁵ AZEVEDO, *Idem*, 1849. In: CASTELLO, *Op. cit.*, 1961, p. 100-101.

¹⁵⁶ HADDAD, Jamil Almansur. *Álvares de Azevedo, a Maçonaria e a Dança*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura / Comissão de Literatura, 1960, p. 55.

comparação do discurso desses autores com o da maçonaria e do Romantismo vigente. Para o autor:

“A maçonaria, como a Revolução Francesa, como a literatura romântica, é um fenômeno inseparável da ascensão burguesa que, então, se operava. Seus ideais de tolerância religiosa, baseada num mínimo irredutível de crença, de moralidade cívica e pessoal, liberdade, igualdade e paz, eram essencialmente os ideais da classe média, que começava a se desenvolver, e a sua rápida difusão está estreitamente associada à expansão do comércio, à difusão do protestantismo e do deísmo, e à aceitação cada vez maior dos princípios liberais depois da Revolução de 1789.”¹⁵⁷

Portanto, na linha de Haddad, a relação do Romantismo com a maçonaria dá-se pelo entendimento do homem liberto espiritual e temporalmente e do condicionamento social, compreendendo, portanto, a “literatura” enquanto reflexo das condições psicológicas e sócio-históricas da realidade, ou seja, pensamento este que vê o poeta dotado de messianismo e missão política.¹⁵⁸

No “Discurso Pronunciado na Sessão de Instalação da Sociedade Acadêmica Ensaio-Filosófico”, em 9 de maio de 1850, Álvares retoma, usando de uma linguagem mais poética, o papel da filosofia e da literatura do século XVIII nas Revoluções Francesas de 1789 e 1830, focando na missão desses jovens enquanto escritores-críticos:

“Senhores, não é a vossa uma missão política – diretamente ao menos. Mas o que é a filosofia senão a luz, a luz que como o olhar de Deus se abre sobre o mundo inteiro? O que é a luz senão o progresso? O que é o progresso científico sem progresso político? O que é a causa sem o efeito? O que é o progresso senão o sanear da grande febre que afana a humanidade”¹⁵⁹

Nesse discurso retórico, Álvares de Azevedo relaciona, tal qual em outra binomia, o idealismo dos filósofos alemães e o ecletismo das belas-letas francesas que deveriam ser absorvidas nas instituições de instrução assim como já circulavam nas demais instituições da cultura letrada liberal. Como foi visto, a partir dos levantamentos de Schapochnik e Ana L.

¹⁵⁷ HADDAD, *Op. cit.*, 1960, p. 64-65.

¹⁵⁸ HADDAD, *Op. cit.*, 1960, p. 76; além do trabalho de Haddad, conferir a obra de Michael Löwy sobre as relações entre Romantismo e Messianismo, ver. LÖWY, Michael. *Romantismo e messianismo: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin*. Trad. Myriam V. Baptista & Magdalena P. Baptista. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

¹⁵⁹ AZEVEDO, “Discurso pronunciado na Sessão da instalação da Sociedade Acadêmica Ensaio-Filosófico” – 9 de maio de 1850. In: CASTELLO, *Op. cit.*, 1961, p. 107-109.

Martins, a maioria das bibliotecas, gabinetes de leitura e instituições privadas de instrução eram organizadas por associações maçônica. Segundo A. L. Martins, algumas delas encobriam “projetos reformistas, algumas vezes revolucionários”, representados pela “emancipação política”, pelos “movimentos culturais liberais” e pelas “campanhas abolicionistas”. Em contrapartida, “a ideologia liberal democrática, que fundamenta a organização maçônica” permite e contribui para compreender o “vínculo entre o romantismo literário e o romantismo político” praticado na Província paulista.¹⁶⁰

Contudo, o que hoje parece um discurso retórico e até moderado, frente aos representantes da Academia e dos representantes institucionais do Império, ele pode ter ocasionado em alguma repreensão aos familiares de Álvares de Azevedo, para cujo pai ele teve que se explicar em carta de julho de 1850, dois meses após a publicação do discurso no *Ensaio-Filosófico*:

“A propósito do manuscrito do discurso. Não é intenção nenhuma política a minha [...] Falei ahi na missão das Academias: falo neste da influência política dessa missão. Até ahi não mais do que uma deducção de ideias. Quanto ao que falei sobre a instrução pública, sobre o desleixo dos governos de todos os credos no Brasil, bem se vê que nisso não há ideia nenhuma de liberalismo exagerado, e muito menos de republicanism.”¹⁶¹

Talvez essa seja mais um binômio: o que se acredita e se defende, e o que se pratica na vida social. Com base na coletânea organizada por José A. Castello e nos estudos de Hélder Garmes, o discurso de Álvares estava inserido nas atividades editoriais do periodismo acadêmico de São Paulo. As revistas do *Ensaio-Filosófico* e dos *Ensaio Literários*, esta na qual foram publicadas as análises literárias de Álvares, são herdeiras direta e indiretamente de sociedades como a Filomática, de publicação científica e literária, compostas por professores e pelos alunos mais destacados nos cursos¹⁶², e posteriormente o Instituto Literário Acadêmico e o *Ensaio Literários*, de 1847. A partir dos *Ensaio*, as publicações compreendem as matérias de história, jurisprudência, filosofia, religião, relatos, crítica literária, divulgação de obras literárias dos próprios membros e etc., figurando, além dos professores, nomes como José de

¹⁶⁰ MARTINS, *Gabinetes de Leitura...*, *Op. cit.*, 2015, p. 360-361. Segundo Marco Morel, “as maçônicas” podem ser consideradas enquanto “formas de sociabilidade” praticadas pelas academias e instituições nas “políticas democráticas contemporâneas”. Ver. MOREL, Marco. *As Transformações dos Espaços Públicos: Imprensa, Atores Políticos e Sociabilidade na Cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.

¹⁶¹ AZEVEDO, Carta de 3 de julho de 1850, ao pai, 1976, p. 164.

¹⁶² GARMES, *Op. cit.*, 2006, p. 16-17.

Alencar, Bernardo Guimarães e o próprio Álvares de Azevedo. Tanto o Instituto Literário quanto o Ensaio-Filosófico “concebiam uma microinstituição, onde a literatura aí elaborada tomava o lugar do próprio movimento romântico, assim como o Instituto Literário Acadêmico, o lugar de nação”.¹⁶³ Mas, se a mocidade acadêmica investiu nas associações e na jornalismo para divulgação das revistas filosóficas e literárias, como “escrita da história nacional e o instrumento difusor da civilização”, então, qual seria o público dessa mocidade civilizadora?¹⁶⁴

Como foi visto no Capítulo 2, a maior parte da população brasileira era analfabeta, portanto, quando se fala de público leitor, fala-se dos próprios homens de letras e da cultura letrada nas esferas públicas do debate, ou seja, os “acadêmicos” e a “elite letrada”:

“O ‘povo’ de que falam os redatores não era, com certeza, o negro escravo, nem o índio, ‘selvagem’ ou ‘civilizado’, nem mesmo o trabalhador branco do campo ou da cidade; era, sim, pura virtualidade, aquele ‘povo’ referido nos textos dos autores europeus, lidos pelos acadêmico.”¹⁶⁵

Assim como Garmes, vislumbrados pelas ideias de Lammenais, Chateaubriand e de Cousin, esses acadêmicos pendem pela crença nas teses francesas para empreender e compartilhar o projeto civilizatório, pois se as concepções de Cidade-Sociedade em São Paulo se estabelecem, eles seriam a representação do Cidadão-Cultura Letrada:

“Conscientes de sua condição de futura elite dirigente, imbuíram-se, desde cedo, do papel ‘iluminado, esclarecido e civilizador’ do Estado, escrevendo para um ‘povo’ branco e europeu”.¹⁶⁶

Ancorados e justificados pela “ideia de progresso” para um Estado que “só considera” o que é justo e injusto para o exercício das liberdades individuais.¹⁶⁷ E a literatura, “reafirmando o caráter do escritor-crítico que caracterizou a maioria dos autores românticos”, seria a forma de “medir o grau de civilização”, bem como avaliar a execução da missão do Cidadão-Cultura Letrada na construção de uma “literatura nacional que fosse a expressão mais

¹⁶³ GARMES, *Op. cit.*, 2006, p. 25.

¹⁶⁴ GARMES, *Op. cit.*, 2006, p. 86.

¹⁶⁵ GARMES, *Op. cit.*, 2006, p. 66.

¹⁶⁶ GARMES, *Op. cit.*, 2006, p. 72.

¹⁶⁷ GARMES, *Op. cit.*, 2006, p. 73-74; ver. também ADORNO, *Os aprendizes do poder...*, *Op. cit.*, 1988; e COUSIN, Victor. “Cours d’histoire de la philosophie” In: *Œuvres de Victor Cousin*. Bruxelles : Societé Belge de Libraire, 1840-1841, v.1.

viva e sincera da nação”¹⁶⁸, mas também marcada por exemplos como Álvares de Azevedo que seria a representação do ímpeto cosmopolita dessa mesma juventude acadêmica.

3.2. ÁLVARES DE AZEVEDO E OUTRAS PRÁTICAS DE LEITURA

Em carta de 1º de março de 1850, endereçada do Rio de Janeiro ao amigo de curso Luís [Antônio da Silva Nunes], Álvares de Azevedo demonstra estar imerso no tédio das férias, isto é, distante da vida universitária que, contraditoriamente, também lhe é uma “provação”. Entretanto, o autor revela estar inserido em uma intensa prática de leitura destinada à produção literária e à crítica, representada sobretudo pela análise do poema “Jacques Rolla” de Alfred de Musset:

“Não tenho passado ocioso estas férias, antes bem trabalhadas de leitura tendo-as levado. Nesse pouco espaço de três meses escrevi um romance de duzentas e tantas páginas; dois poemas, um em cinco e outro em dois contos; uma análise do *Jacques Rolla* de Musset; e uns estudos literários sobre a marcha simultânea de civilização e poesia em Portugal, bastante volumosa [...]”¹⁶⁹

Antonio Candido chama por “crítica viva” as análises literárias praticadas por esses escritos-críticos no período do Romantismo. Se, nos discursos, Álvares de Azevedo estaria próximo do polo crença-iluminista, ao se tratar de literatura, ele titubeia pelo nacionalismo literário, e Gonçalves Dias seria a sua maior referência quanto literatura brasileira, enquanto que, na esteira das teses universalistas francesas, ele penderia em acreditar numa literatura cosmopolita ou, pelo menos, ibero-americana. Contra o nacionalismo exacerbado de Bernardo Guimarães, Álvares de Azevedo busca na literatura europeia o conceito do *belo* e da teoria romântica dos contrastes, que fundamentam sua análise do poema Musset, para desenvolver o argumento de um modelo “cosmopolita” de literatura a ser praticada na Ibérico-América.

Por que desenvolver uma análise e tradução comentada do longo poema “Jacques Rolla” de Musset, se o grande mestre de Álvares seria Byron? A questão poderia ser elucidada se os interesses de Álvares por Musset forem considerados de antemão.

¹⁶⁸ GARMES, *Op. cit.*, 2006, p. 90-98.

¹⁶⁹ AZEVEDO, Carta de 1º de março de 1850, ao amigo Luis, 1976, p. 146.

Segundo o poeta, “Rolla sobressai como um troféu, como a sombra mais sublime de Byron” e na composição de Musset haveria o “brilhantismo dos Contos do alemão” Hoffmann e a maneira de como os são, poetiza os pensamentos mais sombrios do homem moderno, com a “febre no desânimo” do *Fausto* de Goethe e, sobretudo, das “lágrimas de perfume” da poesia lamartiniana.¹⁷⁰ Em outras palavras, Musset seria o poeta que mais soube reelaborar Byron com as demais tendências clássicas e também românticas, e seria, para Álvares, um modelo desejado enquanto “leitor” e “imitador” de Byron. Além de ainda ser original, em relação a Byron, este que seria composto apenas por descrença-melancolia, em Musset ainda há o contraste da estética romântica, havendo a *beleza*, o *belo* (referências às poéticas clássicas, e à “luz” da literatura neoclássica) no sombrio, na descrença.

O segundo interesse por “Rolla” resume-se ao poema de Musset também ser uma sátira aos costumes de uma moral burguesa e cristã figurada pelo libertino. Aqui reluz toda a questão da juventude de Álvares e de seus pares acadêmicos. Enquanto jovem, o poeta vê-se obrigado transbordar em seus discursos e ensaios um repertório de referências de erudição, o que torna retórica a primeira parte da análise de “Rolla”. Assim como recorda Antonio Candido, em outro estudo sobre a “literatura na evolução de uma comunidade”, o jovem Álvares também estava inserido uma espécie de “sociabilidade”:

“Na idade em que estavam [os jovens acadêmicos], de passagem da adolescência à maturidade, quase todos longe das famílias, socialmente colocados aquém da vida prática, nutridos de idéias e princípios diferentes dos que norteavam os paulistanos, é natural que desenvolvessem tipos excepcionais de comportamento”¹⁷¹

Dentre esses comportamentos excepcionais estariam a pilhéria, a rebeldia e a sátira aos costumes das famílias conservadoras paulistanas que representavam o que restou de mal da herança colonial e o atrasado de São Paulo, segundo o poeta.¹⁷² Do interesse pela sátira

¹⁷⁰ AZEVEDO, “Alfredo de Musset – Jacques Rolla – Da descrença em Byron, Shelley, Voltaire, Musset”. In: CASTELLO, *Op. cit.*, 1961. p. 133.

¹⁷¹ Ver. CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8 ed. São Paulo: Publifolha, 2000. (Coleção Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro), p. 135-136.

¹⁷² A sátira e, conseqüentemente, o humor na poesia desses jovens poetas paulistas têm papel fundamental na reelaboração da *Ironia*, da estética romântica alemã, para a sátira enquanto investigação psicológica do autor e de seus personagens, bem como crítica social na cultura brasileira, e que será praticada nos romances realistas e naturalistas e, inclusive, por Machado de Assis no futuro. Sobre a sátira e o humor românticos, ver. CAMILO, Wagner. *Risos entre pares: poesia e humor românticos*. São Paulo: Edusp, 1997; Além da poesia, a título de citação, o comportamento excêntrico dos românticos foi levado aos palcos, no teatro acadêmico da Faculdade de Direito, onde eram encenadas, sobretudo, peças de teor satírico e de temática byroniana. Sobre o teatro dos estudantes de Direito no século XIX, ver. AZEVEDO, Elizabeth R. *Um palco sob as aradas: o teatro dos*

enquanto uma forma de crítica do passado colonial, Álvares é o único dos cânones do Romantismo brasileiro que dedicou algumas análises da literatura portuguesa, sobretudo de poetas e romancistas modernos, como Bocage, Garrett, Herculano, Mendes Leal. Na própria análise do poema “Rolla”, Musset teria feito com seus antecessores (Byron, Goethe, etc), o que esses portugueses teriam feitos com a literatura contemporânea, enriquecendo-a “com os tesouros do passado” e, combinando os “elementos da dicção moderna com os da envelhecida”, seria o mesmo que incorporar à literatura suas teses de “progresso”, tal qual fez, em plano nacional, Gonçalves Dias e que, provavelmente, almejaria Álvares, partindo do discurso cético para um discurso moderno que valorizaria a ironia e a própria modernidade da literatura contemporânea, e considerando os interesses pelo poema de Musset conforme discuto acima.¹⁷³

O terceiro interesse de Álvares de Azevedo em analisar o poema de Musset é reservado ao polo da descrença-melancolia, ou seja, à ironia romântica e ao ceticismo.¹⁷⁴ Nesse ponto, as binomias “crença-descrença” se confundem e integram gradualmente o pensamento de Álvares, pois, o “suicídio” de Jacques Rolla, “morto de ceticismo e saciedade”, lhe serviria de investigação psicológica e de crítica à moralidade vigente.¹⁷⁵ Diferente de Byron, de Victor Hugo e de obras como *Don Juan*, o suicídio em Musset, na verdade, transpassaria a própria Moral, quase como se fosse uma espécie de conselho ao leitor, para revelar o que haveria de nobre e belo, enquanto poesia, na construção do libertino aquém da Moralidade, vendo seu fim ou, ao menos, projetando novas formas de sociabilidade, de novas formas literárias e de público leitor.

Ao compreender o interesse cético de Álvares na construção do suicídio e da figura do libertino de Musset, poder-se-ia compreender a própria história da leitura, assim como o fez Robert Darnton. Para o historiador, como os estudos de “perfis de empréstimos em bibliotecas” registram, tanto na Europa quanto na América, mais de 70% das categorias de Belas-Letras, Literatura, Poesia e Prosa, no final do século XIX, eles indicariam que o “mundo da leitura havia se transformado” e que a ascensão da literatura moderna e romântica “contrabalançava um declínio na literatura religiosa”, em especial nos anos da

estudantes de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, no século XIX. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2000.

¹⁷³ AZEVEDO, *Idem*. In: CASTELLO, *Op. cit.*, 1961. p. 141.

¹⁷⁴ Além do trabalho de Wagner Camilo acerca da sátira romântica, sobre a ironia em Álvares de Azevedo, ver. ALVES, Cilaine. *O Belo e o Disforme: Álvares de Azevedo e a Ironia Romântica*. São Paulo: Edusp, 1998.

¹⁷⁵ AZEVEDO, *Idem*. In: CASTELLO, *Op. cit.*, 1961. p. 150.

“*Wertherfieber* [febre do *Werther*]. *Die Leiden des jungen Werthers* [*Os sofrimentos do jovem Werther*] suscitou uma reação ainda mais espetacular na Alemanha do que a *La nouvelle Héloïse* na França ou *Pamela* na Inglaterra. Os três romances marcavam o triunfo de uma nova sensibilidade literária, e as últimas frases de *Werther* pareciam anunciar o advento de um novo público leitor, simultâneo à morte de uma cultura cristã tradicional: ‘Trabalhadores carregavam (o corpo). Nenhum padre o acompanhou’”.¹⁷⁶

O trecho de *Werther* citado por Darnton ilustra bem a transformação do mundo da leitura e das novas formas do literário na sociedade, tal qual ilustrou Álvares de Azevedo ao elucidar a beleza do suicídio de “Jacques Rolla” como símbolo dessa transformação contra a moral cristã e tradicional.

Candido, na *Formação*, salienta que as ideias de Álvares giram “em torno de uma certa concepção do belo” que se fundamenta nos conceitos de representação de um belo ideal (das *Poéticas* clássicas) e da estética romântica, voltada ao belo material, das sensações, ao belo sentimental, das emoções; e, portanto, os critérios de Álvares para relacionar seus conceitos de *belo-beleza* seriam flutuantes, incompletos e contraditórios.¹⁷⁷ Contudo, como diz o crítico em linhas seguintes:

“[...] a beleza está na fusão dos diferentes aspectos da realidade, que exprimem as contradições do mundo; a eficácia do artista está igualmente ligada à sua complexidade interior, vivida como aceitação dos contrastes que a animam.”¹⁷⁸

Em outras palavras, se a análise de Álvares de Azevedo seria um reflexo das próprias limitações conceituais, vale lembrar que a crítica literária se resumia às poéticas clássicas e aos manuais de retóricas, traduzidos sobretudo por professores luso-brasileiros. Se há alguma inexperiência no processo crítico de Álvares, é preciso considerar sua breve vida, o que não lhe permitiu aprimorar seus trabalhos, além de considerar seu contexto. Álvares, de todos os românticos, foi o que bem soube reelaborar e relacionar a retórica clássica e moderna com as teorias do sublime e dos contrastes, defendidas pelos românticos, tais quais Schlegel, Goethe, Victor Hugo, Mme de Staël, Chateaubriand, e outros pensadores como Guizot, Cousin, Lammenais, e etc.

¹⁷⁶ DARNTON, *O beijo de Lamourette...*, *Op. cit.*, 2010, p. 175, [acréscimo e tradução próprios].

¹⁷⁷ CANDIDO, *Op. cit.*, 2006, p. 671-673.

¹⁷⁸ CANDIDO, *Op. cit.*, 2006, p. 674.

Além do mais, o ensaio analítico de Álvares de Azevedo, além de ser um reflexo de uma intensa prática de leitura e prática no periodismo acadêmico, também se trata, como lembra Hélder Garmes, de uma tradução comentada.¹⁷⁹

Segundo Álvares, a estrutura melódica do poema de Musset revela a experiência do poeta que o escreve e do seu leitor. Logo, Álvares reflete sobre a própria experiência de leitor e de tradutor:

“O verso trina-lhe argentino e melodioso: fora-nos delírio crer espelhá-lo no opaco de uma tradução. O mais que se pode fazer o tradutor é dar inteiro o metal [...] o som é uma sensação que inebria, como os sonhos das noites vaporentas nos devaneios do poeta”¹⁸⁰

E revela também seu critério de estudo literário a partir do estilo do verso e da métrica, utilizando, como desde o início de sua análise, de um método comparativo, e fundamentando-o com citação a outro escritor-crítico contemporâneo ao poeta:

“[...] quando quisermos estudar um poeta, ir-lhe-emos ao estilo. [...] Quanto ao metro, êle soube conter no alexandrino o espírito lavoso do hendecassílabo do **Don Juan**, abraçar o fervor do **Childe** com a harmonia da escola de Lamartine; [...] Quanto àquele transbordar de um verso em outro, o truncar do sentido pela queda do metro, aquilo enfim que os franceses chamam **enjambement**, é êle de muito uso no poetar de Musset. Todos aí o sabem: Sainte-Beuve julga essa prática um dos mais belos ademanos da poesia romântica [...]”¹⁸¹

Por fim, compreender o ensaio analítico de Álvares de Azevedo enquanto uma tradução comentada, permitimo-nos entender a tradução como uma prática de leitura e, conseqüentemente, de experiência crítica, e relacioná-las às formas de socialidade literária e da cultura letrada em geral.

O estudo da tradução romântica no Brasil ainda passa por generalizações e esquecimentos, e o mesmo merece estudos aprofundados que poderão se tornar uma continuidade desse trabalho, no futuro. Ao menos, vale lembrar que os nossos românticos foram importantes e, de certo modo, inconstantes tradutores da literatura romântica. Infelizmente, suas traduções se perderam ou apenas uma pífia parte de suas produções pertencem às suas obras

¹⁷⁹ GARMES, *Op. cit.*, 2006, p. 105.

¹⁸⁰ AZEVEDO, *Idem*. In: CASTELLO, *Op. cit.*, 1961. p. 138.

¹⁸¹ AZEVEDO, *Idem*. In: CASTELLO, *Op. cit.*, 1961. p. 139-140.

completas, como é o caso do próprio Álvares, e de um de seus seguidores, Castro Alves, cuja reunião apresenta poesias de Victor Hugo, Lamartine, Musset, e etc. Contudo, a tradução no Brasil oitocentista não era ainda uma arte criativa, muito menos um ato crítico, mas nos revela a experiência individual e as práticas de leitura dos nossos autores e as bases que formaram a literatura brasileira.

Segundo Haroldo de Campos, a tradução “é antes de tudo uma vivência interior do mundo e da técnica do traduzido”¹⁸², e por essa razão a tradução romântica brasileira é pensada a partir da ideia de síntese, pautada em interesses de se pensar o próprio fazer literário-crítico, como foi visto no ensaio de Álvares, ou na adequação ao estilo poético e à temática da cultura luso-brasileira, como nas traduções de Castro Alves; além do pioneirismo das traduções Odorico Mendes, como bem recorda Campos, e para acrescentar a tradução de trechos de poemas de Victor Hugo e de Lamartine, realizadas por Oliveira Araújo em suas próprias poesias, publicadas no *Ensaio Literários* paulistas.

Ainda de acordo com Campos, o autor considera uma “tradução” não apenas o processo técnico de traduzir um texto de uma língua para outra, mas toda a expressão do pensamento originário, puro, primitivo, como fez Álvares de Azevedo ao pensar no seu próprio fazer poético-crítico ao traduzir e analisar a poesia de Musset; e, sobretudo, se for considerado o que fez José de Alencar em seu romance indianista, no qual submete o “português ao tupi”¹⁸³. O “tupi, para Alencar, era o grego idealizado que nos faltava, a chave de acesso à *aetas aurea*, a possibilidade de reescrever o mito de origem pela língua em estado de infância e de natureza”.¹⁸⁴

Assim como é o caso de Alencar, Álvares de Azevedo é um notório representante literário das práticas, intenções e instituições da cultura letrada na Província paulista. Sua produção literária-crítica ilustra as relações entre as esferas da Academia de Direito e as sociedades espalhadas com a sociabilidade e as transformações urbanas que fundamentarão o projeto liberal da Cidade e da Nação, somadas à consolidação de São Paulo como centro da elite intelectual e econômica no século XX.

Segundo Garmes, enquanto acadêmico e poeta, Álvares de Azevedo em seu próprio tempo tornou-se uma referência, cujo obra é citada e analisada no periodismo acadêmico:

¹⁸² Ver. CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992., p. 43.

¹⁸³ CAMPOS, *Op. cit.*, 1992, p. 153.

¹⁸⁴ CAMPOS, *Op. cit.*, 1992, p. 159.

“Até então Álvares de Azevedo era recordado muito mais como um ilustre e brilhante acadêmico, morto na flor dos anos, do que como poeta. [...] nesse sentido, a figura típica do escritor que, naquele momento, penetrava no universo de referências delegadas s Byron, que a obra de Álvares de Azevedo então filtrava.”¹⁸⁵

Além para seus contemporâneos diretos, Álvares foi uma referência em “plano nacional”, presente no periodismo e nos circuitos do livro. Segundo a tese de Haddad, Castro Alves inspirou-se no pensamento liberal-democrático de Álvares e no interesse do poeta pelas sociedades secretas.¹⁸⁶ Para Candido, em seu ensaio sobre literatura e sociedade, esse grupo de jovens bacharéis-escritores-críticos é absorvido pela “comunidade” da cultura letrada que desenvolverá em suas práticas as ideias lidas e debatidas anteriormente e terá reflexo nas práticas de outros escritores-críticos:

“Castro Alves dará o sinal de mudança deslocando os rapazes da sua autarquia para a vasta comunhão dos problemas sociais. E o grupo, crescido como floração estranha no flanco da pequena cidade, integrar-se-á lentamente na vida da grande cidade que desponta”.¹⁸⁷

Candido, no final de seu ensaio, apesar de se usar de termos como “evolução”, “liderança intelectual” e “movimento mais alegre e jovial da nossa literatura” para se referir aos desdobramentos do Romantismo no Modernismo em São Paulo, discute, em contrapartida, a consolidação da cultura letrada na elite paulista no final do século XIX:

“Deixando de ser uma manifestação grupal, ela vai tornar-se manifestação de uma classe – a nova burguesia, recém-formada, que refinava os costumes segundo o modelo europeu, envernizada de academismo, decadentismo e *art-nouveau*.”¹⁸⁸

Contudo essas considerações reforçariam o argumento de que algo “está fora de lugar”, justificando o decadentismo paulista. Se São Paulo desponta enquanto vanguarda, é porque as transformações urbanas a partir dos conceitos Cidade-Sociedade e Cidadão-Cultura

¹⁸⁵ GARMES, *Op. cit.*, 2006, p. 136.

¹⁸⁶ HADDAD, *Op. cit.*, p. 74 e demais, sobretudo a p. 117 e 137-138.

¹⁸⁷ CANDIDO, *Literatura e Sociedade, Op. cit.*, 2000, p. 141.

¹⁸⁸ CANDIDO, *Op. cit.*, 2000, p. 142.

Letrada foram definidos de acordo com os padrões da elite social. Não parece correto atribuir ao Romantismo o caráter de origem do Modernismo, mesmo que o Romantismo paulista, segundo nossas considerações, esteja mais próximo do polo “crença-iluminista-progressista”, e que o polo “descrença-melancolia-ceticismo” enquanto literatos, na verdade, seja apenas uma maneira de se almejar o primeiro.

Por fim, cabe hoje repensar como os estudos dos movimentos literários e culturais, relacionados à História e à Sociologia, podem desconstruir as ideias de atraso, de dependência e de uma nacionalidade forjada em mitos e cânones na história literária e cultural brasileiras em detrimento de outras memórias culturais. Apesar do Liberalismo e do Nacionalismo românticos, também dotados de “verniz cosmopolita”; do cientificismo positivista do Realismo/Naturalismo; e da impositiva agressão linguística do Modernismo, há “uma história da literatura que se projeta na cidade de S. Paulo; e há uma história da cidade de S. Paulo que se projeta na literatura”.¹⁸⁹

¹⁸⁹ CANDIDO, *Op. cit.*, 2000, p. 142.



Herma de Álvares de Azevedo, inaugurada em 11 de agosto de 1907. Apesar de destinada à homenagem de Álvares de Azevedo, a imagem mais parece a Castro Alves e, sobretudo, a Fagundes Varela.

CONSIDERAÇÕES

No final do capítulo anterior, foi anexada a imagem da herma de Álvares de Azevedo, inaugurada entre 1906 e 1907 pelos estudantes da Faculdade de Direito e o Gremio Polytechnico de São Paulo, modelada e fundida em mármore e bronze no Liceu de Artes e Ofícios, para simbolizar a data de fundação dos cursos jurídicos no Brasil. A inauguração da herma também simboliza a imagem que se almejava construir, no início do século XX, em plena consolidação da modernidade e do mito paulista enquanto centro intelectual, cultural e econômico da Nação: os heróis cujas ideias representariam as escolas do pensamento, as obras das belas-letas e as missões civilizadoras entre os séculos. Segundo o documento de inauguração da herma:

“A inauguração da herma de Alvares de Azevedo, honrando a memoria de um poeta, dignifica os estudantes que a fizeram executar e ajuda a melhorar os costumes do nosso povo. A missão da Arte não é unicamente deleitar o espírito daqueles que a podem comprehender, tem o fim nobre e grandioso de colaborar no aperfeiçoamento da Sociedade, inculcando no povo a ideia do Bello, porque a Sociedade, como o homem, é sensível ao fluxo que o bello emana.”¹⁹⁰

A herma permaneceu na Praça da República, região central de São Paulo, até ser recolhida pela Prefeitura em 2006, restaurada e instalada em frente à Faculdade de Direito em 2009. Contudo, como pode-se perceber na imagem, a figura retratada na herma não é a de Álvares de Azevedo, e sim, de Fagundes Varela, ou, caso a imaginação permita elucubrações mais espalhafatosas, próxima à imagem de Castro Alves. De fato, como foi visto, esses dois últimos poetas poderiam ter representado a história dos “heróis literários paulistas” com suas obras. Varela, inclusive, foi o primeiro poeta paulista a atuar de maneira mais consolidada e prestigiada nos circuitos literários e nas instituições da cultura letrada, sendo considerado pelas historiografias literárias o mais maduro e consistente poeta dessa geração romântica.

Contudo, a curiosa anedota, independentemente da confusão, representa a construção forjada da cultura nacional, da modernidade e dos mitos paulistas. Na esteira de

¹⁹⁰ Inauguração da Herma de Álvares de Azevedo, Gremio Polutechnico, 1907, p. 227, p. 4 do arquivo. Disponível in: <<http://memoria.poli.usp.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1789/0701602.pdf?sequence=6&isAllowed=y>>, consultado em 09 de agosto de 2018>.

Hobsbawm e de Ricupero, o nacionalismo cultural seria uma forma de justificar as ideias de civilização e de progresso do pensamento liberal, cujo projeto fundamentou as instituições de instrução e de ensino em São Paulo. Na ideia de “aperfeiçoamento da Sociedade”, tal qual almejou memorializar o Gremio Polytechnico com a herma de Álvares de Azevedo, fica evidente que a concepção de cosmopolitismo dos estudantes de Direito, não passaria de um “veriz cultural” para desenvolver as mesmas estruturas dos considerados “centros” intelectuais e econômico na Província São Paulo, acrescentando-lhe autonomia, inclusive, de produção e de consumo de capital cultural dentro das novas esferas literárias e políticas.

Ainda segundo as considerações do documento do Gremio Polytechnico, é possível concluir sobre para qual povo estariam destinadas às leituras e produções literárias desses literatos. Como foi visto ao longo desse trabalho, as práticas culturais de leitura e suas instituições alteram significativamente o pensamento e o comportamento da sociedade, permitindo-se questionar, de acordo com Robert Darnton, quem lê, o quê lê, onde lê e por quê lê. Contudo, considerando o contexto da São Paulo enquanto vilarejo e burgo estudantil e, depois, a metrópole moderna, cabe-nos reformular as categorias de Darnton, pois a relação da cultura letrada com as ideias não se daria apenas de maneira passiva, ou seja, do âmbito da recepção, pois, aquele que lê também agiria escrevendo.

Em outras palavras, o homem de letras é um agente inserido na circulação das ideias e garantidor de sua manutenção na sociedade. A partir dos conceitos de Cidade-Sociedade, Cidadão-Cultura Letrada (homens de letras que leem e escrevem) e Esfera Pública Literária-Política (onde circulam e se reelaboram as ideias) tem-se clara as intenções dessas práticas e instituições na construção de uma classe dominante que consome e produz literatura, e outros artefatos da cultura letrada, voltados todos a si mesmos. Assim como foi visto, são exemplos os membros majoritários dos gabinetes de leitura pela Província – membros das esferas públicas, literárias e políticas que contribuía financeiramente ou era filiados à instituição; além de quem eram os leitores de Álvares de Azevedo – seus próprios contemporâneos, escritores românticos e estudantes de Direito, e no século XIX; e a quem se destinam os monumentos da história paulista – as oligarquias espalhadas por toda a Província/Estado que se se consolidaram e centralizam a memória e a intelectualidade nacional.

Para concluir, o final desse trabalho dá margens para uma continuidade que poderia caminhar para os estudos da tradução romântica no Brasil enquanto prática cultural, e também, para o estudo dos desdobramentos das práticas, intenções e instituições da cultura letrada nos movimentos culturais posteriores ao Romantismo. Nessa ótica, essas considerações voltaram-se a um breve estudo sociológico da literatura, influenciado não apenas pela obra de Antonio

Candido, como pelos estudos de Francisco Foot Hardman, estes que são severas críticas às construções de progresso e de cultura nacional, vendo-as como uma “fantasia de Nação” que discriminaria e apagaria outras culturas, outras “memórias”. Segundo Hardman, essas construções poderiam ser exemplificadas pelos movimentos autoritários e de hegemonia cultural do século XX, tal qual o Modernismo em São Paulo.¹⁹¹

Enfim, espera-se que esse trabalho tenha contribuído tanto para a História Cultural e Literária quanto para os estudos dos movimentos literários, ao relacionar documentos de acervos de leitura e de formação de público leitor, segundo a História da Leitura, com os conceitos construídos no Romantismo e que se desdobraram na noção de Nação e de Cultura vigentes nas historiografias nacionais. Cabe, portanto, sempre olhar para esses artefatos do passado para se retomar o que ficou perdido nas arcadas e nas prateleiras de acervos monótonos; e/ou repensar as ideias que circularam em determinado período e que foram enraizadas na mentalidade sendo, de maneiras das mais distintas, praticadas conscientemente pelas instituições que centralizam o controle da formação da educação, da cultura e da opinião pública, e que são praticadas inconscientemente por aqueles pelas quais são influenciados direta ou indiretamente, na atualidade, dentro e fora das universidades e de outros espaços educacionais, culturais, políticos e, sobretudo em relação ao nosso estudo, de outros espaços que consomem e produzem literatura.

¹⁹¹ Em relação aos trabalhos de Hardman, ver. bibliografia.

REFERÊNCIAS

FONTES E DOCUMENTOS

ALMANACH de São Paulo para o anno de 1883, Guia Administrativo, Commercial e Industrial para as cidades de S. Paulo, Santos, Campinas e Rio-Claro, acompanhado de uma planta da cidade de S. Paulo. São Paulo: Jorge Seckler & Cia, 1884.

ALMANACH Administrativo, Commercial e Industrial da Provincia de São Paulo para o anno de 1885, fundado e organizado por Jorge Seckler. São Paulo: Jorge Seckler & Cia, 1884.

ALMANACH Administrativo, Commercial e Industrial da Provincia de São Paulo para o anno de 1886, fundado e organizado por Jorge Seckler. São Paulo: Jorge Seckler & Cia, 1886.

ALMANACH Litterario Paulista para 1876, publicado por José M. Lisboa, Abilio Marques e Taques. São Paulo: Typ. da Provincia de São Paulo, 1875.

ALMANAK da Provincia de São Paulo para 1873, organizado e publicado por Antonio J. B. de Luné e Paulo D. da Fonseca. S. Paulo: Typographia Americana, 1873.

CATÁLOGO da Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo em 1887

CATÁLOGO de Obras Raras da Biblioteca Municipal Mário de Andrade

CATÁLOGO LIVRARIA GARRAUX, DE LAILHACAR & Cie. Libraire Française – Catalogue Français. Pernambuco; São Paulo; Paris: 1886.

CATÁLOGO LIVRARIA GARRAUX, DE LAILHACAR & Cie. Libraire Française – Catalogo de livros de jurisprudencia, direito, economia politica, administração, litteratura, devoção, etc. Pernambuco; São Paulo; Paris: 1886.

CATÁLOGO da Livraria Academica A. L. Garraux. São Paulo: 1872.

ACERVOS E INSTITUTOS

Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP)

Biblioteca Florestan Fernandes (FFLCH - USP)

Biblioteca Municipal Mário de Andrade (São Paulo – SP)

Biblioteca Pública Municipal Prof. Ernesto Manuel Zink (Campinas – SP)

Coleção Ruy Barbosa Nogueira

Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP)

Instituto de Estudos Brasileiros (IEB – USP)

Instituto de Estudos da Linguagem (IEL – UNICAMP)

Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil

(<http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>)

Museu Paulista (USP)

OBRAS E AUTORES CITADOS E CONSULTADOS

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. 2 ed. São Paulo: Pontes, 2005.

ALVES, Castro. *Poesias completas de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.

AZEVEDO, Álvares de. *Cartas de Álvares de Azevedo*. São Paulo: Biblioteca da Academia Paulista de Letras, 1976.

_____. *Obras completas de Álvares de Azevedo*. Org. e anot. Homero Pires. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

_____. *Poesias completas*. Introd. e Anot. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Edição Saraiva / Livraria Acadêmica, 1957.

_____. “Discurso recitado na Sessão Acadêmica Comemoradora do Aniversário da Criação dos Cursos Jurídicos no Brasil” – 14 de agosto de 1849. In: CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que interessam à história do romantismo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura / Comissão de Literatura, 1961. p. 96-105.

_____. “Discurso pronunciado na Sessão da instalação da Sociedade Acadêmica Ensaio-Filosófico” – 9 de maio de 1850. In: CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que interessam à*

história do romantismo. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura / Comissão de Literatura, 1961. p. 105-112.

_____. “Alfredo de Musset – Jacques Rolla – Da descrença em Byron, Shelley, Voltaire, Musset”. In: CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que interessam à história do romantismo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura / Comissão de Literatura, 1961. p. 131-158.

COUSIN, Victor. “Cours d’histoire de la philosophie” In: *Œuvres de Victor Cousin*. Bruxelles : Societé Belge de Libraire, 1840-1841, v.1.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976, p. 132-145.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848: As jornadas revolucionárias em Paris*. Trad. Modesto Florenzano. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *De la démocratie en Amérique*. Paris: Librairie Philosophique Vrin, 1990.

ZALUAR, Augusto E. *Peregrinações pela província de São Paulo (1860-1861)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

BIBLIOGRAFIA CITADA E CONSULTADA

ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

_____. (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

_____. (org.). *Romances em movimentos: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: UNICAMP, 2016.

____ & SHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura Letrada no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

ADORNO, Sérgio. *Os aprendizes do poder (o bacharelismo liberal na política brasileira)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ALVES, Cilaine. *O Belo e o Disforme: Álvares de Azevedo e a Ironia Romântica*. São Paulo: Edusp, 1998.

ALVES, Maria Cláudia Rodrigues. *O Poeta-leitor - Um estudo das epígrafes hugoanas na obra de Álvares de Azevedo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo - Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, São Paulo, 1999.

AZEVEDO, Elizabeth R. *Um palco sob as arcadas: o teatro dos estudantes de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, no século XIX*. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2000.

BARBIER, Frédéric. «Le commerce international de la librairie française au XIX^e siècle (1815-1913)». *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, n. 28: p. 94-117, 1981.

BRESCIANI, M. Stella. *Liberalismo: ideologia e controle social (São Paulo, 1850-1910)*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1979.

____. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*. São Paulo: UNESP, 2005.

BROCA, Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis, 1979.

BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo (Burgo dos estudantes – 1828-1872)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953 / São Paulo: Hucitec, 1991.

CAMILO, Wagner. *Risos entre pares: poesia e humor românticos*. São Paulo: Edusp, 1997.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira – Momentos decisivos 1750-1880*. 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

_____. *Literatura e Sociedade*. 8 ed. São Paulo: Publifolha, 2000. (Coleção Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).

CANO, Jefferson. “Áticos e beócios na República das Letras: aspectos da opinião pública no Rio de Janeiro (1836-1837). *Cadernos Arquivo Edgar Leuenroth (Unicamp)*, Campinas, v. 09, b. 16/17, p. 15-52, 2003.

CARAMORI, Leonardo. *A biblioteca da Escola Politécnica de São Paulo e seus acervos de engenharia civil e arquitetura entre 1894 e 1928*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.

CARPEAUX, Otto Maria. *O Romantismo por Carpeaux*. São Paulo: Leya, 2012. (História da Literatura Ocidental, v. 6).

CASTELLO, José Aderaldo (org.). *Textos que interessam à história do romantismo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura / Comissão de Literatura, s/d.

CHARTIER, Roger. (org.). *Práticas da leitura*. Trad. Cristine Nascimento. 5 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

_____. *Origens Culturais da Revolução Francesa*. Trad. George Schlesinger. São Paulo: UNESP, 2009.

COOPER-RICHET, Diana & MOLLIER, Jean-Yves (dirs.). *Le Commerce Transatlantique de Librairie*. Campinas: UNICAMP / Publicações IEL, 2012.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette – mídia, cultura e revolução*. Trad. Denise Bottann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista*. São Paulo: Edusp / Fapesp, 2011.

_____. *Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: SENAC, 2002.

_____. “Anatole Louis Garraux e o comércio de livros franceses em São Paulo (1860-1890). *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 28, n. 55, pp. 85-106, junho de 2008.

_____. “Os Catálogos da Livraria Garraux na Cidade de São Paulo”, *Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. Publicação do acervo online, s/d, disponível em <<http://www.usp.br/nel/acervo.html>>. Último acesso em 24 de julho de 2018.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. “As ideias estão no lugar”. *Cadernos de Debate*. São Paulo: Brasiliense, 1976, n. 1, p. 61-64.

FREITAS, Marcus Vinicius de. *Contradições da Modernidade: O Jornal Aurora Brasileira (1873-1875)*. Campinas: UNICAMP, 2011.

GARMES, Hélder. *O Romantismo Paulista: Os Ensaios Literários e o periodismo acadêmico de 1833 a 1860*. São Paulo: Alameda, 2006.

HABERMAS, Jürgen. *L'espace public: archéologie de la publicité comme dimension constitutive de la société burgeoise*. Paris: Payot, 1978.

HADDAD, Jamil Almansur. *Álvares de Azevedo, a Maçonaria e a Dança*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura / Comissão de Literatura, 1960.

HARDMAN, Francisco Foot. *A vingança de Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: UNESP, 2009.

_____. “Algumas fantasias de Brasil: o modernismo paulista e a nova naturalidade da nação”. In: DECCA, Edgar de (Org.). *Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas / Porto Alegre: UNICAMP / UFRGS, 2000, p. 317-332.

_____. “Memória, Ruínas e Imaginação Utópica: sobre algumas raízes românticas da modernidade no Brasil”. *Anos 90 (UFRGS)*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 145-159, 1993.

_____. (org.). *Morte e Progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo: UNESP, 1998.

HALLEWEL, Laurence. *O Livro no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2005.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Trad. M. C. Paoli & A. M Quirino. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

_____ & RANGER, Terence. *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Prefácio de Antônio Cândido. 6 ed. comemorativa. Rio de Janeiro: José Olympio / Instituto Nacional do Livro, 1971.

LYONS, Martin. *Le Triomphe du Livre*. Une histoire sociologique de la lecture dans la France du XIX^e siècle. Paris: Promodis, 1987.

LÖWY, Michael. *Romantismo e messianismo: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin*. Trad. Myriam V. Baptista & Magdalena P. Baptista. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MARTINS, Ana Luiza. *Gabinetes de Leitura: Cidades, Livros e Leituras na Província Paulista*. São Paulo: Edusp, 2015.

_____ & BARBUY, Heloísa. *Arcadas: História da Faculdade de Direito do Largo São Francisco*. São Paulo: Alternativa, 1999.

_____ & LUCA, Tania Regina de. (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. 2 ed. 2 reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *As mil faces de um herói canalha*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

_____. (org.). *Do Almanak aos Almanques*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2001.

MOLLIER, Jean-Yves. *O dinheiro e as letras: história do capitalismo editorial*. Trad. Kátia A. F. de Camargo. São Paulo: Edusp, 2010.

MONTOIA, A. E. R. *Espaço urbano e política: São Paulo no século XIX*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1990.

MOREL, Marco. *As Transformações dos Espaços Públicos: Imprensa, Atores Políticos e Sociabilidade na Cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.

MORSE, Richard. *São Paulo: raízes oitocentistas da metrópole*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1950.

NAXARA, Márcia & CAMILOTTI, Virgínia (orgs.). *Conceitos e linguagens: construções identitárias*. São Paulo: Intermeios / Capes, 2013.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. São Paulo, 2012.

PALTI, Elías J. *El tempo de la política. El siglo XIX reconsiderado*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007.

PEDRO, Carina Marcondes Ferreira. *Casas Importadoras de Santos e seus Agentes: comércio e cultura material (1870-1900)*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2010.

PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo – A cidade no Império (1823-1889)*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil* – Ensaio sobre a tristeza brasileira. Org. Carlos A. Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

RICUPERO, Bernardo. *O Romantismo e a Ideia de Nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. “O lugar das ideias: Roberto Schwarz e seus críticos”. *Sociologia & Antropologia*. Rio de Janeiro. Novembro, 2013, pp. 525-556.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1999.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 6 ed. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2012.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 4 ed. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, p. 2000.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A Capital da Solidão: Uma história de São Paulo das origens a 1900*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

ANEXOS

LEVANTAMENTO NO *CATÁLOGO DA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO EM 1887*: PREFÁCIO E OBRAS

PREFACIO

Esse catalogo, que, depois de revisto e corrigido pelo Lente da Faculdade, Dr. José Rubino de Oliveira, acaba de ser impresso sob a sua inspecção, foi organizado, em observância do art. 217 dos Estatutos, por Fernando Mendes de Almeida, quando bibliothecario, e por elle apresentado em 1884, com a colaboração do seu ajudante João Martins da Silva, que foi tambem auxiliar na revisão e impressão.

De conformidade com o methodo de Brunet, os livros de que se compõe a bibliotheca, já estragados em grande parte, foram distribuídos em cinco classes, na seguinte ordem:

- 1ª Theologia, contendo 751 escriptos, ou obras diversas;
- 2ª Jurisprudência, contendo 1018;
- 3ª Sciencias e Artes, contendo 1100;
- 4ª Bellas-Artes, contendo 510;
- 5ª Historia e Geographia, contendo 1237.

Por essa simples enumeração se manifesta que a bibliotheca, formada sem gosto e sem escolha, com as livrarias dos frades Franciscanos, do bispo da Ilha da Madeira, D. Luiz Rodrigues Villares, do bispo de S. Paulo, D. Matheus de Abreu Pereira, e mais com os legados de 700 volumes pelo primeiro director o Tenente-General Arouche, e de 295 pelo desembargador Manoel da Cunha de Azevedo Coutinho Souza Chichorro, e com outras doações de menos importância, continúa, apesar da posterior aquisição de algumas obras, a permanecer no mesmo estado de pobreza, em que se achava em 1881, quando o director de então, conselheiro Vicente Pires da Motta, que por muito tempo tinha sido Lente da Faculdade, assim se exprimia a seu respeito:

“A bibliotheca é pobrissima de obras novas, e não póde ministrar auxilio para se acompanhar ao progresso e desenvolvimento que diariamente apresentam as sciencias juridicas: carece dos autores mais notaveis, e nem sequer possui algumas das innumeradas revistas, que se publicam no estrangeiro.”

Na realidade, é digno de se lamentar que, estando a bibliotheca em um edificio com vastas accomodações para salas de leitura, com entrada independente, de modo a poder se visitada a qualquer hora, não se a enriqueça de obras novas e importantes, que a elevem ao nivel do desenvolvimento actual das sciencias; melhorando-se-lhe ao mesmo tempo o serviço em vantagem para a Faculdade e para esta capital, que ainda não possui uma bibliotheca publica!

Sóbe de ponto o reparo, quando se considera que, pertecendo a mesma bibliotheca á uma Faculdade, onde se dá o ensino sobre as sciencias sociaes e juridicas, a classe – Jurisprudencia – que para este estabelecimento devêra ser a mais rica, seja entretanto menos abundante do que a de Historia e Geographia e a de Sciencias e Artes.

E, porém, de esperar-se que semelhante estado de penúria e atrazo, em que se acha a bibliotheca, venha em breve a desaparecer, si o actual Sr. Ministro do Imperio, em cujo espirito esclarecido póde pesar mais esta simples exposição, do que longas considerações, voltar para Ella a sua attenção, e quizer pôl-a em condições de attingir ao fim a que é destinada.

A. A. de Padua Fleury
São Paulo, 11 de agosto de 1887.

3. Terceira Classe: Sciencias e Artes

3.1. Sciencias Philosophicas

3.1.1. Introdução, Historia e Dicionarios

Voltaire. *Dictionnaire philosophique*. Édition stéréotype d'après le procédé de Firmin Didot. Paris. 1816, in 12, encad. 14 vols.

3.1.5. Moral

Montaigne. *Essais*. Nouvelle édition. Paris: Chez Lefèvre, 1818, in 8°, encad. 1 vol.

Montaigne. *Essais avec notes de tous des commentateurs*. Édition revue les textes originaux. Paris: Chez Firmin Didot Frères et Comp. 1836, in 4°, encad. 1 vol.

Montaigne. *IDEM*. Nouvelle édition précédée d'une lettre de M. Villemain, sur l'éloge de Montaigne par P. Christian. Paris: Lavigne Libraire éditeur, 1843, in 8°, encad. 1 vol.

La Rochefoucauld. *Les pensées, maximes et réflexions Morales*. Avec des remarques et notes critiques, Morales, politiques et historiques sur chacune des ces pensées, par Amelot de la Houssaye et l'Abbé de la Roche et des maximes chrétiennes par Madame de la Sablière. Paris: Chez Veuve Savoye, 1777, in 12, encad. 1 vol.

La Rochefoucauld. *Maximes et réflexions Morales*. Édition stéréotype. Paris: Chez P. Didot l'aîné, in 18, broch. 1 vol.

3.3.6. Aplicações da Moral

3.3.6.A. Economia

3.3.6.A.b. Instrução Pública e Pedagogia

J. J. Rousseau. *Émile, ou de l'éducation*. Paris : Librairie de Firmin Didot Frères, 1844, in 12, encad.

3.3.6.B. Política

Bousset. *Politique tirée des propres paroles de l'Écriture Sainte*. Ouvrage posthume. Troisième édition, revue et corrigée. Paris : Chez Jean Mariette, 1714, in 12, encad. 2 vols.

Burke. *Extractos das obras politicas e economicas*. Traduzidos do Inglez por José da Silva Lisboa. Rio de Janeiro: Imprensa Regia, 1812, in 4°, broch. 1 vols.

Condorcet. *Bibliothèque de l'homme public ou analyse raisonnée des principaux ouvrages français et étrangers, sur la politique en général, la législation, les finances, la police, l'agriculture, et le commerce en particulier et sur le droit naturel et public*, rédigée par l'Abbé Ballestrier. Paris : Chez Buisson. 1790-1792, in 8°, encad. 13 vols.

Paine. *Recueil des divers écrit sur la politique et la législation*. Faisant suite aux autres ouvrages du même auteurs, intitulés : *Les droits de l'homme, et les sens commun*. Traduit de l'anglais. Paris : Chez F. Buisson, imprimeur-libraire. 1793, in 8°, enca. 1 vol.

J. J. Rousseau. *Du Contract social ou principes du Droit Politique*. Paris : Chez Caille et Ravier libraires. 1816, in 16, encad. 1 vol.

J. J. Rousseau. *Oeuvres Politiques*. Ornée de figures. Paris : Chez Mme. Veuve Lepetit libraire, 1821, in 16, encad. 1 vol.

Tocqueville. *De la démocratie en Amérique*. Troisième édition revue, corrigée et augmentée d'un examen comparatif de la démocratie aux États-Unis et en Suisse, et d'un appendice. Paris : Pagnerre, 1850, in 8°, encad. 2 vols.

3.3.6.C. Política e Administração Brasileira

Alencar. *O Systema representativo*. Rio de Janeiro : Typographia Alliança, 1868, in 8°, encad. 1 vol.

3.3.4. Ciências Naturaes – Zoologia ou historia natural dos animaes

Darwin. *La descendance de l'homme et la selection sexuelle*. Traduit de l'anglais, par J. J. Moulinié. Deuxième édition anglaise par M. E. Barbier. Preface par Carl. Vogt. Paris : Reinwald & Comp. Libraires-éditeurs, 1873-1874, in 8°, encad. 2 vols.

3.4.4. Ciências Medicas – Physiologia

Darwin. *L'expression des émotions chez l'homme et les animaux*. Traduit de l'anglais par les Docteurs Samuel Pozzi et René Benoit. Paris : Reinward et Comp. Libraires-éditeurs, 1874, in 8°, encad.

3.7. Artes

Hegel. *Esthétique*. Traduction française. Deuxième édition par Ch. Bénard, Docteur en lettres, ancien professeur de philosophie dans les lycées de Paris etc. Ouvrage couronné par l'Académie Française. Paris : Imp. M. et P. E. Charaire, 1875, in 4°, encad. 2 vol.

4. Quarta Classe: Bellas Lettras

4.2. Rhetorica

4.2.2. Rhetoricos gregos e latinos

Quintiliano. *Instituições oratorias*, escolhidos dos seus XII livros; traduzidas em linguagem, e ilustradas com notas criticas, historicas e rhetoricas para uso dos que apreendem, por Jeronýmo Soares Barbosa, Professor de eloquência e Poesia em a Universidade de Coimbra. Segunda edição correcta e emendada. Paris: Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud, 1836, in 8°, encad. 2 vols.

Quintilianus. *Institutionum oratoriarum*. Olissipone: Apud Michaellem Rodriguezium 1759-1760, in 4°, encad. 2 vols.

4.2.x. Oradores

4.2.x.1. Oradores gregos e latinos

Cicero. *Orationes selectae* ad usum scholarum Lusitanarum jussu Josephi I. Regis Fidelissimi. Editae et secum dum Josephi Oliveti etitionem emendatae. Olissipone: Apud Michaellem Manescalium Costium, 1766, in 12, encad. 1 vol.

Cicero. *Ibidem*. Olissipone: Ex Typographia Regia 1827, in 12, encad. 12 vols.

Cicero. *Ibidem*. Editio nova ac correctior. Olissipone: Ex Typographia Nacional, 1857, in 12, encad. 1 vol.

Cicero. *Orationes selectae*. Edition classique précédée d'un notice littéraire par D. Turnèbe. Paris: Imprimerie et Librairie classique de Jules Delalain et Fils, 1867, in 12, encad. 1 vol.

4.3 Poesia

4.3.2. Poetas gregos e latinos

Homerus. *Ilias graece et latine*. Londini: Typis Guiliiel, Botham imprensus Jacobi et Joannis Knapton in Coemetrio D. Pauli, 1729-1732, in 4°, encad. 2 vols.

Homerus. *Odyssea graece et latine*. Londini: Impensis Johannis et Pauli Knapton, 1740, in 4°, encad. 2 vols.

Homerus. *Opera omnia graece et latine*. Juxta editionem emendatissiman et accuratissiman Samuelis Clarke. Amstelaedami: Apud Viduam Brocas, 1747, in 12, encad. 2 vols.

Homerus. *Opera quae extant omnia graece et latine*. Parisiis: Apud Vidyam Brocas, 1747, in 12, encad. 2 vols.

Homerus. *Odyssea latinis*. Venetiis: Excudebat Hoeredes Balleonii, 1783-1784, in 8°, encad. 3 vols.

Homère. *L'Odyssée*, traduit en vers avec des remarques; suivie d'une dissertation sur les voyages d'Ulysse; para M. Rochefort, de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. Paris: Chez Brunet Libraire, 1777, in 8°, encad. 2 vols.

Homère. *L'Iliade*, avec des remarques. Précédée de reflexions sur la traduction des Poètes, par. M. Bitaubé. Troisième édition. Tome premier. Lyon: Chez Bruyset Aîné et Comp. 1789, in 16, encad. 1 vol.

Homère. *Iliade et Odyssée*. Traduction nouvelle, accompagnée de notes, d'explications et de commentaires, et précédée d'une introduction para Eugène Bareste, illustrée par MM. A. Titeux et A. de Lenund. Paris: Lavigne libraire-éditeur, 1842-1843, in 4°, encad. 2 vols.

Horace. *Oeuvres completes*. Traduites en vers par P. Antoine Noël Daru de l'Académie Française. Nouvelle édition corrige. Paris: Chez Janet et Cotelte Libraires de l'imprimerie de P. Didot l'Aîné, 1816, in 8°, encad. 2 vols.

Horacio. *Arte poetica*. Traduzida e illustrada em portuguez, por Candido Luzitano. Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1785, in 4, encad. 1 vol.

Ovide. *Les métamorphoses* traduites en vers français, avec le texte à côté para Monsieur L. de M***. Ouvrage dédié à San Majesté le Roi de Prusse. Paris: Chez Cuchet Nyon Libraires, 1784, in 8°, encad. 3 vols.

Ovide. *OEuvres*. Traduction nouvelle par Monsieur de Martignac. Lyon: Chez Horace Molin, 1697, in 12, encad. 1 vol.

Pindare. *Les Odes pythiques*. Traduites, avec des remarques, par M. Chabanon, de l'Académie Royale des Inscriptions et Belles-Lettres et de l'Académie de Lyon. Paris: Chez Lacombe Libraire, 1801, in 8°, encad. 1 vol.

Virgilius Maro. *Opera*. Nouvelle édition publiée avec des arguments et des notes en français par E. Sommer agrégé des classes superieures, docteur en lettres. Paris: Libraire de L. Hachette et Comp. 1867, in 8°, encad. 1 vol.

Virgilio Maro. *Eneida Brasileira*, ou tradução poetica da epopéa, por Manuel Odorico Mendes. Paris: Typographia de Rignoux, 1854, in 8º, encad. 6 vols.

4.3.4. Poetas diversos.

Luiz de Camões. *Lusiada*, poema epico, com os argumentos de João Francisco Barreto, illustrado com varias, e breves notas, e com um precedente aparato de que lhe pertence, por Ignacio Garcêz Ferreira. Napoles: Officina Pariniana, 1731, in 4º, encad. 1 vol.

Luiz de Camões. *Lusiada*. Nova edição popular, conforme as edições classicas de 1572. Lisbôa: Typographia de F. X. de Souza et Filho, 1870, in 16, encad. 5 vols.

Luiz de Camões. *Lusiada*. Edição publicada pelo Dr. Abilio Cesar Borges, para uso das escolas brasileiras, na qual se acham suppressas todas as Estancias que não devem ser lidas pelos meninos. Bruxellas: Typographia e lithographia E. Guyot, 1879, in 12, cart. 4 vols.

Luiz de Camões. *Lusiada*. Edição consagrada á commemorar o 3º Centenario do poeta da nacionalidade Portugueza, pelo Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro. Lisbôa: Officina de Castro Irmão, 1880, in 4º, encad. 1 vol.

Luiz de Camões. *Obras completas*, correctas e emendadas pelo cuidado e deligencia de J. V. B. Feio e J. C. Monteiro. Hamburgo: Officina Typographica de Langhoff, 1834, in 8º, encad. 3 vols.

Dante Alighiere. *La Divina Commedia*. Parigi: Appresso Marcello Prantt, 1768, in 12, encad. 1 vol.

Dante Alighiere. *La Divine Comédie*. Traduite en français par M. Le Chevalier Artaud de Montor. Troisième édition. Paris: Libraire de Firmin Didot Frères, 1846, in 8º, encad. 1 vol.

Garrett. *Camões*. Prefaciado por Camillo Castello Branco. 7ª edição. Porto: Ernestp Chardron, editor. 1880, in 12, encad. 4 vol.

La Fontaine. *OEuvres completes*. Tome troizième. *OEuvres diverses*. Paris: Chez A. Nepveu Libraire, 1820, in 16, encad. 1 vol.

La Fontaine. *Fables – Troyes*. Imprimerier de Sainton, in 16, encad. 1 vol.

La Fontaine. *Fables choisies*, mises en vers. Tome troisième. Bouillon: Aux dépens de la société typographiques, 1777, in 8º, encad. 7 vols.

Lamartine. *Jocelyn*. épisode, journal trouvé chez un curé de campagne. Paris: Furni Jouvét et Comp. et autres éditeurs. 1866, in 4º, encad. 1 vol.

Petrarca. *Rime*. Bassano: Nella Tipografia Guseppe Remondini e Figlia, 1814, in 12, encad. 1 vol.

Manoel d'Araujo Porto-Alegre. *Brasilianas*. Vienna: Imperial e Real Typographia, 1863, in 12, encad. 1 vol.

Manoel d'Araujo Porto-Alegre. *Colombo*, poema. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1866, in 8º, encad. 2 vols.

Voltaire. *La Henriade* (poème). Édition stéréotype d'après le procédé de Firmin Didot. Paris: Chez Fortin, Masson et Comp. Libraires, et Barrani et Droz Libraires, 1840, in 12, encad. 2 vols.

Voltaire. *Poèmes et discours en vers, contes en vers, satyres et poésies mêlées*, in 12, encad. 2 vols.

4.3x. Poesia (2ª parte)

4.3x.y. Poesia dramática

4.3.x.y.1. Poetas dramaticos gregos e latinos

Aristophane. *Comedies*. Traduction nouvelle avec une introduction et des notes par C. Poyard, professeur au Lycée Napoléon. Paris: Libraire de L. Hachette et Comp. 1860, in 8º, encad. 1 vol.

Sophocle. *Théâtre complet*, suivi des fragments de ses drames perdus, traduction nouvelle en vers français par Théodore Guiard, professeur de seconde au Lycée Charlemagne. Paris: Dezobry et E. Magdeleine lib. editores, 1852, in 8º, encad. 1 vol.

4.3.x.y.2. Peças de Theatro

Corneille. *Théâtre*. Avec des commentaires, et autres morceaux intéressants par Voltaire. (Sem indicação de lugar e impressor), 1765, in 8º, encad. 12 vols.

Corneille. *Chefs-d'oeuvre*. Édition stéréotype d'après le procédé de Firmin Didot. Paris: De l'Imprimerie et de la Fonderie stéréotypes de Pierre Didot l'aîné, et de Firmin Didot, 1800, in 18, encad. 1 vol.

Corneille. *OEuvres complètes*. Suivies des oeuvres choisies de Thomas Corneille, avec des notes de tous les commentateurs. Paris: Chez Firmin Didot Frères Libraires, 1840-1843, in 4º, encad. 2 vols.

J. W. Goethe. *Iphigénie en Tauride*, pièce en cinq actes. Traduite en vers français et précédée d'une étude sur Goethe. Deuxième édition. Paris: Sandoz et Fischbacher éditeurs, 1874, in 18, broch. 1 vol.

Molière. *OEuvres*. Avec de remarques gramaticales, des avertissements et des observations sur chaque pièce, par M. Bret. Paris: Par la Compagnie des Libraires Associés, 1788, in 8º, encad. 1 vol.

- Molière. *OEuvres complètes*. Avec des notes de tous les commentateurs. Paris: Chez Firmin Didot Frères Libraires, 1843, in 4°, encad. 1 vol.
- Racine. *OEuvres*. Paris: Chez Charpart, Caille et Ravier Libraires. 1805, in 18, encad. 1 vol.
- Racine. *Britanico*, tragedia em cinco actos, original francez em verso alecandrino, vertido para o portuguez em metro endecassylabo por José Caetano da Silva Costa, etc. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1867, in 8°, broch. 1 vol.
- Racine. *OEuvres précédées des mémoires sur sa vie* par Louis Racine. Paris: Chez Firmin Didot Frères Libraires, 1864, in 4°, encad. 1 vol.
- Voltaire. *Théâtre*. Augmenté des deux pièces qui ne se trouvent pas dans les éditions précédentes. Londres (Sem indicação do impressor), 1782, in 16, encad. 7 vols.

4.3. Ficções em prosa

- Chateaubriand. *Os martyres ou triumpho da religião christã*, poema. Tradusido em versos portuguezes por Francisco Manoel Nascimento, etc. Com o retrato do traductor, tomo I. Paris: Casa de Rey e Gravier, 1816, in 8°, encad. 1 vol.
- Chateaubriand. *Les martyres*, suivi des remarques. Paris: Libraire de Firmin Didot Frères, 1845, in 8°, encad. 1 vol.
- Fénélon. *Les aventures de Télémaque, fils d'Ulysse*. Nouvelle édition, ornée de treize gravures. Paris: A la Librairie de J. P. Aillaud, 1742, in 12, encad. 1 vol.
- Fénélon. *Les aventures de Télémaque, fils d'Ulysse*. Suives du recueil des fables composées pour l'éducation de Monseigneur de Duc de Bourgogne. Paris: Libraire de Firmin Didot Frères, 1845, in 8°, encad. 1 vol.
- Fénélon. *Les aventures de Télémaque, fils d'Ulysse*. Nouvelle édition augmentée. Aventures d'Aristonoüs. Paris: Garnier Frères Libraires, 1851, in 12, encad. 1 vol.
- Fénélon. *The adventures of Telemachus, the son of Ulysses*, in 12, encad. 1 vol.
- Alexandre Herculano. *Lendas e narrativas*, quinta edição. Lisboa: Viuva Beltrand & Comp. 1882, in 12, encad. 6 vols.
- Historia do imperador Carlos Magno e dos dose pares de França*. tradusida do castelhano em portuguez, com mais elegancia para nossa língua, por Jerônimo Moreira de Carvalho, etc. (dividida em cinco livros). Lisboa: Imprensa de F. X. de Souza e Filho), in 12, encad. 1 vol.
- Jean Jacques Rousseau. *La nouvelle Heloise, ou Lettres de deux amants, habitants d'une petite ville au pied des Alpes; Recueillies et publiées*. Nouvelle édition, augmentée de morceaux tirés des mémoires ou lettres de Rousseau, ainsi que de notes sur la nouvelle Heloise. Paris: Chez Crapart Caile et Ravier Libraires, 1802, in 8°, encad. 7 vols.
- Frédéric Soulié. *Six mois de correspondance. Diane et Louise*. Paris: Hippolyte Souverain éditeur, 1839, in 18, encad. 2 vols.

4.4. Philologia

- Batteux. *Principes de Littérature*. Nouvelle édition, revue avec soin, et précédée d'une notice historique sur la vie de l'auteur. Paris: Bellavoine, libraire. 1824, in 12, encad. 6 vols.
- Camilo Castello Branco. *Curso de litteratura portugueza*. Continuação e complemento do curso de litteratura portuguesa por José Maria de Andrade Ferreira. Lisboa: Livraria editora de Mattos Moreira & Comp. 1876, in 8°, encad. 1 vol.

4.7. Epistolares

4.7.3. Epistolares diversos

- Marquise de Sévigné. *Lettres de sa famille et des ses amis*, précédées d'une notice par Charles Nodier Membre de l'Académie Française, Chevalier de la Legion d'Honneur, et Bibliothécaire de l'Arsenal. Nouvelle édition. Paris: Lavigne Chamerot libraire, 1836, in 4°, encad. 2 vols.
- P. Antonio Vieira. *Cartas*. Tomo II. Lisboa Occidental: Offina da Congregação do Oratorio, 1735, in 4°, encad. 1 vol.
- P. Antonio Vieira. *Cartas selectas*, precedidas d'um epitome da sua vida, e seguidas d'um indice analytico dos assumptos e materias; offerecidas à mocidade portuguesa e brasileira. Paris: Em casa de V. J. P. A. Moulon e Comp. 1856, in 12, encad. 5 vols.

4.8. Polygraphia

4.8.1. Polygraphos diversos

- D'Alembert. *Mélanges de littérature, d'histoire et de philosophie*. Amsterdam: Chez Zacharie Chatelain & Fils Imprimeurs-libraires, 1767, in 12, encad. 2 vols.
- Almeida Garrett. Obras contendo: *Theatro*. 3ª, 4ª e 6ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional, 1868-1880. 6 vols; *Versos*. Lisboa e Porto: Editores diversos, 1860-1880. 8 vols. *Prosa*. Lisboa e Porto: Imprensa Nacional e viúva Morêt editora, 1867-1877. 8 vols, in 12, encad. 22 vols.
- Bousset. *Oeuvres*. Paris : Chez Firmin Didot Frères libraires. 1841, in 4, encad. 4 vols.
- Chateaubriand. *Oeuvres complètes*. 2 vols.
- Chateaubriand. *Morceaux choisis*. Précédées d'une notice littéraire et historique par. A. Didier, professeur de rhétorique au Lycée Napoléon. Nouvelle édition. Paris: Imprimerie et Librairie Classiques de Jules Delalain et Fils, 1867, in 12, encad. 1 vol.
- Chateaubriand. *Oeuvres complètes*. Augmentées d'un essai sur la vie et les ouvrages de l'auteur. Paris: Chez Firmin Didot Frères Libraires, 1842, in 4º, encad. 5 vols.
- Diderot. *Oeuvres choisies*, précédées de sa vie para M. F. Génin, etc. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1847, in 12, broch. 2 vols.
- Fénélon. *Oeuvres*. Précédées d'études sur sa vie, par Aimé-Martin. Paris: Chez Firmin Didot Frères Libraires, 1843, in 4º, encad. 3 vols.
- Fénélon. *Oeuvres*. Précédés d'études sur sa vie, par Aimé Martin. 3 vols.
- Lesage. *Oeuvres choisies*. Avec figures. Amsterdam: H. Serpente, 1783, in 8º, encad. 12 vols.
- Lesage. *Oeuvres*. Nouvelle édition ornée de 7 vignettes gravées par Ferdinand, d'après les dessins de Nap. Thomas. Précédée d'une notice biographique et littéraire par M. Prosper Poitevin. Paris: Chez Firmin Didot Frères Libraires Imprimeurs, 1845, in 4º, encad. 1 vol.
- La Fontaine. *Oeuvres complètes*. Avec notes, et une notice sur sa vie, par M. C. A. Walckeaër. 1 vol.
- Molière. *Oeuvres*. 1 vol.
- Montaigne. *Oeuvres*. Avec une notice biographique par J. A. C. Buchon. 1 vol.
- Racine. *Oeuvres*. 1 vol.
- Jean Jacques Rousseau. *Oeuvres complètes*, avec des notes historiques. Paris: Chez Furne et Comp., libraires-éditeurs, 1837-1838, in 4º, encad. 4 vols.
- Voltaire. *Oeuvres complètes*. Avec des notes et une notice historique sur l'avie de Voltaire. Paris: Chez Furne, libraire-éditeur, Auguste Desrez Imprimeur-éditeur, 1835-1838, in 4º, encad. 85 vols.

5. Quinta Classe: Historia e Geographia

5.1. Prolegomenos Historicos

5.1.2. Geographia

5.1.2.E. Geographia e chorographia do Brazil

- Macedo. *Noções de Chorographia do Brazil*. Rio de Janeiro: Typ. Franco-Americana, 1873, in 18, encad. 2 exemplares.

5.2. Historia Universal, Antiga e Moderna

5.2.1. Antigas chronicas geraes, tratados sobre historia universal

- Bousset. *Discours sur l'histoire Universelle*. Edition conforme a celle de 1700, troisième et dernière édition revue par l'auteur. Paris : Librairie de Firmin Didot Frères Imprimeur, 1845, in 8º, encad. 1 vol.
- Bousset. *Discurso sobre a Historia Universal*, ao Serenissimo Senhor Delfim. Para explicar a continuação da Religião, e as mudanças dos Imperios, etc. Lisboa: Na officina de Manuel Antonio, 1772, in 12, encad. 2 vols.

5.3. Historia das Religiões e das Superstições

5.3.1. Historia geral das religiões

- Brunet. *Parallèle des religions*. Paris: Chez Knapen, 1792, in 4º, encad. 5 vols.
- Comte. *Circulares*. Traduzidas pelo Dr. Joaquim R. de Mendonça. São Paulo: Typ. da Província, 1880, in 12, broch. 1 vol.

5.3.1.M. Historia geral e particular das heresias e dos seismas

Bousset. *Histoire des variations des Eglises protestants*. Avertissements aux protestants et introductions pastoreles sur les promesses de J. C. à son Église. Paris : De l'Imprimerie de L. Cellot, 1770, in 12, encad. 5 vols.

5.6. Historia Moderna – Europa

5.6.1. Generalidades

Guizot. *Histoire de la civilisation en Europe depuis la chute de l'empire Roman, jusqu'à la revolution française*. Treizième édition. Paris : Editeurs Didier et Cie. 1873, in 8°, encad. 1 vol.

Guizot. *Histoire des origines du gouvernement representatif en Europe*. Paris : Didier Libraire-Editeur, 1851-1855, in 4°, encad. 2 vols.

5.6.1. Historia da França

Durand de Maillane. *Histoire de la Convention nationale ou collection des mémoires relatifs à la Révolution Française*. Suive d'un fragment historique sur le 31 Mai, par le Comte Lanjuinais, Pair de France. Paris : Baudouin Frères Libraires, 1825, in 8°, encad. 1 vol.

Fain. *Manuscrit de 1813, contenant le précis des évènements de cette année, pour servir à l'histoire de l'Empereur Napoléon*. Deuxième édition etc. Paris : Imprimerie de Fain, 1825, in 8°, encad. 2 vols.

Ferrières. *Collection des mémoires relatifs à la Révolutions Française (1789)*. Avec une notice sur sa vie, des notes et des éclaircissements historiques par M. M. Berville et Barrière. Deuxième édition. Paris : Baudouin Frères Imprimeurs-Libraires, 1822, in 8°, encad. 3 vols.

Guizot. *Collection des mémoires relatifs à l'histoire de France, depuis la fondation de la monarchie française jusqu'au 13.^e siècle*. Avec une introduction, des suppléments, des notices et des notes. Paris : J. L. L. Brière Libraire, 1824-1834, in 8°, encad. 27 vols.

HISTOIRE de Bonaparte, Premier Consul de la République Française, depuis sa naissance jusqu'à l'an XI. Suivi de ses actions remarquables, réponses et traits sublimes, avec les anecdotes relatives à ses différentes Campagnes. Quatrième édition. Paris : Chez Barba Libraire, 1803-1804, in 12, encad. 4 vols.

INTINENAIRE de Bonaparte de l'Ile d'Elbe à l'Ile Sainte-Hélène ou memoires pour servir à l'histoire de la seconde usurpation, avec le recueil des principales pièces officielles de cette époque. Deuxième édition considérablement augmenté. On y a joint la lettre de Bonaparte au Gouverneur de Sainte-Hélène, la refutation de cette pièce par le ministère anglais, et l'examen d'un ouvrage intitulé Manuscrit Venu de Sainte-Hélène, d'une manière inconnue. Paris : Chez Le Normant Imprimeur, 1817, in 8°, encad. 2 vols.

Janet. *Philosophie de la révolution française*. Paris : Libraire Germer-Baillière, 1875, in 8°, encad. 1 vol.

Lamartine. *Histoire des Girondins*. Édition illustrée, publiée par l'auteur. Paris : Armand Le Chevalier Libraire-éditeur, in 4°, encad. 3 vols. (sd)

Prudhomme. *Revolutions de Paris*, dédiées a la nation et au district des petits Augustins. Publiées à l'époque du 12 Juillet 1789. Avec gravures et cartes des Départements du Royaume. Paris : De l'Imprimerie de Prudhomme, 1789-1794, in 8°, encad. 17 vols.

Roland. *Collection des mémoires relatifs a la Révolution Française*. Avec une notice sur sa vie des notes et des éclaircissement historiques par MM. Berville et Barrière. Deuxième édition. Paris : Baudouin Frères Imprimeurs-Libraires, 1821, in 4°, encad, 2 vols.

Séjur. *Histoire de Napoléon et de la Grande-Armée pendant l'année 1812*. 7^e édition. Paris : Baudouin Frères Éditeurs, 1825, in 16, encad. 2 vols.

Voltaire. *Siècles de Louis XIV et de Louis XV*. Édition stéréotype. Paris : De l'Imprimerie et de la Fonderie stéréotypes de Pierre Didot, 1815, in 18, encad. 5 vols.

5.6.9. Historia da Grã-Bretanha e Irlanda

Guizot. *Histoire de la révolution d'Angleterre, depuis l'avènement de Charles I, jusqu'à la restauration de Charles II*. Paris : A Laroux et C. Chautpie Editeurs, 1826, in 8°, encad. 1 vol.

5.6.10. Historia da Scandinavia

Voltaire. *Histoire de Charles XII, Roi de Suède*. Édition stéréotype. Paris : De l'imprimerie de Pierre Didot l'aîné, 1816, in 16, broch. 1 vol.

Voltaire. *Morceaux choisis*. Rio de Janeiro: Livraria de Nicolau Alves, 1883, in 16, cart. 5 vols.

5.6.11. Historia da Russia

Voltaire. *Histoire de l'Empire de Russie sous Pierre le Grand*. Édition stéréotype. Paris : De l'Imprimerie de Pierre Didot l'aîné, 1815, in 16, broch. 2 vols.

5.6. Historia Moderna – America Meridional

5.6.1. Brazil

Joaquim Manoel Macedo. *Lições de historia do Brazil para uso das escolas de instrucção primaria*, obra adaptada pelo Conselho superior da Instrucção Publica. Rio de Janeiro: Editor B. L. G. Garnier, in 8°, broch. 1 vol.

5.7. Paralipomenos Historicos

5.7.7. Biographia, especialmente de homens de letras e artistas

5.7.7.c. Collecção de vidas e elogios de homens illustres de diferentes paizes

Jean Jacques Rousseau. *Les Confessions*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1844, in 8°, encad. 1 vol.

Jean Jacques Rousseau. *IDEM*. Londres. 1788, in 12, encad. 1 vol.

5.7.8. Bibliographia

5.7.8.a. Tratados geraes sobre livros e bibliothecas, sua história, deveres dos bibliothecarios, miscelâneas bibliográficas

Brunet. *Manuel du libraire et de l'amateurs des livres*. Cinquième édition originale entièrement refondue et augmentée d'un tiers pour l'auteur. Paris : Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et C. Imprimeurs de l'Institut, 1860-1865, in 4°, encad. 6 vols.

CATALOGO da Bibliotheca da Escola Polytechnica, organizado em 1878, e acompanhado pelo respectivo Regulamento. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1878, in 4°, broch. 1 vol.

CATALOGO dos livros da Bibliotheca Fluminense. Rio de Janeiro: Typ. Thevenet & Comp, 1866, in 8°, encad. 1 vol.

CATALOGO dos livros do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, seguido d'um supplemento das obras entradas no Ganite depois de começada a impressão. Rio de Janeiro: Typ. Commercial de F. de O. Q. Regadas, 1858, in 8°, broch. 1 vol.

CATALOGO dos livros do Gabinete de Leitura Sorocabano em 1876. Sorocaba: Typ. Americana, 1876, in 16, broch. 1 vol.

CATALOGO de livros que vendem por seus justos preços na Lage da Impressão Regia etc. Lisbôa, 1772, in 12, broch. 1 vol.

CATÁLOGOS das seguintes Livrarias:

Garnier. Rio de Janeiro: Typ. Diversas, in 12, broch, 1857-1881.

Garraux & Comp. S. Paulo : Typ. Diversas, in 12, broch. (Collecção). 1 vol.

ENCYCLOPÉDIE methodique ou par ordre de matières; (en forme de Dictionnaire) para la société de gens de lettres, de sevans et d'artistes ; précédée d'une vocabulaire universel, servant de table pour tout l'ouvrage, ornée des portraits de MM. Diderot et Alembert, premiers éditeurs de l'encyclopédie.

5.7.8.x. Jornaes, Revistas e Publicações periodicas

O Acayaba. Jornal scientifico e Litterario, redigido por Academicos. 1ª serie, números 1 á 4. 2ª serie, números 1 e 2. S. Paulo: Typ. da Aurora, 1852-1853, in 4°, broch. 1 vol.

Annaes do Ensaio Academico. Maio e Junho de 1865. S. Paulo: Typ. Litteraria, 1865, in 8°, broch. 1 vol.

Archivo Juridico e litterario, publicação mensal. 1ª serie números 2 á 6, 2ª serie 1 á 3. S. Paulo: Typographias Imparcial e do Ypiranga, 1865-1868, in 4°, broch. 1 vol.

Almanach Litterario de S. Paulo, publicado por José Maria Lisbôa e outros, paras os anos de 1876, 1877. 1879 á 1881, 1884 e 1885. S. Paulo: Typ. da Provincia, 1875-1879, in 12, broch. 7 vols.

Almanach Commercial, mercantil e industrial da província de S. Paulo. organizado e redigido por Marques & Irmão, para o ano de 1857. São Paulo: Typ. Imparcial, 1856, in 12, broch. 1 vol.

Almanach da província de S. Paulo, organizado e publicado por Antonio José Baptista de Lucée e Paulo Delfino da Fonseca, para o anno de 1873. S. Paulo: Typ. do Diário de S. Paulo, 1873, in 4°, encad. 1 vol.

Almanach da cidade de Santos, província de S. Paulo, organizado e publicado pelo segundo e terceiro escriptuarios da Alfandega da mesma cidadã Antonio Martins Fontes e Francisco Alves da Silva. Para o anno de 1871. Santos: Typ. Commercial, 1871, in 12, broch. 1 vol.

- O Bohemio*, revista semanal ilustrada. n^{os} 1 á 12. S. Paulo: Typ. Popular, e Lith. F. Lichtenberger, 1881, in 4^o. 1 vol.
- Cabrião* (Publicação ilustrada). S. Paulo: Typ. Imparcial de Henrique Schoeder, 1866-1867, in 4^o, broch. (De n^o 1 á 37, inclusive 19 á 21, 24, 33, e 36. 1 vol.
- Castro Alves*. Homenagem da Academia de S. Paulo, 10 de Julho de 1881. S. Paulo: Typ. da Gazeta de S. Paulo, 1881, in fol. 1 vol.
- Diabo Coxo*, jornal domingueiro (ilustrado), 1^a serie números 1 á 12, 2^a serie números 1, e 3 á 11. São Paulo: Typ. e Lith. Allemã de Henrique Schroeder, 1864, in 4^o, broch. 1 vol.
- Ensaio Litterarios*. Jornal d'uma associação de Academicos, 1^a serie números 1-1847, 1-1850 (e mais dous números sem frontespicio por onde se verifique serie e data). São Paulo: Typ. do Governo, 1847-1850, in 4^o, broch. 1 vol.
- Ensaio* da sociedade Brasileira. N^o 1, 15 de Outubro de 1859. São Paulo: Typ. Litteraria, in 4^o, broch. 1 vol.
- O Extracto*. Semanario illustrado, n^{os} 2 á 5. S. Paulo: Typ. Seckler e Lith. De Lichtenberger, 1881, in 4^o, broch. 1 vol.
- Exercicios Litterarios* do Club Scientifico. N^{os} 1 e 2, e do 4 á 6. S. Paulo: Typographias Dous de Dezembro, e Imparcial, 1859-1860, in 8^o, broch. 1 vol.
- O Farol Paulistano* de 1827 á 1833. S. Paulo: Typ. de Roa & C. e do Farol Paulistano, in fol, encad. 4 vols.
- Folhinha* do Correio Paulistano para o anno de 1873. S. Paulo: Typ. do Correio Paulistano, 1872, in 16, broch. 1 vol.
- Guayaná*. Jornal scientifico, politico e litterario, redigido por Acadêmicos. Numeros 1 á 5. S. Paulo: Typ. Dous de Dezembro, 1856, in 4^o, broch. 1 vol.
- The Illustrated London News*. Annos de 1884, 1885 e 1886, in fol. broch. 142 vols.
- Illustrirte Zeitung*. Leipund Berlin. Annos de 1885 e 1886, in fol. broch. 106 vols.
- La Ilustracion Española y Americana*. Annos de 1885 e 1886. Madrid: Etablissemento tipográfico, Sucesores de Rivadeneira, 1885-1886, in fol. broch. 93 vols.
- L'Instruction Publique*. Revue des lettres, sciences et arts. Redacteurs en chef-gérant : Alfred Blot. Paris, in 4, annos de 1885 e 1886, broch. 88 vols.
- Ilustração Paulista*, revista bi-mensual illustrada. Numeros 1 á 4 (unicos publicados). S. Paulo: Illustrada e Imprensa na Imperial Lithographia á vapor de Jules Martin, 1881, in fol. broch. 1 vol.
- Imprensa Academica*. Anno 5^o, de n^o 1 á 21. S. Paulo: Typ. Allemã, 1871, in fol. encad. 1 vol.
- O Industrial Paulistano*. Jornal da Sociedade auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes da provincia de S. Paulo. Vol. I, números 1 á 12. S. Paulo: Typ. Litteraria, 1854-1856, in 8^o, broch. 1 vol.
- O Livro*. Jornal de Variedades, dedicado ás familias. Numeros 1 e 2. S. Paulo: Typ. Litteraria, 1860, in 8^o, broch. 1 vol.
- Novo Almanack* de S. Paulo para os anos de 1883 á 1886. Guia administrativo, Commercial e Industrial para as cidades de São Paulo, Santos, Campinas e Rio Claro; acompanhado de uma planta da cidade de S. Paulo. S. Paulo: Editores proprietários Jorge Seckler & Comp. 1882-85, in 8^o, encad. 4 vols.
- O Official Paulista*. 1835 á 1838 (de n^o 65 á 482. S. Paulo: Typ. do Governo, 1835-1838, in 4^o, encad. 5 vols.
- Palestra Academica*. Revista scientifica e litteraria. Publicação mensal. 1^a serie (N. 2). S. Paulo: Typ. Imparcial, 1866, in 8^o, broch. 1 vol.
- Revue des deux mondes* 1836 á 1886. Paris, 1836-1886, in 8^o, encad. 257 vols.
- Revista* da sociedade philomatica, n. 2. S. Paulo: Typ. do Novo Pharol Paulistano, 1803, in 8^o, broch. 1 vol.
- Revista* mensal do Instituto Scientifico, 1 serie n. 1 á 3, 6, 7. 2^a serie ns. 1 e 2. S. Paulo: Typ. Literaria, 1862-1863, in 8^o, broch. 1 vol.
- Revista Mensal* do Ensaio philosophico paulistano. 2^a serie, n. 1, 2, 3, 5; 6^a serie, n. 2, 3, 4; 7^a serie, n. 1; 8^a serie, n. 3; 9^a serie, n. 1 á 4; 10^a serie, n. 1, 2, 3, 4, 5, 6; 11^a serie, n. 1, 3 á 5; 13^a serie, n. 1 á 3; 14^a serie, 1, 2. S. Paulo: Typ. Litteraria, Imparcial e Allemã, 1852-1864, in 4^o, broch. 1 vol.
- Revista* Instituto Poytechnico de S. Paulo. S. Paulo: Typ. de Jorge Seckler, 1876, in 4^o, broch. 2 vols.
- Revista* Ensaio Litterario. N. 1, 2 e 3. S. Paulo: Typ. Allemã, 1871, in 8^o, broch. 1 vol.
- Revista Dramatica*. Publicação Semanal. N. 1 á 22 (Maio á Outubro de 1860). S. Paulo: Typ. Litteraria, 1860, in 4^o, encad. 1 vol.
- Revista* da Associação Tributo ás Letras. N. 1 e 2. 7, 8. S. Paulo: Typ. Imparcial Litteraria, 1863-1866, in 4^o, broch. 1 vol.
- Revista da Associação*. Club Academico. N^o I, anno 1^o, de Outubro de 1863. S. Paulo: Typ. Litteraria, 1863, in 8^o, broch. 1 vol.
- Revista da Academia* de S. Paulo. Jornal scientifico juridico e historico: redigido por Estudantes desta faculdade. S. Paulo: Typ. Dous de Dezembro, 1859, in 12, encad. 1 vol,
- A Sensitiva*. S. Paulo, 1876.
- A Reacção*. S. Paulo, 1877.
- O Ganganelli*. S. Paulo, 1885.

Revista Paulistana. S. Paulo, 1857.
A Chrysalida. S. Paulo, 1869.
A República. S. Paulo, 1881 a 1886.
Tribuna Academica. S. Paulo, 1885.
A Situação. S. Paulo, 1885.
O Liberal. S. Paulo, 1881 a 1885.
O Governista. S. Paulo, 1847, 1848 e 1850.
O Discipulo. S. Paulo, 1883 á 1886.
A Onda. S. Paulo, 1884.
A Ideia. S. Paulo, 1883.
Onze de Agosto. S. Paulo, 1875, 1876 e 1882.
O Recreio. S. Paulo, 1881.
Echo do Professorado. Pindamonhangaba, 1873.
A Sentinella. S. Paulo, 1876 a 1879.
Revista Commercial. Santos, 1854 a 1872.
O Ypiranga. S. Paulo, 1854 a 1857, 1867 a 1869, 1882 a 1883.
Jornal da Tarde. S. Paulo, 1878-1881.
Tribuna Liberal. S. Paulo, 1876 a 1881.
Diário da Manhã. S. Paulo, 1881.
Opinião Conservadora. S. Paulo, 1869 a 1872.
Correio Paulistano. São Paulo, 1854 a 1886.
Diario de S. Paulo. s. Paulo, 1865 a 1878, 1883 a 1885.
Provincia de S. Paulo. S. Paulo, 1875 a 1886.
A Redempção. S. Paulo, 1887.
O Futuro. S. Paulo, 1885.
Il Garibaldi. S. Paulo, 1885.
Juventude. S. Paulo, 1885.
O sertanejo. S. Paulo, 1885.
A Procellaria. S. Paulo, 1887.
O Pince-Nez. Santos, 1886.
A ordem. S. Paulo, 1862, 1874, 1875, 1883 a 1885.
Gazeta do Povo. S. Paulo, 1879 a 1886.
Jornal do Commercio. S. Paulo, 1883-1884.
A Constituinte. S. Paulo, 1879-1880.
Gazeta de S. Paulo. S. Paulo, 1881.
O Paulista. S. Paulo, 1886.
Diario Popular. S. Paulo, 1884 a 1886.
Gazeta Liberal. S. Paulo, 1883.
Diario Mercantil. S. Paulo, 1884 a 1881.
Germania. S. Paulo, 1879 a 1886.
O Thabor. S. Paulo, 1883 a 1886.
Monitor Sul-Mineiro. São Paulo, 1884 a 1887.
O Domingo. S. Paulo, 1886-1887.
A Comedia. S. Paulo, 1881.
O Arado. S. Paulo, 1883.
O Americano. S. Paulo, 1881.
A Imprensa Paulista. S. Paulo, 1859 a 1862.
O Secolo. S. Paulo, 1875-1876.
O Parahyba. Guaratinguetá, 1865 a 1875.
O Publicador Paulistano. S. Paulo, 1858.
O Amigo da religião. S. Paulo, 1855.
A Epocha. S. Paulo, 1863.
Radical Paulistano. S. Paulo, 1869.
O constitucional. S. Paulo, 1871 a 1885.
Omnibus. S. Paulo, 1873.
O Paiz. S. Paulo, 1866.
Sete de Abril. S. Paulo, 1865.
A Razão. S. Paulo, 1862.
O Coaracy. S. Paulo, 1875-1876.
Le Brésil. Paris: 1882, 1886 a 1887.

Aurora Paulistana. São Paulo, 1853.
Estrella Paulistana. Guaratinguetá, 1865-1866.
A Lei. S. Paulo, 1857 a 1860
A Lucta. S. Paulo, 1882.
A Independencia. S. Paulo, 1868.
O Pindamonhangabense. S. Paulo, 1883.
O Imparcial. S. Paulo, 1868.
O Arassoyaba. S. Paulo, 1858.
A Academia de S. Paulo. S. Paulo, 1876.
O Brado da Patria. São Paulo, 1865.
O Regate. S. Paulo, 1871.
O Doze de Maio. S. Paulo, 1863.
O Voluntario. S. Paulo, 1865.
Gazeta de Mogy das Cruzes. Mogy das Cruzes, 1882.
O Academico do Sul. S. Paulo, 1858.
O Combate. S. Paulo, 1881.
O Jornal do Povo. S. Paulo, 1870.
O Caboclo. Santos, 1863.
O Conservador. S. Paulo, 1849.
Jhering. S. Paulo, 1882.
O Paulista. S. Paulo, 1885.
O Lyrio. Santos, 1867.
A Propaganda. S. Paulo, 1871.
O Operario. S. Paulo, 1869.

LEVANTAMENTO NO *CATÁLOGO DE OBRAS RARAS DA BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE*: INTRODUÇÃO E OBRAS

INTRODUÇÃO

Entregamos ao público estudioso de São Paulo e do Brasil, pela primeira vez, o **Catálogo de Obras Raras**, correspondente ao acervo de edições raras, de luxo e de tiragem limitadas do Setor de Raridades da Divisão de Bibliotecas. Em síntese, o acervo de obras raras da Biblioteca Municipal “Mário de Andrade”, constituído, em sua mor parte, de bibliotecas que pertenceram a Paulo Prado, Eduardo Prado, Eugênio Egas, Feliz Pacheco e Francisco de Assis Carvalho Franco.

[...]

As preciosidades são numerosas e em várias línguas, predominando, contudo, os livros editados em português dos séculos XVIII e XIX – obras que consistem em verdadeiro patrimônio espiritual do país e cuja proteção se impõe para evitar o que o escritor Franklin de Oliveira chamou de “morte da memória nacional”.

[...]

Não será o acervo aqui inventariado um acervo da opulência da livraria do Marquês de Castelo Melhor, vendido em 1878. Nem terá também a riqueza e variedade do acervo da Barbosa Machado, que serviu de base para a criação da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro por D. João VI. E, nem mesmo, com especialização, para citar das mais famosas e modernas, do acervo da Brasileira de J. F. de Almeida Prado já agora de posse da Universidade de São Paulo e que se constituiu, pela sua riqueza e variedade, nos fundamentos da criação do Instituto de Estudos Brasileiros. Todavia, a Secção de Obras Raras da Biblioteca Municipal “Mário de Andrade” integrada por doações e compras de bibliotecas particulares, não terá que se encolher diante de tantas livrarias famosas.

[...]

O método de inventariação foi o mais simples possível. Semelhante ao de Brunet, funcional e descritivo. [...].”

São Paulo, julho de 1969.
Leonardo Arryo
Diretor do Departamento de Cultura.

Século XV (Fichas: 1 a 9, Páginas: 1 e 2)
Século XVI (Fichas: 10 e 151, Páginas: 3 a 23)
Século XVII (Fichas: 152 a 528, Páginas: 24 a 71)
Século XVIII (Fichas: 529 a 1078, Páginas: 72 a 144)
Século XIX (Fichas: 1079 a 2823, Páginas: 145 a 336)
Século XX (Fichas: 2824 a 4494, Páginas: 337 a 490)

SÉCULO XIX

A

- ABREU, Casimiro José Marques de. *As primaveras*. 2ª edição (3ª de Lisboa) Acrescentada com novas poesias, o Camões e o jáo e dois romances em prosa; o juízo critico de varios escriptores brasileiros e um prologo, por M. Pinheiro Chagas, Lisboa, Typ. do Panorama, 1987.
- ALENCAR, José Martiniano de. *Alfarrabios: crônicas dos tempos coloniaes*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1873. 2 v. 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. *As azas de um anjo*. Rio de Janeiro, Editores Soares & Irmão, 1860. 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. *Ao correr da penna; revista hendomadaria das paginas menores do Correio mercantil* [série de folhetins que publicara em 1853 e 1854 coligidos por um seu colega e amigo o Dr. J. M. Vaz Pinto] [São Paulo] [1874].
- ALENCAR, José Martiniano de. *Cartas sobre a Confederação dos tamoyos*, por Ig [pseud.] publicadas no Diario. Rio de Janeiro, Empreza Typographica Nacional do Diario, 1856.

- ALENCAR, José Martiniano de. A expiação. Segunda parte das Azaz de um anjo. Rio de Janeiro, Em casa do editor A. A. da Cruz Coutinho, 1868.
- ALENCAR, José Martiniano de. O gaúcho: romance brasileiro [por] Senio [pseud.] 1ª edição. Rio de Janeiro, Editor proprietario B. L. Garnier, 1870.
- ALENCAR, José Martiniano de. O jesuíta: drama em quatro actos. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1875. 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. As minas de prata: romance. Rio de Janeiro, B. L. Garnier; Paris, E. Belhate, 1877. 2ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. A pata da gazella: romance. Rio de Janeiro, Editor proprietario B. L. Garnier, 1870, 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. Senhora: perfil de mulher. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1875, 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. O sertanejo: romance brasileiro. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1875. 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. Sonhos d'ouro: romance brasileiro. Rio de Janeiro. Editor proprietario B. L. Garnier, 1872. 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. Til: romance brasileiro. Rio de Janeiro, Editor proprietario B. L. Garnier, 1872, 4 v. 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. O tronco do ipê: romance brasileiro. Rio de Janeiro, Editor proprietario B. L. Garnier, 1871. 2v. 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. Ubirajara: lenda tupy. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1874. 1ª edição.
- ALENCAR, José Martiniano de. Uma these constitucional: a princeza imperial e o principe consorte no Conselho de Estado. Rio de Janeiro, Na Livraria Popular de A. A. da Cruz Coutinho, 1867. 1ª edição.
- ALMEIDA, Manuel Antonio de. Dous amores: drama lyrico em tres actos; poesia, imitação do italiano Piave; musica da condessa Rafaela de Rozwadowska. Rio de Janeiro, Typ. e Livraria de B. X. Pinto de Sousa, 1861.
- ALMEIDA, Manuel Antonio de. Memorias de um sargento de milicias. Rio de Janeiro, Typographia do Diario de Rio de Janeiro, 1863, 2 v.
- ALVES, Antonio de Castro. A cachoreira de Paulo-Affonso. Bahia, Imprensa Economica. 1876.
- ARAUJO, Alexandre Herculano de Carvalho e. A batalha d'Ourique e a sciencia arábico-academica: carta ao redactor da Semana. Lisboa, Imprensa Nacional, 1851.
- ARAUJO, Alexandre Herculano de Carvalho e. O bobo. Lisboa, Viuva Bertrand & Ca., Successores Carvalho & Ca., 1878.
- ARAUJO, Alexandre Herculano de Carvalho e. Considerações pacificas sobre o opusculo Eu e o clero: carta ao redactor do periodico A Nação. Lisboa, Imprensa Nacional, 1850.
- ARAUJO, Alexandre Herculano de Carvalho e. Eu e o clero: carta ao Em.mo cardeal-patriarcha. Segunda edição. Lisboa, Imprensa Nacional, 1850.
- ARAUJO, Alexandre Herculano de Carvalho e. Eurico, o Presbytero. Lisboa, Imprensa Nacional, 1864.
- ARAUJO, Alexandre Herculano de Carvalho e. Historia de Portugal. Segunda edição, Lisboa, Em casa de viúva Bertrand e Filhos, 1853-1854, 4 v.
- ARAUJO, Alexandre Herculano de Carvalho e. Lendas e narrativas. Sexta edição. Lisboa, Viuva Bertrand & Cª, successores Carvalho & Cª, (1884). 2 v.
- ARAUJO, Alexandre Herculano de Carvalho e. Poesias. Lisboa, Em casa da viúva Bertrand e Filhos, 1850.
- ARAUJO, Alexandre Herculano de Carvalho e. O monge de Cister; ou A epocha de D. João I. Lisboa, na Imprensa Nacional, 1848, 2 v.
- ARAUJO, Alexandre Herculano de Carvalho e. Solemnia verba: cartas ao senhor A, L. Magessi Tavares sobre a questão actual entre a verdade e uma parte do clero. Lisboa, Imprensa Nacional, 1850.
- ARAUJO, Alexandre Herculano de Carvalho e. A voz do propheta. Ferrol [Imprensa de Ezpeleta] 1836. 2 v. Imprinta cuposta: provavelmente impresso em Lisboa.
- ARAUJO, Alexandre Herculano de Carvalho e. A voz do propheta [primeira e segunda serie] Rio de Janeiro [Typ. Impr. e Const. de J. Villeneuve e Comp.] 1837.
- ASSIS, Joaquim Machado de. Chrysalidas: poesias; com prefacio do Dr. Caetano Filgueiras. Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, 1864.
- ASSIS, Joaquim Machado de. Os deuses de casaca. Rio de Janeiro, Typografia do Imperial Instituto Artistico. 1866. 1ª edição.
- ASSIS, Joaquim Machado de. Historias sem data. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro-Editor, 1884. 1ª edição.
- ASSIS, Joaquim Machado de. A mão e a luva. Rio de Janeiro, Editores Gomes de Oliveira & C., 1874. 1ª edição.
- ASSIS, Joaquim Machado de. Memorias posthumas de Braz Cubas. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1881. 1ª edição.
- ASSIS, Joaquim Machado de. Phalenas. Rio de Janeiro, B. L. Garnier Editor; Paris, E. Belhate Livreiro [1870].
- AZEVEDO, Manuel Antonio Alvares de. O conde Lopo. Rio de Janeiro, Typo. G. Leuzinger & Filhos, 1886. 1ª edição.

- AZEVEDO, Manuel Antonio Alvares de. A noite na taverna: contos phantasticos; acompanhado da biographia do auctor, por J. M. de Macedo. Rio de Janeiro. Á venda na livraria dos editores Maia & Ramos, 1878.
- AZEVEDO, Manuel Antonio Alvares de. Obras. Rio de Janeiro, Typ. Americana, de J. J. da Rocha, 1853. 2 v.
- AZEVEDO, Manuel Antonio Alvares de. Obras. Precedidas de um discurso biographico e acompanhadas de notas pelo Sr. Dr. Jacy Monteiro. Terceira edição, accrescentada com as obras ineditas, e um appendice contendo discursos, poesias e artigos feitos a occasião da morte do autor. Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier; Paris, Garnier Irmãos Editores, 1862.
- AZEVEDO, Manuel Antonio Alvares de. Poesias. Rio de Janeiro, Typ. Americana, de J. J. Rocha, 1853. 1ª edição.

B

- BALZAC, Honoré de. La dernière incarnation de Vautrin. Paris, Chez Louis Chlendowski, 1848. 3 v.
- BALZAC, Honoré de. La femme supérieure ; La maison Nucigen ; La Torpille. Paris, Werdet, 1838. 2 v.
- BALZAC, Honoré de. Histoire impartiale des jésuites. Paris, Calman Lévy, 1880.
- BALZAC, Honoré de. Monographie de la presse parisienne ; illustrée de scènes, croquis, charges, caricatures, portraits et grandes vignettes hors texte, avec un tableau synoptique de l'Ordre Gendelettre. Extrait de la Grande Ville, nouveaux tableau de Paris. Paris, Au Bureau Central des Publications Nouvelles, 1842.
- BALZAC, Honoré de. Oeuvres illustrées. Paris, Michel Lévy Frères, 1867. 8 v.
- BALZAC, Honoré de. Physiologie du mariage, ou, Méditations de philosophie éclectique, sur le bonheur et le malheur conjugal ; publiées par Un jeune célibataire [pseud.] Paris, Levasseur, 1830, 2 v.
- BALZAC, Honoré de. Traité de la vie élégante. Paris, Librairie Nouvelle, 1853.
- BAUDELAIRE, Pierre Charles. L'art romantique. Paris, Calmann Lévy, 1885.
- BAUDELAIRE, Pierre Charles. Curiosités esthétiques. Nouvelle édition. Paris, Calmann Lévy, 1889.
- BAUDELAIRE, Pierre Charles. Les fleurs du mal. Paris, Poulet-Malassis et de Broise, 1857. 1ª edição.
- BAUDELAIRE, Pierre Charles. Petits poèmes en prose ; Les paradis artificiels. Nouvelle édition. Paris, Calmann Lévy, Éditeur, ancienne maison Michel Levy Frères, c1885.
- BÉRANGER, Pierre Jean de. Œuvres complètes édition unique revue par l'auteur ; ornée de 104 vignettes en taille-douce, dessinées par les peintres les plus célèbres. Paris, Perrotin, 1834, 5v.
- BRANCO, Camilo F. B. Castelo. Obra completa dividida em 80 títulos, impressos em diversas tipografias de Portugal e da França, entre os anos de 1845 e 1890.
- BYRON, [Lord] George Gordon Noel, 6º barão. Byron's select works; to which is prefixed a biografical notice on lord Byron, by J. W. Lake, Esp. Paris, Published by J. H. Truchy, 1843.

C

- CHATEAUBRIAND, François Auguste René [Visconde de]. Atala. Com desenhos de Gustavo Doré. Tradução de Guilherme Braga. Porto, Typ. Luso-Britannica, 1873.
- CHATEAUBRIAND, François Auguste René [Visconde de]. Atala. Traducção de Guilherme Braga ; com desenhos de Gustavo Doré, gravadas por João Pedroso. Porto, Empresa Editora de Obras Clássicas e Ilustradas, 1878.
- CHATEAUBRIAND, François Auguste René [Visconde de]. Génie du christianisme. Vignettes para Theophile Fragonard, gravures par Porret. Paris, Pourrat Frères, édit., 1838.
- CHATEAUBRIAND, François Auguste René [Visconde de]. Os martyres, ou Triunpho da religião cristã. Traduzido em versos portuguezes por Francisco Manoel; e por este dedicado ao Illmo. Senhor Antonio de Araujo de Azevedo. Conde de Barca. Com o retrato do Traductor. Paris, Vende-se em Casa de Rey e Gravier, 1816, 2 v.
- CHATEAUBRIAND, François Auguste René [Visconde de]. Le roi, la charte et les honnêtes gens. Em Le Conservateurs. Paris, 1819.

D

- DIAS, Antonio Gonçalves. Cantos : collecção de poesias. Segunda edição. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1857.
- DIAS, Antonio Gonçalves. Cantos : collecção de poesias. Quarta edição, Leipzig, F. A. Brockhaus, 1865.
- DIAS, Antonio Gonçalves. Cantos. Tomo primeiro. Quinta edição. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1877.
- DIAS, Antonio Gonçalves. Diccionario da lingua tupy chamada lingua geral dos indigenas do Brazil. Lipsia, F. A. Brockhaus, 1858.
- DIAS, Antonio Gonçalves. Obras posthumas. Precedidas de uma noticia de sua vida e obras, pelo Dr. Antonio Henrique Leal. Sant'Luiz do Maranhão [Imp. Por B. de Mattos] 1868-1869. 6 v.

- DIAS, Antonio Gonçalves. Poesias. Quinta edição, augmentada com muitas poesias, inclusive Os tymbiras, e cuidadosamente revista pelo Sr. Dr. J. M. Precedida da biografia do autor pelo Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro, B.-L. Garnier; Paris, E. Belhate 1870, 2 v.
- DIAS, Antonio Gonçalves. Segundos cantos e Sextilhas de frei Antão. Rio de Janeiro [Typografia Classica, de José Ferreira Monteiro] 1848.
- DUMAS, Alexandre Davy de la Pailleterie. La jeunesse de Pierrot, par Aramis [pseud.] Paris, Libraire Nouvelle, 1854.

F

- FIELDING, Henry. Tom Jone : ou, Histoire d'un enfant trouvé : traduction nouvelle et complète ornée de douze gravures en taille-douce. Paris, Imprimerie de Firmin Didot frères, 1833. 4 v.
- FLAUBERT, Gustave. L'éducation sentimentale : histoire d'une jeune homme. Paris, Michel Lévy Frères, 1870, 2v.
- FLAUBERT, Gustave. Lettre, de M. Gustave Flaubert a la municipalité de Rouen au sujet d'un vote concernat Louis Bouilhet. Paris, Michel Lévy Frères, 1972.
- FLAUBERT, Gustave. Madame Bovary : mœurs de province. Paris, Michel Lévy Frères, 1857, 2v.
- FLAUBERT, Gustave. La tentation de saint Antoine. Paris, Charpentier et Cie., 1874.
- FLAUBERT, Gustave. Trois contes. Paris, Charpentier, 1877.

G

- GARROUX, Anatole Louis. Bibliographie brésilienne : catalogue des puvrages français & latins relatifs au Brésil, 1500-1898. Paris, Ch. Chadenat, Jablonski, Vogt et Cie., 1898.
- GARRETT, Visconde d'Almeida Garrett. Camões. Segunda edição. Lisboa, Typographia de José Baptista Morando, 1839.
- GARRETT, Visconde d'Almeida Garrett. O Chronista, semanario de politica, litteratura, sciencias, e artes. Lisboa, Na Imprensa de Portuguez, 1827.
- GARRETT, Visconde d'Almeida Garrett. O retrato de Venus : poema. Coimbra, Na Imprensa da Universidade, 1821.
- GAUTIER, Théophile. Les grotesques. Deuxième édition. Paris, Desessart, 1845, 2 v.
- GAUTIER, Théophile. Honoré de Balzac. Édition revue et augmentée, avec un portrait gravé a l'eau-fort par E. Hédouin. Paris, Poule-Malassis et de Broise, 1859.
- GAUTIER, Théophile. Les jeunes-France: romans degoguenards. Bruxelles, Chez tous les Libraires, 1867.
- GAUTIER, Théophile. Poésies complètes. Paris, Charpentier, 1877, 2v.
- GONCOURT, Edmon Louis Antoine Huot de. Gavarni : l'homme et l'œuvre, par Edmond & Jules de Goncourt. Paris, Charpentier, 1879.
- GONZAGA, Tomás Antonio. Cartas chilenas (treze) em que o poeta Critillo conta a Dorothéo os factos de Fanfarrao Minezio, governador do Chile; copiadas de um antigo manuscripto de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, e dadas á luz com uma introduccão em casa dos editores Eduardo & Henrique Laemmert, 1863.
- GONZAGA, Tomás Antonio. Marilia de Dirceo. Nova edição. Lisboa, na Typographia Rollandiana, 1840.
- GUIMARAES, Bernardo. Cantos da solidão: poesias. São Paulo. Typographia Liberal, de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, 1852.
- GUIMARÃES, Bernardo. Cantos da solidão: poesias. Seguidas de novas poesias do mesmo autor, e de outras de autor anonymo. Rio de Janeiro, Typ. Americana de José Soares de Pinho, 1858. 2ª edição.

H

- HUGO, Victor Marie. L'année terrible; illustrations de L. Flameng et D. Vierge. Paris, Michel Lévy Frères, 1874.
- HUGO, Victor Marie. L'art d'être grand-père. Édition nationale. Paris, Émile Testard et Cie. 1888.
- HUGO, Victor Marie. Les feuilles d'automne. Paris, Eugène Renduel. 1832.
- HUGO, Victor Marie. La légende des siècles; nouvelle série. Paris, Alphonse Lemerre [1857] 2 vol.
- HUGO, Victor Marie. La légende des siècles: première série. Paris, Alphonse Lemerre [1859].
- HUGO, Victor Marie. La légende des siècles: dernière série. Paris, Alphonse Lemerre [1883].
- HUGO, Victor Marie. Lucrèce Borgia : drame. Paris, Eugène Renduel, 1833.
- HUGO, Victor Marie. La pitié suprême. Paris, Calmann-Lévy, 1879.
- HUGO, Victor Marie. Les rayons et les ombres. Paris, Delloye, 1840.
- HUGO, Victor Marie. Ruy Blas. Paris, H. Dellye, 1838.
- HUGO, Victor Marie. Torquemada: drame. Paris, Calmann Lévy, 1882.
- HUGO, Victor Marie. Les voix intérieures. Paris, Eugène Renduel, 1837.

L

- LAMARTINE, Alphonse de. Histoire des gerondins. Paris, Furne et Cie. 1847, 8 v.
- LAMARTINE, Alphonse de. Mpeditations poétiques. Seconde édition, revue et augmentée. Paris, Au dépôt de la Librairie Grecque Latine-Allemande, 1820.
- LESAGE, Alain René. Historia de Gil Blaz de Santilhana ; tradução portuguesa de Julio Cesar Machado. Edição monumental ilustrada com perto de 400 gravuras intercaladas no texto e 30 oleographias em separado. Segunda edição. Lisboa, David Corazzi Editor, 1885-1886. 2 v.

M

- MACEDO, Joaquim Manuel de. Anno biographico brasileiro. Rio de Janeiro, Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artistico, 1876, 3 v.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. Cincinnato quebra-louça: comedia em cinco actos. Rio de Janeiro, B. L. Garnier; Paris, E. Belhatte, 1873. 1ª edição;
- MACEDO, Joaquim Manuel de. Ephemeride historica do Brasil; primeiro volume. Rio de Janeiro, Typ. do Globo, 1877.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. Licções de história do Brasil, para uso dos alumnos do imperial collegio de Pedro Segundo. Rio de Janeiro, Em casa de Domingos José Gomes Brandão, 1863.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. Memorias da rua Ouvidor; publicadas em folhetins no Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, Typographia Perseverança, 1878.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. A nebulosa. Rio de Janeiro, Typographia Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1857.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro; primeira serie. Rio de Janeiro, Typ. Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1852-1863. 2 v.
- MAGALHÃES, Gonçalves de, visconde de Araguaia. Antonio José, ou, O poeta e a inquisição: tragedia. Rio de Janeiro, Typ. Imparcial de F. de Paula Brito, 1838.
- MAGALHÃES, Gonçalves de, visconde de Araguaia. A confederação dos tamoyos. Rio de Janeiro, Empreza Typog. Dous de Dezembro de Paula Brito, 1856.
- MAGALHÃES, Gonçalves de, visconde de Araguaia. A confederação dos tamoyos. Rio de Janeiro, Empreza Typographica Dous de Dezembro de Paula Brito, 1857.
- MAGALHÃES, Gonçalves de, visconde de Araguaia. A confederação dos tamoyos: poema. Coimbra, Imprensa Litteraria, 1864.
- MAGALHÃES, Gonçalves de, visconde de Araguaia. Olgiato: tragedia em cinco actos. Rio de Janeiro, Typographia Imparcial de F. Paula Brito, 1841. 1ª edição.
- MAGALHÃES, Gonçalves de, visconde de Araguaia. Poesias. Rio de Janeiro, Na Typographia de R. Ogier, 1832. 1ª edição.
- MAGALHÃES, Gonçalves de, visconde de Araguaia. A revolução da provincia do Maranhão desde 1839 até 1849 [Maranhão] A venda na typographia do Progresso, e na Livraria e Papelaria de Antonio Pereira Ramos de Almeida [1858].
- MAGALHÃES, Gonçalves de, visconde de Araguaia. Urania. Rio de Janeiro, B. L. Garnier. 1862. 1 edição.
- MÉRIMÉE, Prosper. Chronique du temps de Charles IX, par l'auteur du Théâtre de Clara Gazul. Paris, Alexandre Mesnier, 1829.
- MÉRIMÉE, Prosper. Colomba. Paris, Magen et Comon, 1841.
- MÉRIMÉE, Prosper. Notes d'un voyage dans le Midi de la France. Paris, Librairie de Fournier, 1835.
- MÉRIMÉE, Prosper. Notes d'un voyage dans l'ouest de la France. Extrait d'un rapport adressé a M. le Ministre de l'intérieur. Paris, Librairie de Fournier, 1836.
- MICHELET, Jules. L'oiseau. Paris, Librairie de L. Hachette et Cie., 1856.
- MICHELET, Jules. La sorcière. Paris, E. Dentu, 1862.
- MUSSET, Louis Charles Alfred de. Les caprices de Marianne : comédie en deux actes, en prose. Paris, Charpentier, 1851.

P

- POE, Edgar Allan. Aventures d'Arthur Gordon Pym ; Eureka ; traduction de Charles Baudelaire. Deuxième édition. Paris, Calmann Lévy, 1880.
- POE, Edgar Allan. Histoires extraordinaires ; traduction de Charles Baudelaire. Paris, Michel Lévy [P/F][r]ères, 1856.

- POE, Edgar Allan. *Nouvelles histoires extraordinaires* ; traduction de Charles Baudelaire. Paris, Michel Lévy Frères, 1857.
- POE, Edgar Allan. *Nouvelles histoires extraordinaires* ; traduction de Charles Baudelaire. Paris, Calamann-Lévy, 1886.
- PORTO-ALEGRE, Manuel de Araujo. *Brasilianas*. Vienna, Imperial e Real Typographia, 1863. 1ª edição.
- PORTO-ALEGRE, Manuel de Araujo. *Colombo: poema*. Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, 1866.
- PORTO-ALEGRE, Manuel de Araujo. *A destruição das florestas: brasiliana em tres cantos*. Rio de Janeiro, Typ. do Ostensor Brasileiro, de J. J. Moreira, 1845. 1 edição.

S

- SAINTE-BEUVE, Charles Augustin de. *Les consolations : poésies*. Deuxième édition. Paris, Eugène Renduel, 1835.
- SAINTE-BEUVE, Charles Augustin de. *Volupté* Paris. Eugène Renduel, 1834.

T

- THIERS, Louis Adolphe. *Histoire de l'empire ; faissant suite a l'Histoire du consulat*. Paris, Lheureux et Cie., 1865-1867, 4 v.
- THIERS, Louis Adolphe. *Histoire de la révolution française*. Troisième édition. Paris, Lecoq et Pougin éditeurs, Paulin Librairie, 1832.
- THIERS, Louis Adolphe. *Histoire de la révolution française*. Nouvelle édition ; dessins par Yan Dargent. Paris, Furne, Jouvot et Cie., 1866, 2 v.
- THIERS, Louis Adolphe. *Histoire du consulat*. Paris, Librairie, Furne, Jouvot et Cie., 1883.

V

- VARELA, Luís Nicolau Fagundes. *Anchieta, ou, O evangelho nas selvas : poema*. Rio de Janeiro, Livraria Imperial, de E. G. Possollo Editor, 1875. 1ª edição.
- VARELA, Luís Nicolau Fagundes. *Cantos e phantasias*. São Paulo, Garroux, de Lailhacar e Cia., 1865.
- VARELA, Luís Nicolau Fagundes. *Diario de Lazaro*. Com estudo critico por Francklin Tavora; edição da Revista Brasileira. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1880.
- VARELA, Luís Nicolau Fagundes. *O estandarte auri-verde : cantos sobre a questão anglo-brazileira*. S. Paulo, Typ. Imparcial de J. R. de A. Marques, 1863.
- VARELA, Luís Nicolau Fagundes. *Vozes da America*. S. Paulo, Typ. do Correio Paulistano, 1876. 2ª edição;
- VARELA, Luís Nicolau Fagundes. *Vozes da America*. Segunda edição, correcta e augmentada. Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1876.
- VIGNY, Conde Alfred de. *Servitude et grandeur militaires*. Deuxième édition. Paris, Victor Magen, 1836.